

Defensor do Povo

COIMBRA — Quinta feira, 12 de março de 1896

COISAS E LOISAS

AINDA UMA PERGUNTA EM FAMILIA

Parece a muitos, e entre elles a alguns republicanos, que todo o grande defeito, que o vicio radical das instituições monarchicas e a origem de todos os nossos males estão em o rei ser o unico a governar, quando se deveria limitar a reinar, deixando inteiramente o governo e a administração do Estado entregues e nas mãos dos seus ministros e do parlamento.

Com esta monarchia, com uma tal realza nulla, sem acção, nem influencia nos negocios publicos, a monarchia seria boa, a realza seria excellente ou, pelo menos, toleravel.

Isto porém é impossivel.

As cousas são o que são, e não o que nós queremos que ellas sejam.

Nunca existiu uma tal monarchia; não a, nun ca se viu uma realza assim.

Monarchia absoluta, monarchia constitucional, realza liberal, representativa, democratica, realza de Deus ou do diabo, foi sempre um facto real e positivo, e não uma phantasmagoria.

Teve sempre acção poderosa e influencia decisiva, sempre governou e preponderou no governo das nações, na administração dos Estados.

Supponhâmos, por mera hypothese, que o rei reina e não governa, como cousa inutil, como *traste de luxo, obra de phantasia, ornato dispendioso, enfeite de subido preço* nesta obra de arte mechanica e decorativa, á qual, por convenção, se deu o nome de monarchia, constitucional, liberal, representativa, etc. e tal.

Supponhâmos que o rei, todo entregue ás caçadas, ás viagens de recreio, aos theatros e aos circos, aos festins e recepções palacianas, aos divertimentos e passatempos da sua corte e das cortes estrangeiras, se digna fechar os olhos á politica, volta as costas á governação do Estado, e não quer saber nem se importa da administração publica do seu reino, do bem ou mal estar dos seus subditos e vassallos da sua corôa.

Supponhâmos que o rei deixava inteiramente a função de governar e administrar, á vontade e sem barulho, aos seus ministros.

O rei, segundo alguns republicanos, deveria ficar; o rei seria muito bom, e ficaria.

Mas supponhâmos tambem que dava na telha ao rei não sympathisar com os seus ministros, embirrar com elles, ou que elles lhe não satisfaziam todos os desejos, todas as pretensões, todas as exigencias e caprichos, todas as phantasias de sua real pessoa e da sua real familia e corte.

Supponhâmos, por exemplo, que os ministros do rei se recusavam obstinadamente a dar-lhe dinheiro para as despesas de uma viagem, para a compra de um palacio ou para a transformação em palacio de uma velha e derrocada fortaleza, para um baile sumptuoso no Paço, para cavallos, cavallariças e berlindas, etc., etc.

Supponhâmos que um governo, que ministros que commetiam a ousadia e o sacrilegio de prohibir as touradas, de retirar o subsidio ao theatro de S. Carlos, onde suas majestades e a sua corte têm por habito ir recrear-se e fazer o chilo, etc., etc.

Não obstante os ministros governavam bem, administravam muito bem e a contento da Nação, com o franco e decidido apoio dos seus representantes, muito á von-

tade e com o applauso dos cidadãos de todas as classes e profissões uteis, no continente, nas ilhas e no ultramar.

Não obstante, o rei, contrariado nos seus desejos, repellido nas suas pretensões, ferido nos seus caprichos, magoado por não ser incondicionalmente obedecido nas suas mais pequenas e extravagantes exigencias, demitte os seus ministros; manda-os passear ao ar livre, barafustar no parlamento ou recolher á privada, se a Sua Majestade apraz addiar ou dissolver tambem o parlamento. Despede-os como quem despede criados, que se recusam a obedecer a seus amos, criados, que não lhe servem; e chama, e contracta outros, que o attendam, que em tudo e por tudo cegamente lhe obedecem; quando, além de os pôr na rua, os não vexa e castiga segundo o código disciplinar palaciano...

Sim; porque supponhâmos que o parlamento reagia contra a vontade e os interesses do rei e dos seus ministros, e só attendia a vontade e os interesses da Nação.

Nestas condições o parlamento era, e seria sempre e em toda a parte muito bom, excellente; mas não ficaria, e seria posto no olho da rua, dissolvido ou addiado indefinidamente...

Ora ahí tem os nossos collegas, a quem dá tanto que entender e causa tantas inquietações e amarguras que o rei seja o unico a governar, a mandar, a fazer, a desfazer, a conceder, a recompôr, a nomear, a demittir, etc., etc.

Ahí tem a consequencia logica, a que os levam a sua critica e systema de argumentar contra o rei, contra os ministros do rei, contra o parlamento do rei e dos seus ministros.

Desenganem-se que não são capazes de sahir d'este sarilho.

Imaginem o melhor dos reis, o melhor dos ministerios, o melhor dos parlamentos, que lá está a chave, que pôde muito bem abrir todas as portas, remover todas as difficuldades, desfazer todos os obstaculos sem os trambolhos; porque o rei desata o vencello, e atira com o trambolho dos ministros e do parlamento ao meio da rua ou á privada, como costuma dizer-se fallando da vida publica.

Desenganem-se: enquanto houver monarchia, realza, — ministerio, parlamento, Povo, Nação, tudo isto de que falla a Carta em linguagem de tropos e figuras, em que abundam as metonymias, alegorias, parabolos e sobretudo antiphrases e euphemismos, é na realidade um burrinho; para Sua Majestade de botas e espóras, e chicote nas unhas, redea teza e freio duplo, barbellas e retranca fazer mercê de montar á vontade, e ir para onde fôr muito do seu real agrado.

Ergo:

Para tirar os defeitos, extirpar os vicios ás Instituições, para curar os nossos males e acabar com todas as nossas miserias e vergonhas, ha um unico meio:

— acabar com o rei.

Para o conseguir ha um só processo:

— acabar com a realza.

Para deixar de ser burrinho, burrinho de carga e de recreio, é necessario deitar ao chão a monarchia. Não basta tirar-lhe as redeas e o chicote das augustas mãos, as botas e as espóras dos regios pés.

E' preciso mais alguma cousa... Percebem?

NO TEMPO DOS CABRAES

Em peor tempo vivemos nós hoje, e muito peor que então; pelo menos haviam crenças e energias, presentemente tudo está anemico e dessorado.

Peor tempo do que o dos Cabraes, muito peor! Sequer ao menos, viam bruxa com o jornalismo patuleia e com o povo, que só fazia protestos no meio das praças, para reagir contra o governo de escupeta ao hombro e roçadeira á cinta — pois então!

Os jornalistas d'esse tempo não se mediam pela bitola do nosso presado *Seculo*. Chamavam o povo á revolta, como nós o chamamos á poltrice, trazendo-o emballado nas doces promessas d'um futuro prospero...

O partido republicano portuguez, assim tem vivido ha muitos annos, e assim viverá, feliz e contente de si proprio, envaidecendo-se, por que a maioria do paiz é republicana!

Estamos surdos de ouvir e acompanhar — em obediencia — a lenga-lenga de todos os dias, de ha dez annos; e sempre os mesmos governos na sua marcha, sem estorvos, vivendo da dissipação e do latrocinio, do despotismo e da perseguição, castigando os justos, e protegendo os criminosos, para lustro e gloria das instituições!

E o paiz... nem pio. Na sua frente em provocação constante um Ferrabraz dos de tres ao vintem, ministro polichinello, em zombaias e pançadas de fadista, a gingar forças, como quem diz — vem para cá...

E ficamo-nos, por que a corrupção que se desenvolve nos de cima, tem sido tão deletéria, e tão envenenadora, que lançou o paiz num marasma indesculpavel, numa indolencia peccaminosa.

Affrontas, sobre affrontas!

Consentiu o João Franco, que em Braga — o fóco dos reaccionarios e jesuitas — se preparasse uma manifestação á irmã Collecta, a assassina de Sarah de Mattos, a quem envenenou para encobrir o crime de violação, que antes se havia perpetrado, contra a virgindade d'essa infeliz creança.

Anteriormente, porém, esse odioso ministro mandara prohibir a manifestação de pezar junto do seu tumulo em consagração á memoria de Sarah de Mattos, victima d'uma derrancada mulher preceptora de coios jesuiticos, onde impera a desmoralisação em alta escala, alcoices, onde se praticam crimes, os mais repugnantes, contra a infancia que lhe é confiada!

E alma tão pervertida, como a da Collecta, teve um jornal que a appellidou de — *pie-dosa martyr!* Que villania!...

O odio ministro do reino deixou em paz a reacção e o jesuitismo na glorificação a uma criminosa — a mais degradante das mulheres! — e não consentiu a manifestação a Guilherme Braga, o apostolo do bem o defensor da humanidade, que imitou Christo, azoragando no seu grande poema, os vendilhões do templo da Liberdade, representados nessa cohorte de rancorosos proselytos da forca e da inquisição.

E' assim que o ministro do reino affronta as liberdades e opprime o povo, ameaçando-o com a municipal, e creando na policia tribunaes com juizes descrepionarios, carrascos de toga, beaguins de vara, que fazem da justiça baluarte de vinganças, servindo-lhes de punhal para cobardemente ferirem adversarios.

O *Seculo* na sua panria de quem não está para massadas, noticia que a policia judiciaria apprehendera *O Paiz, Dia, Diario Popular* e *Correio da Noite* em diferentes estabelecimentos e das mãos dos vendedores ambulantes; informa, que se dizia, que estes jornaes seriam querellados, se bem que se divergia de opinião no que motivou tal procedimento.

Em sentidas lastimas confessava, que diligenciou saber officialmente qual a causa das apprehensões dos seus collegas, mas a policia guardou sobre o assumpto o mais completo segredo.

E por aqui se ficou, como se as apprehensões dos jornaes e as querellas, fosse a coisa mais trivial d'este mundo!

Faz nojo tanta ganancia!

Estamos supportando os maiores ultrajes e as mais odientas perseguições, que se tem feito em Portugal! Chega o despotismo a instituirem-se ordenanças que impõem a qualquer cidadão que não leia, na rua, o jornal apprehendido. A proposito conta o nosso collega — *O Paiz* — um caso succedido na rua do Loreto: estando um seu leitor a lêr pacatamente *O Paiz*, na rua do Loreto, d'elle se approximaram brutalmente dois policias á paisana, que o intimaram a entregar-lhes o jornal; observando aos homens que tinha comprado o jornal, e que, portanto, era d'elle, o não entregava. Os esbirros da corregedoria declararam-lhe que não podia lêr *O Paiz* na rua, em vista do que elle pediu e obteve licença para o ir lêr em casa, dando-se por muito feliz por não ter sido mettido nos carceres da corregedoria.

O cumulo do ridiculo; mas ridiculo que sobe á affrontosa violencia de coarctar a liberdade individual, como se não fez nas epochas calamitosas do absolutismo reaccionario, nem depois nas luctas politicas do cabralismo, onde campeava infrene a perseguição.

Com uma attitud assim de facinoras da Calabria, os protestos não fazem sequer uma beliscadura naquellas couças, petreficadas pela perversidade. O Franco traz instinctos de besta-féra! Corrompida a alma pela perversão do caracter, não teme as balas de papel, que nem matam, nem amolentam — o cynico!...

Como ao polvo é preciso procurar-lhe o sitio vulneravel.

Adelino Veiga

Passou no domingo o 9.º anniversario da morte do popular poeta-operario — Adelino Veiga, nome immorredouro na memoria de todos, pelo quanto trabalhou por amor do operariado, pelo quanto propagou o ideal democratico, nos seus excellentes versos e na sua magnifica prosa.

Foi um poeta lyrico, revolucionario e satyrico, distinguindo-se na poesia com notavel merito, o que lhe valeu as sympathias populares que gosava e a vulgarisação das suas canções, ainda hoje recordadas.

Em todos os semanarios operarios, e outros jornaes, deixou as premicias do seu talento, e os seus versos e prosa foram sempre apreciados.

Publicou dois livros de versos: a *Guitarra d'Almariva* e *A Lyra do Trabalho*, que elle dedicou ao antigo operario, e hoje considerado jornalista, sr. Joaquim Martins de Carvalho. Ambos mereceram a acceitação do publico, que lhe canta as suas glosas para o *Fado*.

Tambem escreveu para o theatro e tem alguns couplets na revista do anno — *No Paiz das Arrufadas*, onde tinha um magnifico papel. Com rara habilidade para o comico, ultimamente, trabalhava no dramatico, sobresaindo no *Gaspar serralheiro*, e no de frei Ignacio, na oratoria de *Santo Antonio*.

Jaz na sua campa e sobre ella se levanta singello monumento a perpetuar a sua memoria, e a bemdizer da sua philantropia e amor pelo desventurado.

Ainda não foi substituido.

A crise financeira

Apesar das habilidades saloias do ministro da fazenda, que por artes e manhas do Carrilho, pinta de côr de rosa a situação financeira, os factos vêm desmentir que as affirmações do governo não podem illudir o paiz, em face do que relatam insuspeitas folhas do Porto e Lisboa, quanto á crise que se conserva latente na praça d'aquella cidade.

A'cerca de descontos diz o *Commercio do Porto* que a exiguidade de capitaes disponiveis difficultou mais as transacções de descontos durante a semana; tendo coincido isto com uma pronunciada má vontade para a reforma de letras vencidas, produzia um certo estado de tensão.

E o proprio *Economista* em correspondencia do Porto, annuncia que os cambios pioraram um pouco, talvez em consequencia da baixa no Rio de Janeiro para 8 1/4 a qual mostra tendencias para inferior cotação.

O SECULO E A REPUBLICA

Tem sido entusiasticamente recebido por todos os republicanos e pela sua imprensa, que tem dado a maior publicidade, o artigo do *Conimbricense*, do seu redactor, sr. Joaquim Martins de Carvalho.

Os nossos leitores hão de apreciá-lo devidamente.

Agita-se na imprensa a questão acerca da attitudão tomada pelo nosso collega do *Seculo* para com o partido republicano.

A extraordinária publicidade que tem o *Seculo* dá a este periodico uma grande importancia, e por isso a sua marcha politica, se podia ser vantajosa ao partido republicano, tambem lhe pôde ser fatal.

O *Seculo*, assim como outros periodicos, pôde proceder como estender; mas desde que pelos seus actos seja prejudicial ao partido a que se diz pertencer, cumpre a esse partido reclamar contra uma tal situação.

Não se pôde, nem se deve servir ao mesmo tempo a dois senhores.

Ou bem republicano, ou bem monarchico.

Ha muitos annos que nos ligam relações pessoais e de amizade com o sr. Magalhães Lima; e por isso muito sentimos ve-lo dar motivo á critica de aquelles que estranhão o seu procedimento.

O sr. Magalhães Lima como director, ao menos na apparencia, do *Seculo*, tomou uma responsabilidade de que bem desejaríamos ve-lo libertado.

Quasi todos os annos vai o nosso amigo fazer uma digressão pela Europa; e ao regressar a Portugal publica um livro muito curioso, em que dá minuciosa noticia da sua viagem, das associações que viu principalmente socialistas e dos homens mais distinctos pela sua intelligencia e dedicação á causa republicana e á causa socialista.

Lemos sempre com o maior interesse esses livros com que nos costuma brindar o sr. Magalhães Lima; mas em seguida ao vermos a attitudão do *Seculo*, tão diametralmente opposta ás doutrinas e opiniões do sr. Magalhães Lima nos seus livros, opodera-se de nós a maior tristeza.

Que deploravel contraste!

Nos livros o progresso nas ideias; e no periodico as palavras estudadas e calculadas.

Acolá um movimento de enthusiasmo; e aqui o estacionamento, senão mesmo o retrocesso.

E' lamentavel!

A responsabilidade do sr. Magalhães Lima está em prestar o seu nome á attitudão d'esse periodico, do qual se diz ser director.

Ha dois annos e meio vieram a nossa casa o sr. Magalhães Lima e outro nosso amigo, então deputado do partido republicano.

Pouco depois de amanhecer já estávamos na typographia a escrever para o *Conimbricense*, onde nos encontraram os nossos amigos.

Depois dos mutuos cumprimentos queixámo-nos vivamente aos visitantes da quasi completa indifferença com que o *Seculo* estava vendo a audacia dos reaccionarios, que pretendiam levar ao parlamento a questão da restauração das chamadas ordens religiosas.

Na sua resposta mostravam ter pouco receio dos maneios dos reaccionarios, dizendo-nos o nosso amigo deputado, que se tal ousassem os reaccionarios, iriam ás côrtes mais de 10.000 pessoas protestar contra este acto.

Mostrámo-lhes que isso não passava de uma utopia; e que aquillo de que se carecia era de muito a tempo se fazer no jornalismo e nas reuniões publicas, uma activa propaganda de opposição a esses tramas.

Decorrido um anno depois da referida visita, achavamo nos em uma noite na loja de drogaria do nosso amigo o sr. Rodrigues da Silva, na rua de Ferreira Borges, e ali nos foi apresentado um individuo que não conheciamos, mas que nos disseram ser o sr. Silva Graça, um dos principaes influentes do *Seculo*.

Depois dos devidos cumprimentos aproveitámo-nos a occasião para, diante das numerosas pessoas que se achavam na loja, censurarmos com toda a indignação e do modo mais energico, a marcha que seguia o *Seculo*, em grave perjuizo da causa liberal, vendo impassivel o grande movimento da reacção jesuitica que se estava operando no paiz.

O sr. Silva Graça não achou para defender o seu procedimento, assim como do *Seculo*, senão dizer-nos que quando esse periodico havia sustentado a campanha do convento das Trinas e da irmã Collecta, se achara só.

Ora ainda que isso fosse completamente exacto não justificava o *Seculo*, porque cada um responde pelos seus actos.

Nós temos sustentado fortes luctas no *Conimbricense* contra os assassinos da Beira, os moedores falsos de Coimbra, desordeiros, casas de jogo, e reaccionarios de todos os matizes, e nunca

recuámos, apesar de muitas vezes nos acharmos isolados, chegando o desaforo a ponto de encontrarem os sicarios d'esta provincia apoio na imprensa periodica, de que podiamos aqui apresentar os documentos comprovativos.

E contudo nunca sossobrámo em a nossa lucta. Quem não tem coragem para sustentar as campanhas de moralidade, larga a pena.

Em seguida ao *ultimatum* houve uma geral indignação contra os inglezes.

Era tal a irritação, que até se censurava os periodicos que prestavam as suas columnas para nellas se publicarem annunciões de mercadorias inglezas, e tudo quanto podia dizer respeito á Inglaterra.

A' sua parte o *Seculo* todos os dias condemnava um periodico de grande publicidade de Lisboa, que apezar de tudo publicava annunciões inglezos; dizendo repetidas vezes o *Seculo*, que esse periodico procedia assim para não perder os *dezeisinhos*.

A exigencia do *Seculo* era talvez excessiva; mas emfim podia ser desculpada pelo amor da patria, que o levava a preferir o decoro nacional ao seu proprio interesse.

Decorre, porém, algum tempo, e vê-se com pa-mo geral que o *Seculo* modificava constantemente a sua linguagem, chegando até a ser considerado orgão semi-official dos diferentes governos.

Podia o *Seculo* não ser extremamente exaltado; mas passar d'ahi a uma quasi total abstenção de censura aos actos arbitrarios dos governos, e isto por parte de um periodico que se diz republicano, é o que se não pôde ver a sangue frio.

No anno passado veio visitar-nos a este escriptorio um nosso amigo, que por varias vezes já foi ministro de e-tado.

Tratando em a nossa conversa de alguns assumptos politicos, condemnámo-nos o procedimento do *Seculo*, que tanto mal estava fazendo á causa da liberdade e em especial ao partido republicano.

Respondeu-nos o nosso amigo, que o *Seculo* não podia deixar de ter as maiores contempções com todos os governos; porque nisso se baseavam os muitos contos de réis que a empresa tinha de interesse annual.

Disse-nos que logo que o *Seculo* se collocasse em aberta hostilidade com os governos, e mesmo se os não favorecesse, perdia grande parte da importancia que tinha do noticiario, d'onde vinha a sua larga publicidade.

Deu-nos d'isso um exemplo.

Quando era ministro de estado recolhia-se o nosso amigo quasi sempre a sua casa das 3 para as 4 horas da madrugada.

Achavam-se ahí á sua espera dois *reporters* do *Seculo*, os quaes lhe perguntavam pelas ultimas noticias.

Como o *Seculo* tinha todas as contempções com o governo, dava o nosso amigo aos *reporters* as informações de todas as noticias dos acontecimentos mais importantes da ultima hora.

Os *reporters* corriam logo á redacção do *Seculo* levar essas informações; e como este periodico tinha uma machina de imprimir da maxima velocidade, podia fazer a impressão depois dos outros periodicos, sem retardar a distribuição, e por isso dava noticias mais adiantadas do que os seus collegas.

Se, porém, o *Seculo* hostilizasse o governo eram-lhe desde logo suspensas todas as noticias dadas directamente pelos ministros e as provenientes das diversas secretarias de estado, o que era um golpe fatal para a empresa.

E-sa posição pôde ser vantajosa para a empresa do *Seculo*; mas é absolutamente incompativel com um periodico que se diz republicano.

Antes se declare francamente monarchico do que dizer-se republicano, e prejudicar gravemente o seu partido.

Repetimos o que já acima dissemos. Não se pôde, nem se deve servir ao mesmo tempo a dois senhores.

Ainda confiamos que o nosso amigo o sr. Magalhães Lima não continue a deixar ver o seu nome sancionar semelhante estado de cousas.

Se não obstar a isso a responsabilidade será toda sua.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Confrontos

O jornal de Paris — *Gil Blas* — diz o seguinte, a proposito da derrota dos italianos na Abyssinia:

«Se os italianos pedissem aos portuguezes um punhado dos bravos que prenderam o Gungunhana, não seriam esmagados pelos abxins, mas antes os levariam adiante de si.»

Nem todos lêem pela mesma Cartilha.

Umás ferias em Madrid

(IMPRESSÕES)

VIII

Nos dois artigos antecedentes, subordinados a esta mesma epigraphe, procuramos informar succintamente os nossos amaveis leitores, da vivissima impressão, mixta de asombro e sincera veneração, deixada em o nosso espirito por tantos e tão raros primorosos artisticos, que tivemos occasião de admirar no magnifico *Museu de Pintura*.

Hoje, procuraremos ainda dar uma idéa approximada e relativamente resumida, um pallido reflexo, das duas salas principaes do museu, que são, respectivamente, a sala de *Goya* e a sala de *Isabel*.

Nesta ultima, vêm-se numerosos trabalhos dos mais celebres pintores, quer nacionaes, quer estrangeiros, como *Velasques*, *Murillo*, *Rubens*, *Ribera*, *Van-Dick*, *Claude Lorrain*, *Durer*, *Rembrandt*, etc.

Encontram-se pois alli reunidas e representadas todas as diferentes e mais conhecidas escolas de pintura: a *hespanhola*, a *italiana*, a *flamenga*, a *franceza* e a *allema*.

Devemos notar ainda, que, qualquer d'estes grandes e divinos mestres se dedicou de preferencia a um genero de pintura, mais em harmonia com as suas prodigiosas qualidades artisticas, mais em relação com o seu temperamento e tendencia natural, mais adequado ao meio em que desenvolveu a sua salutar actividade, e mesino á epocha em que viveram.

Cada um buscando a — originalidade —, que em raros se manifesta d'uma forma aproveitavel, unica nos eleitos da *Arte*, conseguiu salientar brilhantemente o seu privilegiado talento e habilidade, e individualisar-se de modo, áquelles, para quem a pintura não seja estranha, ou a cultivem com esmero, poderem em um simples e rapido volver d'olhos dizer, sem incertezas nem tubear: eis um quadro de *Raphael*; eis uma *madona de Murillo*; eis um retrato de *Van-Dick*, etc.

Todos elles, no genero de sua predilecção, foram grandes e extraordinarios de perfeição e relêvo artistico!

Por exemplo: *Raphael* e *Murillo*, adquiriram a fama e a aureola aurifulgente que cerca os seus consagrados nomes, e alcançaram a primasia, que todos sem distincção lhe reconhecem, pelas suas inegalaveis e candidas *virgens*, dos olhos das quaes parece irradiar em raios purissimos, que varam e penetram como espadas afiadas, os corações supplicantes, sensiveis e francos dos devotos e crentes, unicamente amor e esperança, consolação e doçura!

Rubens, notabilizou-se pela robustez carnal e plastica irreprensivel com que ornou sempre as suas estonteadoras e bem torneadas *figuras*, ordinariamente em fatos paradisiacos, tendo em geral, por unico abrigo fartas tranças de cabelo a enroscar-se-lhes em volta dos corpos esculpturais.

Van-Dick e *Durer*, immortalisaram-se pela expressão, nitidez e vivacidade, que souberam imprimir aos seus parecidissimos e muito apreciados retratos. As côres combinando-se na sua palheta davam-nos a propria vida, reduzida á immobildade d'uma estatua sem macula, á qual a palavra auxiliada com o gesto tornaria verdadeira encarnação do personagem pintado. Poderia o artista bradar-lhe como Miguel Angelo ao seu Moyses — «*Paria!*».

Claude Lorrain, viu o seu nome festejado pelas lindissimas e mimosas paisagens com que illustrou os seus admiraveis quadros, d'uma concepção encantadora de simplicidade, e espiciando fielmente a Natureza, immortal modelo dos artistas de todas as epochas e de todos os tempos.

Nós, porém, permitam-nos, especialisarmos e queremos mesmo salientar d'entre todos estes notaveis maneiradores do pincel, o grande, o incomparavel *Murillo*!

Pintor nacional mais que nenhum outro, nas suas arrebatadoras télas manifesta com verdade, irreprensivel perfeição e firmeza os typos caracteristicos do seu formoso paiz, a vivacidade, as formas elegantes e distinctas, as feições corretissimas e das mais suas velhas, os rostos ovaes, peculiares na mulher hespanhola, predicados, que fizeram subbir essas *Venus* da terra e dos homens a um pedestal de honra, perante o qual, todos nós, sensiveis ao — odor di femina — nos curvamos reverentes, deslumbrados por tantos attractivos juntos, subjugados por tão dominadores encantos!

A sala de *Goya*, é tambem notabilissima. Encontra-se nos maravilhosos quadros, que a enchem, adornam e enriquecem, especificados e superiormente descriptos todos os costumes populares das diversas provincias hespanholas; não da Hespanha dos tempos mo-

dernos, mas da cavalheirosa e truanesca Hespanha dos tempos passados...

Desde que o *extrangeirismo*, ou mais propriamente o *francezismo*, se intrincheirou em todas as nações, a Hespanha soffreu, como era de esperar, o seu embate; e tambem como as outras nações, apesar de civilizadas e em adiantado grau de progresso, não soube triumphar d'elle; foi vencida.

O cunho nacional deixou-se levar aos poucos, e acabou por perder-se; successivamente, foi desaparecendo por entre as traiçoerias e apertadas malhas que lhe armou o *extrangeirismo*, sendo brutalmente vencido e inconscientemente morto, sem um esforço reparador e eficaz, tristemente o confessamos! lhe embargam os passos, e restaurar o perdido!

Ficaram d'esses admiraveis costumes, re-passados de mysticismo, de inolvidaveis tradições e contemporaneos dos aventureiros tempos d'out'ora, que nunca mais voltarão, e jazem agora, para todo o sempre, occultos nas sombras insondaveis e tenebrosas da eternidade!

Loureiro e as *manolas*, que pouco ou nada se vêm actualmente; os *chales* de seda, claros e garridos, primorosamente bordados a *mati*, que ninguem como ellas sabe lançar sobre os seus airozos e desempenados hombros, onde estão? nalgum guarda roupa de theatro ou de entrudo; a *chula* e o *rata*, individualidades typicas d'uma conhecida classe em decadencia permanente, sempre miseravel, rota e faminta, foram lançadas ao esquecimento, ou barbaramente assassinadas pela critica tola e petulante, ou então... pela invasão absorvente do *extrangeirismo* corruptor.

Goya, ainda assim, conseguiu transpôr a salvo a corrente caudalosa em que raros não se submergiram; e, despresando criticas e recriminações balofas e jrrisórias, conservou, prestando um relevantissimo serviço ao seu paiz, e particularmente á *Arte*, com seus scintillantes quadros, nos quaes o *salero* e a vivacidade, que tanto caracteriza a raça hespanhola, e corre no sangue dos habitantes das duas *Castellas* se mostram.

Ninguem, devemos tambem confessar para sermos justos e imparciaes, soube como *Ribera*, pintar os horrores da Inquisição, e traduzir na fria rigidez dos seus fortes e duros traços, o sangue a escoar-se das feridas abertas, a maior parte das vezes, no corpo de innocentes, victimas das torturas e artimanhas de requintada selvageria e feracidade, em que primavam os officiaes do *Santo Officio*, essa seita nefanda, que tristemente se tornou notavel, dominou e opprimiu torturando os povos!

Ninguem como elle para nos dar pintado uma impressão de afflicção ou de crueldade impassivel, ou pôr na expressão physionomica o atroz soffrimento ou a dôr cruceante!

Muito mais poderíamos dizer sobre este interessantissimo assumpto, não continuarmos, porém, porque, como não somos profundos em pintura, não queremos dizer, francamente o confessamos, asneiras ou inconveniencias.

Como disse o illustre escriptor Alexandre Herculano, em um dos seus famosos livros: — «Se a *Arte* fosse facil para todos os que tentam possuil-a, não nos faltariam artistas!»

Estes artigos são filhos da pura curiosidade e d'um temperamento essencialmente impressionista, e, como varias vezes temos dito, amante de tudo o que é bello, e a *Arte* representa e traduz.

(Continua.)

GABIRU.

Os monopolios

Não pensam em outra coisa os especuladores e ambiciosos da politica, que, neste levantar de feira, se agarram a tudo, perca quem perder.

Como não ha nos cofres publicos onde enterrar as ladras unhas, inventaram-se os *monopolios* que são concedidos aos amigalhões graúdos, e assim ficou na mão dos syndicateiros a manipulação do tabaco, a fabricação dos phosphoros e da isca, a explorarem indignamente o publico impingindo-lhe pessimo tabaco, e falsificando-lhe o phosphoro.

Roubam-nos legalmente!

Agora pede-se a concessão para o exclusivo do calçado fabricado por meio de machinas! E' um commerciante de Lisboa que se propõe explorar, em seu beneficio, a importante manufactura de calçado á machina, arruinando uma classe — a dos sapateiros — que contém milhares de operarios que ficarão reduzidos á fome.

Que será de tantos mil operarios se o governo, que é perdulario e venal fizer essa concessão mediante rendosas *luyas*?

E' preciso estar alerta e oppôr uma forte resistencia contra tal pretensão que seria uma grande calamidade para os industriaes e officiaes sapateiros.

Segue a representação dos industriaes que está muito bem redigida e colloca a questão do monopólio nos seus devidos termos:

Senhor:

Os abaixo assignados, industriaes de sapateiro, vêm perante Vossa Magestade reclamar contra uma pretensão que, realisada, representaria um prejuizo enorme para todos, e a ruina completa para muitos dos signatarios. Essa pretensão é a de William Gruiz, negociante, estabelecido em Lisboa, que pede por espaço de dez annos o exclusivo do fabrico de calçado por meio de machinas allegando a favor da sua pretensão vantagens de rapidez e preço.

Essas vantagens allegadas pelo pretendente são apenas apparentes. O calçado fabricado á mão é mais perfeito e resistente, e por isso dura mais.

Além d'esta consideração, deve attende-se a que, com referencia a Coimbra, é a industria representada pelos signatarios a mais desenvolvida, e a que nma tal concessão feita a William Gruiz, viria ferir irremediavelmente, como acima fizemos ver, uma classe que luta já com difficuldades para conciliar a carestia da materia prima com a relativa modestia de preço dos productos.

Mas ainda ha outra consideração a attender. O pretendente, allegando que a industria para que pede a patente comprehende a invenção mechanica de todas as operações por meio de machinas, quer apresenta-la como uma industria nova. Ora não o é, visto que já de ha muito se applicam machinas de fabrico de calçado, se não em todas as operações, pelo menos numa grande parte d'ellas.

Afora as razões expostas, a propria lei escripta vem em auxilio dos signatarios.

Segundo a disposição do n.º 5.º do art. 57 do Regulamento de 15 de outubro de 1894, não é permitido qualquer invento de igual natureza, logo que elle possa prejudicar o publico e o paiz.

Se, finalmente, accessentarmos que o pretendente não junta ao pedido os documentos exigidos no art. 20 do mesmo Regulamento, mais provamos quanto é justa a nossa reclamação.

E assim rogamos a Vossa Magestade haja por bem deferir, pelo ministerio das obras publicas, o nosso tão justificado pedido.

Coimbra, 9 de março de 1896.

E. R. M. cº

José Matheus Campos
José Duarte Leitão
Manuel Teixeira
Francisco Antonio d'Almeida
José Simões
José Victorino de Moura
Joaquim Mendes Coimbra
José da Silva Baptista
Adolpho Telles
Avelino Moura Vieira
José Pinto de Mattos
José dos Santos Gonçalves
Francisco Silva Machado
Joaquim Mendes d'Abreu
Joaquim Gomes Ribeiro
Manuel Victorino Baptista
Cypriano da Costa Lopes
Antonio Rodrigues
Antonio Dias Raymundo
Daniel Guedes Coelho
Antonio Augusto da Silva
Antonio Rodrigo
José da Costa Condeixa

Assumptos de interesse local

O elevador

Esteve no domingo nesta cidade o sr. Segismund Kleist, representante da importante fabrica de electricidade Siemens, de Berlim, o qual veio estudar as condições economicas, a fim de ver se convém aquella casa, adquirir a concessão do projectado ascensor mechanico, applicando a electricidade á sua tracção. O mesmo senhor virá breve a Coimbra, por conta da succursal d'aquella importante casa em Madrid, proceder a estudos praticos.

Consta-nos que, se a casa Siemens, de Berlim ficar concessionaria do elevador, dotará esta cidade com um melhoramento altamente importante, illuminando-a a luz electrica.

Escusado será enaltecer as vantagens que adviriam, se a cidade fosse illuminada por tão magnifico como economico systema, mas costumados ha muito a ver que, em Coimbra se não faz nada de bom ou de util, não damos nada (até ver) pelos dois projectados melhoramentos, que, se se fizessem seriam da maxima conveniencia.

Princesa Rattazzi

Está ha dias nesta cidade, onde tenciona demorar-se alguns dias, Madame de Rutte (Rattazzi). A illustre escriptora, anda em excursão pela provincia, fazendo um novo estudo sobre Portugal e tem visitado os nossos primeiros monumentos e a Universidade. Acha-se hospedada no Hotel Continental.

Concessão

O ministerio da justiça, concedeu ao sr. dr. Augusto Coelho Sobral, administrador do concelho de Mortagua, que cumprisse em Coimbra a pena de 31 dias de cadeia que lhe foi imposta na comarca de Santa Comba-Dão, em setembro do anno findo, por offensas corporaes feitas na pessoa do redactor do jornal—*O Dão*.

O sr. dr. Sobral vai publicar, nesta cidade, um volume em que narra as principaes peças do processo em que foi condemnado.

Banco de Portugal

A agencia do Banco de Portugal em Coimbra, justamente reputada como a primeira, do paiz, teve de juros e lucros no anno de 1895 a importante cifra de 23:852.272 réis e de despeza apenas 5:136.555 réis!

Os seus dignissimos agentes, os srs. Joaquim Augusto de Carvalho e Santos e commendador Ricardo Loureiro, são dignos dos maiores louvores, bem como os empregados da mesma agencia, pois é decerto devido á sua muita assiduidade e vastidão de conhecimentos em taes assumptos, que se deve um tão consideravel desenvolvimento monetario.

Fallecimento

Falleceu na segunda feira, de manhã, a srª. Innocencia Maria da Conceição, tia do nosso correligionario sr. Manuel Antonio da Costa, membro da commissão municipal republicana.

O seu funeral que se realisou na terça feira, foi muito concorrido.

Ao nosso amigo e correligionario, enviamos sentidos pezames.

Estas ultimas palavras pronunciadas pelo atheu, reboaram através do fragor das vagas, do sibilar dos ventos!...

D. Francisco, não obstante estar moribundo, ouviu as expressões de frei Rozendo; respondeu-lhe com a voz cortada pelo estertor da morte:

— Homem, não digas isso! Ha Deus; ha eternidade! Assim o conheço nesta hora suprema. Crê na eternidade, desgraçado, crê... crê tanto como eu que vou morrer e...

Não pôde dizer mais nada, fez uma violenta contracção e expirou...

Frei Rozendo olhou para elle attentamente, consultou-lhe as pulsações do coração e deu um profundo gemido, dizendo:

— Eu desejava crer em Deus, na eternidade, mas não posso... Agora fico só, entre o céu e o mar; entre a duvida e a esperança...

Olhou para D. Francisco; depois de novamente o analysar atirou com elle ao mar.

O cadaver caiu com violencia; ainda appareceu uma vez acima das aguas, antes de desaparecer para sempre...

Frei Rozendo não tinha perdido a esperança de se salvar; no dia immediato avisou ao longe uma vela, gritou e acenou com um lenço que lhe restava.

O navio porém não deu o menor signal de o ter avistado; continuou a singrar na mesma amura.

Ainda não desanimou; proseguiu gritando

Theatro Principe Real

Nos dias 18, 19 e 20 do corrente, teremos naquelle theatro tres recitas d'assignatura pela magnifica companhia do Theatro Principe Real, do Porto, eximamente dirigida pelo distincto actor Taveira.

Para esses espectaculos, que promettem não deixar nada a desejar foram escolhidas as seguintes e engraçadas operetas: *O Testamento da Velha*, em 3 actos; *A noite e o dia*, tambem em 3 actos e o engraçadissimo *vandervel opereta* em 3 actos, *As 12 mulheres de Japhet*.

Os preços por assignatura para estes magnificos espectaculos, é o seguinte: camarotes, 3.000 réis; fauteils, 600 réis; cadeiras, 500 réis: Avulso: — camarotes 3.500 réis; fauteils, 700 réis; cadeiras, 600 réis e geral 200 réis.

E' já bem conhecida nesta cidade a companhia de Affonso Taveira que é sempre ouvida com agrado, por isso agouramos-lhe trez cazas cheias á cincha.

Emigração clandestina

Foram presos em Elvas dez individuos que tentavam emigrar clandestinamente para o Brazil. Esses individuos, deram hontem entrada na 2.ª esquadra da policia civil e chamam-se: José Simões, de 18 annos e Manuel Janeiro, de 21 annos, naturaes de Campuzes, concelho de Condeixa; Benjamim Francisco Pacheco, de 24 annos, e José Francisco Pacheco, de 28 annos, de Mira; Joaquim Marques, de 18 annos, natural de S. Paio, concelho de Taboá; Francisco Pereira, de 18 annos; Seraphim Duarte, de 17 annos, Seraphim Figueiredo, de 18 annos, Francisco Martins, tambem de 18 annos e José Pedro, de 18 annos todos de Silveirinho, concelho de Taboá.

Vão ser remettidos ás suas respectivas terras.

Inspecção aos reservistas

As revistas de inspecção aos reservistas pertencentes ao districto de recrutamento e reserva n.º 10 (Coimbra), terão lugar nos dias abaixo:

Condeixa, 15 e 19 de março.
Penella, 22 e 25 de março.
Miranda do Corvo, 29 de março e 12 de abril.
Goes, 19 de abril.
Pampilhosa, 26 de abril.
Louzã, 3 e 10 de maio.
Anadia, 14, 17 e 24 de maio.
Mealhada, 31 de maio.
Coimbra, 4, 7 e 12 de junho.
Essas revistas terão lugar nas sedes dos concelhos.

Theatro Affonso Taveira

O espectaculo que estava annunciado para domingo passado com a oratoria—*O Santo Antonio* não se pode realizar por não vir a tempo do Porto o guarda-roupa. Ficou transferido para sabbado proximo.

Novo jornal

Brevemente sahirá á luz nesta cidade, um semanario republicano que se denominará *Portugal*.

Será órgão do grupo revolucionario academico, e collaborado por vigorosos escriptores filiados no mesmo grupo.

quanto lh'o permitiam as suas debilitadas forças. O navio tomou a direcção do naufrago, que se julgou salvo. Mas quando menos esperava, tornou a mudar de rumo; d'esta vez frei Rozendo sentiu-se abatido, curvou a cabeça.

Approximava-se a sua hora; passou em revista todos os seus crimes! Pela primeira vez na vida sentiu remorsos da sua vida criminosa. Deitou-se no fundo do escaler e esperou a morte.

Assim se conservou mais de uma hora, até cobrar novo alento; levantou se, nutrindo um pequeno raio de esperança. A idéa de que o teriam visto; que se tinham feito ao mar, para na volta o socorrerem, deu-lhe animo.

O mar estava pouco agitado, mas o calor era intenso. Frei Rozendo contava os momentos com anciedade; tornou a avistar a mesma vela, que d'esta vez se dirigia para elle.

O navio singrava rapidamente; em menos de vinte minutos recebeu frei Rozendo, que, em vez de agradecer á Providencia, só pensou em novos crimes.

Não teve uma palavra para Deus! Não se lembrou de uma oração! Não nutriu um pensamento de gratidão! As suas palavras foram de cynica e blasphema audacia!

Ellas constituíam a apreciação logica d'aquelle character perverso; entregue ao prazer da vingança e das paixões. Aquelle homem era a encarnação do mal; nelle os vi-

Roubo?

Queixou-se na 2.ª esquadra Antonio José Manso, da Choroza, concelho de Cantanhede, negociante d'ouro velho, que na segunda feira de manhã tinha entrado num estabelecimento de mercearia sito na rua da Sophia, com o fim de comprar cigarros e phosphoros.

Diz que tirou d'um bolso uma carteira contendo 55.500 réis em notas, para ver se nella tinha algum cobre, o que não succedeu. Encontrou-o porém num bolso do collete e pagando a despeza sahio. Ao fim de dar poucos passos, deu pela falta da carteira e voltando ao estabelecimento em que tinha estado, não a encontrou, nem pode precisar se a lá tinha deixado ficar ou não. A policia que tem andado em averiguações, nada pode saber até esta data do desaparecimento mysterioso da carteira.

A Sebenta

É o titulo d'um jornal humoristico, lythographado, que se publica nesta cidade e que é redigido por estudantes do 2.º anno juridico e por elles collaborado.

Dizem-nos ser engraçadissimo e muito bem escripto. E' pena a sua circulação ser só entre os estudantes do curso.

Para juizo

Baixou ao poder judicial uma participação contra o estudante Fausto Guedes Teixeira, que na sexta feira ultima arremessou um cesto contra a actriz Medina de Sousa, na occasião em que foi chamada no fim do 2.º acto, caso que já referimos no ultimo numero e que justamente indignou todas as pessoas.

DIVERSAS

Está quasi restabelecido d'um ataque de influenza que o prostrou no leito por alguns dias, o nosso amigo sr. Francisco Borges, proprietario da conhecida *Papelaria Central*.

Que em breve se restabeleça completamente, é o nosso ardente desejo.

Cemiterio da Conchada

Na semana finda em 26, enterraram-se os seguintes cadaveres:

Alfredo Augusto dos Santos, filho de Francisco Nunes dos Santos e Capitolina Rosa, de Coimbra, de 10 annos. Falleceu no dia 23.

Julio Moraes, filho de Domingos Moraes e Theresia de Jesus, de Coimbra, de 26 annos. Falleceu no dia 26.

José, filho de Antonio Rodrigues e Amelia de Jesus, de Coimbra, de 2 mezes. Falleceu no dia 28.

Maria de Jesus, filha de Marcos Fernandes e Maria da Conceição, de Santa Clara, de 51 annos. Falleceu no dia 29.

Francisco, filho de paiz incognito e Maria Julia, de Coimbra, de 14 mezes. Falleceu no dia 29.

Total dos cadaveres enterrados neste cemiterio—18:889.

AGRADECIMENTO

Bernardo Domingos d'Almeida, Adelino Viriato, Guilhermina da Conceição, Elvira do Espirito Santo e João Marques, agradecem penhoradissimos a todas as pessoas que assistiram ao funeral de sua saudosa esposa, mãe e sogra Maria de Jesus, fallecida em 29 do mez proximo passado.

Coimbra, 11 de março de 1896.

cios tinham a potencia, o dominio de uma segunda natureza.

Ao achar-se resgatado de uma morte inevitavel, disse:

«Agora a minga vingança, a destruição d'esse homem, que me roubou a mulher que eu desejava; a ella a vergonha, o opprobrio, o aviltamento, porque me odeia e me despreza.

«Hei de proseguir-los; aniquila-los; o futuro é meu assim como a vingança.

«Empregarei todo o meu talento e energia para levar a cabo esta grande empreza; depois... Que venha a morte, o inferno, se o ha, porque já terei gosado muito.

«Mas se ha Deus, castigo para os maus e premio para os bons? Oh! Se assim fôr, terrivel será a realidade!... Será o despertar de um cruciante pezadelo... Mas não me engano! Aqui ha só materia...

CAPITULO XII

Corsario e pirata

Dissemos no capitulo antecedente que frei Rozendo fôra salvo por um navio que o recebeu a bordo, é verdade; vamos encontra-lo, vivendo na melhor harmonia com a tripulação e commandante.

O brigade que o salvou era de um pirata. O commandante no fim de oito dias mandou-o chamar; depois de uma minuciosa analyse fez-lhe as seguintes perguntas:

(Continua)

62 Folhetim—«Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

CAPITULO XI

Apontamentos curiosos

«De quem seria a culpa?

«O machinismo ou qualquer engrenagem tem a responsabilidade da sua má construção? Se temos vicios e defeitos, são filhos do nosso organismo, não temos d'isso a culpa, nem nos podem dar a responsabilidade.

—E o espirito! respondeu D. Francisco com voz agonizante, a alma... Ente invisivel, de existencia necessaria... Arrepentete... Pede perdão a Deus, que morreu numa cruz para nos salvar.

—Pois não morresse, responde o frade com cynismo, se era Deus que se deixasse estar no céu! Se não se vestisse de carne e osso não levaria bofetadas dos judeus!... Mas céu! Céu não ha, nem a sciencia o cohece...

RECLAMES E ANNUNCIOS

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

ANTIGO DEPOSITO DE MACHINAS



INGER

Estabelecimento de fazendas brancas

ARTIGOS DE NOVIDADE

ALFAIATARIA MODERNA

DE

JOSÉ LUIZ MARTINS DE ARAÚJO

90, Rua do Visconde da Luz 92 — COIMBRA

O mais antigo estabelecimento n'esta cidade, com as verdadeiras machinas **Singer**, onde se encontra sempre um verdadeiro sortido em machinas de costura para alfaiate, sapateiro e costureira, com os ultimos aperfeiçoamentos, garantindo-se ao comprador o bom trabalho da machina pelo espaço de 10 annos.

Recebe-se qualquer machina usada em troca de novas, transporte *gratis* para os compradores de fóra da terra e *outras garantias*. Ensina-se de graça, tanto no mesmo deposito como em casa do comprador.

Vendem-se a prazo ou prompto pagamento com grande desconto.

Concerta-se qualquer machina mesmo que não seja **Singer** com a maxima promptidão.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Acaba de chegar um grande sortido em casimiras proprias para inverno. Fatos feitos completos com bons forros a 6\$500, 7\$000, 8\$000 réis e mais preços, capas e batinas preços sem competencia, varinos de boa catraplanha com forro e sem elle desde 5\$000 réis para cima, garante-se qualquer obra feita n'esta alfaiateria, dão-se amostras a quem as pedir.

Tem esta casa dois bons contra mestres, deixando-se ao freguez a preferencia de optar.

Sempre bonito sortido de chitas, chailes, lenços de seda, ditos de Escócia, camisaria e gravatas muito baratas.

Vende-se oleo, agulhas troçal e sabão de seda, e toda a qualquer peça solta para machinas.

Alugam-se e vendem-se **Bi-cyeletas**.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

50 • RUA DE FERREIRA BORGES • 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystalle, metal branco, cebo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaides, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systems.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systems. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Pastilhas electro-chimicas, a 50 réis } indispensaveis em todas as casas

Brilhante Belgo, a 160 réis }

2.ª publicação

45 Por sentença de 5 de junho de 1895, confirmada por accordo da Relação do Districto do Porto, de 16 d'agosto do mesmo anno, que transitaram em julgado, e pelo cartorio do escrivão José Lourenço da Costa, da comarca de Coimbra, foi julgado interdito do exercicio dos seus direitos Francisco Lopes d'Almeida, sendo deferida a tutela do mesmo a sua mulher D. Maria Adelaide de Sousa e Almeida, residente na Pousada, freguezia de Sernache dos Alhos, d'esta comarca, e nomeado para pro-tutor do interdito, Adolpho Frederico Moller, casado jardineiro, de Coimbra, o qual prestou juramento.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

Neves e Castro.

CASA MOBILADA NO CAMPO

46 Arrenda-se uma na estrada de Coselhas, proximo á estação velha; tem sala e casa de meza estudada, jardim e quinta para passear. Trata-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

COMPANHIA AUXILIAR

Esta companhia muda o seu escriptorio do Arco do Bispo n.º 2 para o largo de S. João n.º 6, donde continua com as mesmas operações, e em casa muito mais apropriada para o seu myster.

Em razão de construir uma nova armação, vende por preço muito em conta a que tem na referida casa do Arco do Bispo, e tambem sobroca a dita casa até á terminação do arrendamento que é pelo S. Miguel do corrente anno.

A armação serve para mercearia, fazendas brancas, ou quinquerias.

Coimbra, 11 de março de 1896.

O caixeiro da companhia

João Favas.

VENDA DE CASAS

Vendem-se umas, na rua dos Militares, n.º 11 a 13, com loja e tres andares. E' livre de onus.

Quem a pretender póde procurar na mesma casa, onde se fará o contracto.

VINHO SEM COMPETENCIA

EM PREÇO E QUALIDADE

44 Vinho da Beira novidade de 1894 a 90 réis o litro

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado — garrafa 100 réis o litro.

Quem comprar de 20 litros para cima tem 10% de abatimento.

Taberna á Sé Velha junto ao arco da rua da Ilha.

Exames de admissão ao Lyceu

Sendo no corrente anno de 1896 a epocha d'estes exames (como os jornaes annunciaram) depois dos secundarios, isto é, em Julho ou Agosto, o director do collegio — *Corpo de Deus* — promptifica-se a leccionar para os ditos exames.

Os alumnos a quem seus professores tenham dissuadido, são admittidos mediante a modica quantia de 1\$000 réis mensaes, pagos adiantadamente.

Os chefes de familia que se quizerem aproveitar podem quanto antes matricular seus filhos, cuja matricula não passará além do dia 13 do corrente mez.

O director do collegio

Fabricio Augusto M. Pimentel.

LIVROS DE MISSA

NEVES IRMÃOS

CASA LEÃO D'OURO

117—RUA FERREIRA BORGES—123

COIMBRA

GRANDE ESTABELECIMENTO DE PANNOS E CASIMIRAS

COM

ATELIER DE FATO POR MEDIDA PARA HOMEM E CREANÇA

DIRIGIDO POR HABELS CONTRA-MESTRES

A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um

EXTRAORDINARIO E VARIADISSIMO

sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais **alta novidade**, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2\$500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7\$500 réis.

Dita de casimiras e pannos pilotosou moscows para **dragues e vestons**, feitos por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8\$000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para **ulsters** ou casacoés com romeira, feitos por medida, a principiar em 8\$500 réis.

Dita para **makferlanes, double-capes** ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Explendidos cortes para calças e fatos completos, de **casimiras e cheviotes inglezes**, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais **CHIC** para **smokings**, sobreacasas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio.—Excellentes **montagnaes** nacionaes e estrangeiros, de 1\$800 a 8\$000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para **jaquetões** e **sobretudos** de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creanga, a principiar em 7\$0 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos, de 700 réis o metro.

Cuarda-chuvas ou guarda-soes de paninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e automatic, de 450 a 4\$500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr que se vendem com o **abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor!!**

Bi-cyeletes pneumaticas, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida **com o abatimento de 35\$000 e 45\$000 réis!!**

Uma machina para alfaiate-industrial ossilante de **singer** — que se vende por metade do seu preço.

Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimo, figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

5 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**

COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR—Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração—Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha		Sem estampilha	
Anno	2\$700	Anno	2\$400
Semestre	1\$350	Semestre	1\$200
Trimestre	680	Trimestre	600

ANNUNCIOS:—Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS:—Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Impresso na Typographia Operaria — Coimbra

Defensor

do Povo

COIMBRA — Domingo 15 de março de 1896

O QUE NÓS QUEREMOS

(NA GENERALIDADE)

Abolida a monarchia e supprimida a realza, nós queremos, em geral, e para o conseguir trabalharemos, sem treguas nem desalentos:

A redução, aos seus justos e convenientes limites e indispensáveis funções, do governo central, que julgamos, em grande parte das suas numerosas e complexas attribuições, das suas exorbitantes e abusivas funções sociaes, não só inútil, mas altamente prejudicial e funesto á ordem publica, á segurança do Estado, á conservação e progresso do organismo social portuguez.

Queremos organizar e constituir autonomicamente as *parochias*, como unidades politicas e primordiales da nação, primeiros centros de vida publica e actividade nacional; e, federando-as, aggrupa-las em volta d'outro centro, o *municipio*, tambem autonomo.

Reunir os municipios em uma circumscripção maior, a *provincia*; e da aggragação e federação das provincias formar a *nação*.

Esta, na sua integridade organica, deve abranger, com a respectiva população, os territorios do continente, das ilhas e do ultramar, devidamente descriptos, confrontados, e precisamente medidos em sua extensão e limites na *Lei fundamental*, de modo que não possam confundir-se com os das outras nações, nem por ellas ser usurpados, injusta e illegalmente exigidos, ou de qualquer modo contestado o nosso dominio e perturbada a posse, offendido o nosso direito á propriedade nacional.

A Nação Portugueza ou melhor o Estado social portuguez será representado, perante os outros Estados e em relação aos interesses geraes e communs, tanto internos como externos, de todos os portuguezes, por um *governo central*, cujas funções se limitarão apenas a garantir a independencia e a liberdade das parochias no municipio, dos municipios na provincia e das provincias em a Nação, a autonomia da Nação Portugueza entre as outras nações do mundo, que tambem caminham ha seculos, e em nossos dias se preparam para formar e constituir maiores e mais vastas *federações internacionais* na da Humanidade.

As funções d'esse governo central da Nação, em quanto as circumstancias não permittirem que, internamente, se restrinjam a garantir e proteger os direitos de cada um no goso da sua respectiva independencia e no uso da sua liberdade, deverão reduzir-se a uma direcção suprema, impulsiva, geral e commum, e á indispensavel actividade complementar das actividades parciais, em que, como fica dito, natural e historicamente se divide a actividade, as forças e os recursos totaes da Nação.

O que dizemos da Nação, relativamente ao seu governo central, geral e commum é applicavel a cada uma das partes em que ella se decompõe, e reunidas formam a sua integridade.

Os *governos locais* da parochia, do municipio e da provincia, devem ter a mesma indole, o mesmo character, as mesmas attribuições, e serem constituídos á imagem e semelhança do governo central.

Assim o governo dos municipios será uma instituição representativa de todas as parochias, comprehendidas na sua respectiva área ou circumscripção territorial, com funções de garantia, direcção e actividade complementar de cada uma das parochias,

em tudo o que lhes for commum, sómente naquellas condições que excederem a sua capacidade, as suas forças e recursos, e nos casos em que a cooperação e iniciativa de algumas ou de todas ellas por si se não manifestar e desenvolver, ou for insufficiente.

O que dizemos do governo municipal, em relação ás parochias, deve por igual entender-se do governo provincial a respeito dos municipios, comprehendidos no ambito de cada provincia.

A cada uma d'estas circumscripções e entidades collectivas deverá ser reconhecida e garantida uma vida propria, independente, livre na aquisição, posse e emprego das suas respectivas condições de existencia, politicas e economicas, administrativas, moraes e juridicas, como organismos sociaes completos, embora parciais e subordinados pela federação e pelo consenso organico a outro organismo maior e mais complexo — a Nação.

Um alcance

E' o termo que se emprega para os grandes roubos de contos de réis. O mesmo se chamou ao dos 150, ao dos 80, ao dos 100 contos de réis e ao dos 84, descaminhados de receita eventual. E foi eventual.

Ainda não appareceu o sr. Bastos, nem apparece, dos outros tambem ninguem sabe e se o sabem, deixam-os em paz... para não fazer escandalo!...

A policia bastantes diligencias tem feito, mas o sr. Bastos não lhe apparece, e até já se afirma na imprensa que o *alcançado*, ainda mesmo que permaneça no paiz... não será preso. Ninguem duvida!

A causa d'isso é simples e clara como agua: — o larapio das receitas eventuaes tem relações com um barrigudo politico, que se utilisou de parte da bonita cifra — valores entendidos — garantindo-lhe a impunidade, para não apanhar entaladela.

O dos 130 e os outros não andam á gancaia? O Bastos tambem é filho de Deus.

Monopolio dos chapéus

Apesar dos protestos da classe dos chapelleiros sempre se consummou a patifaria do monopolio, em beneficio da *real chapellaria a vapor*, do Porto, a quem concederam o exclusivo do fabrico de chapéus de feltro, de lã e de *blouse* flexiveis e gommados, pelo processo das bastidoras.

Foi feita a concessão por oito annos, fazendo-se um deposito definitivo de cinco contos de réis, sendo obrigada a *real* concessionaria a estabelecer a industria da fabricação no prazo de um anno, contado da data do respectivo titulo de patente. Será de 60:000 chapéus a produção annual.

Está satisfeito o syndicato, tem na sua mão todo o fabrico do paiz, a poder explorar á sua vontade e a fabricar como quizer. Os operarios debaixo do seu jugo e a pagar-lhes como quizer.

E tudo isto se faz e se consente sem se reagir contra esse nefasto governo que está a centralisar as industrias mais prosperas, para enriquecer os amigos, que lhes enchem as algibeiras, em paga dos roubos que se vão fazer ao publico e do attentado que se pratica contra a liberdade de industria.

Verá a classe dos sapateiros que, se William Gruiz não for egoista e quizer dispendir, em gorjetas, alguns contos de réis, obterá immediatamente a concessão.

Não ha monopolio que se não tenha obtido pela venalidade e pela extorsão aos industrias e operarios. E não valem protestos quando a bolsa fique farta.

Em todas as nações onde não ha governos prevaricadores, mas sim estadistas illustrados e fomentadores das artes, commercio e industria, não se centralisa, num syndicato explorador, o exclusivo d'um fabrico.

Monopolios, que são um roubo aos industrias e operarios e um attentado contra a liberdade de industria, só se conseguem em Portugal, onde os ministros enchem as algibeiras de sociedade com os syndicatos que enriquece.

CONTINUANDO

Não pretendemos censurar; pretendemos apenas fazer ecoar a nossa voz, e pedir aos republicanos que completem a sua organização ainda imperfeita e imprópria, senão inteiramente estéril.
(*Defensor do Povo*, n.º 83).

Assim terminavamos um artigo, ultimamente publicado neste jornal, tendo em vista os interesses do *partido republicano*, no qual nos orgulhamos em militar, e sempre temos servido lealmente.

Resolvidos a sacrificar-nos pela Republica, a qual desejamos ver em breve implantada em Portugal, saindo victoriosa dos escombros amontoados pelos defensores da realza agonisante, da corrupção e da immoralidade, debalde temos esperado trabalhos serios por parte dos chamados dirigentes das multidões republicanas, que, por todo o paiz se agitam em uma ancia de revolta, em um estremecimento de mal-estar e desesperação, o qual bem aproveitado e sabiamente dirigido podia levar-nos muito longe, e satisfazer os nossos ardentes desejos.

Estamos ao lado dos republicanos: não dos republicanos de duas caras, que ora parecem combater a monarchia, ora se transformam em seus servidores, e se comprazem em a lisonjear; mas ao lado dos verdadeiros republicanos, para quem a divisa é «tudo pela Republica, nada pela monarchia».

A convicção arreigada em o nosso espirito desiludido, despreocupado, mas ainda não descrente de tudo e de todos, de que o levantamento d'esta empobrecida e desalentada nação depende, unica e exclusivamente, da mudança radical das instituições ruinosas, que, para nosso opprobrio e infortunio, nos opprimem, e exploram, tendo como immediata successão novos e diferentes processos de governo, orientados em bases profundamente democraticas e descentralisadoras, fez-nos republicanos intransigentes, capazes de tudo arriscar em prol das idéas por cuja realisação anhelamos, e corajosamente combatemos.

Por isso, impozemos á nossa humilde penna a obrigação indeclinavel e o dever impreterivel de revoltar-se contra a falsa orientação, pessima maneira de ver e apreciar os acontecimentos, d'uns certos correligionarios nossos amigos, e ao mesmo tempo encapitados servidores do paço, defensores da reacção politica e do jesuitismo clerical.

E' conveniente extremarem-se os campos: se lhes não convém a Republica, declarem-no; se não antepõem aos seus interesses os da patria, adiantem-se, e bradem; que os ouviremos com justificada indignação sim, mas com serenidade: «Já não somos republicanos; resolvemos manter-nos na expectativa; finalmente, temos compromissos...»

Basta; dissémos o sufficiente para nos entenderem, e os attingidos pela nossa critica avaliarem se lhes assenta a carapuça.

Entremos porém, no assumpto que directamente se relaciona com o artigo, ao qual nos propomos agora fazer alguns additamentos e successivamente desenvolver.

Recommendámos por tantas vezes, sem resultado, aos nossos dirigentes a necessidade urgente e impreterivel de se completar, em todo o continente, nas ilhas e igualmente nas colonias, a representação do *partido republicano*, para mais tarde se não levantarem difficuldades, se, como é natural, o poder nos cahir inesperadamente nas mãos, e para evitar tambem questões identicas ás que a Hespanha sustenta com manifesto prejuizo em Cuba, — que, francamente, o braço devia fraquejar-nos, e a penna negar-se a escrever mais sobre um tal assumpto; não podemos porém, resistir e novamente voltamos á estacada cheios de fé e de esperança.

Vejam o que pretendemos; desenvolvamos as nossas idéas.

A miseria não poupa ninguem: principalmente os soldados do nosso partido, que não têm logar á *mesa do orçamento* estão, como todos os que actualmente em Portugal não roubam ou não se vendem, reduzidos ao producto exclusivo do seu trabalho de todos os dias, o qual rareia, e a muitos tem levado a desesperação, á loucura tendo frequentemente o suicidio por epilogo.

Queríamos, pois, que as commissões municipaes e parochias republicanas, já organi-

sadas e constituídas, soccorressem os nossos amigos e companheiros d'armas, dando assim um exemplo de solidariedade que não seria unico; em Portugal, talvez, mas lá fora quasi usual em todos os partidos de combate e de lucta declarada ao existente.

Queríamos que as commissões municipaes e parochias republicanas procurassem socorrer os correligionarios, que vivem na miseria, proporcionando-lhes o conforto da medicina, facultando-lhes de preferencia trabalho, auxiliando-os nas suas pretensões, ensinando-lhes os filhos, continuadores mais tarde d'esta obra gigantesca e patriótica em que andamos empenhados, e que pôde ainda durar alguns annos.

Como entre os membros das alludidas commissões se encontram medicos, engenheiros, professores, pharmaceuticos, commerciantes, industrias, e emfim se acham representadas todas as classes, julgamos o nosso pensamento além de aceitavel, susceptivel de realisação pratica.

Deixamos, a largos traços, exarado o nosso modo de ver em assumptos d'esta ordem; e áquelles a quem compete zelar os interesses do *partido republicano*, recommendamos, que pensem no caso, e o estudem com interesse, pois tem manifestas vantagens.

E' necessario que o *partido republicano* se imponha pelo seu civismo e boa camaradagem, pela sua seriedade, patriotismo e philantropia ao publico ainda afastado da nossa bandeira, dando em troca do prestimo d'uns o auxilio d'outros.

O *partido republicano* deve unir-se e ajudar-se mutuamente.

Só assim poderá adquirir força e auctoridade, confiança e prestigio para triumphar dos seus adversarios, e levar a cabo á sua grande e nobre tarefa.

Pelourinho

LXIII

DOS QUE FURTAM COM UNHAS POLITICAS

Anda o mundo atroado com politicas, de que fazem applauso os estadistas: a uma chamam sagrada, a outra profana; e ambas querem que tenham immensos preceitos, com que instruem ou destroem os governos do mundo, segundo seus pilotos os applicam. E é certo que toda a machina dos preceitos, assim de uma, como da outra se encerram em dois: os da sagrada são, amar a Deus sobre todas as coisas, e ao proximo como a ti mesmo.

Os da profana são o bom para mim, e o máu para ti. Mas é engano crasso, a que repugna Minerva, cuidar que ha politica sagrada: isso chama-se lei de Deus, que com nada contemporisa, nada affecta, nem dissimula, lavra direito, e sem torcicolos contra os axiomas da politica.

Pelo que, isto que chamamos politica, só no prophano se acha: e esta só é a que tem as unhas de que falla este capitulo: e para sabermos que taes ellas são, é necessario averiguarmos bem de raiz, que coisa é politica. E aposto que se o perguntamos a mais de vinte, dos que se presam de politicos, que nenhum a saiba definir pelas regras de Aristoteles, assim como ella merece?

Todos fallam na politica, muitos compõem livros d'ella; e no cabo nenhum a viu, nem sabe de que côr é.

E atrevo-me a affirmar isto assim, porque com eu ter pouco conhecimento d'ella, sei que é uma má peça, e que a estimam e applaudem como se fora boa: o que não fariam bons entendimentos, se a conheceram de paes e avós, taes, que quem lh'os souber, mal poderá ter por bom o fructo que nasceu de tão más plantas: e para que não nos detenhemos em coisas trilhadas, é de saber que no anno em que Herodes matou os innocentes, deu um catharro tão grande no diabo, que o fez vomitar peçonha; e d'esta se gerou um monstro, assim como nascem ratos *ex materia putridi*, ao qual chamaram os criticos, razão de estado: e esta senhora saiu tão presumida, que tratou de casar; e seu pae a desposou com um mancebo robusto, e de más manhas, que havia, por nome amor proprio, filho bastardo da primeira desobediencia: de ambos nasceu uma filha a que chamaram dona politica: dotaram-na de sagacidade hereditaria, e modestia postica.

(Continua).

Arte de furta.

Basofias litterarias d'um Poeta

Critica à Critica

CONTINUAÇÃO

Depois de tantos e tão grandes trabalhos, eis-me chegado, finalmente, ao vertice da montanha, d'onde lóbrigo o luctador indomavel, em mangas de camisa, ameaçando a terra, o mar e o mundo. Porque, se até aqui, o vimos arremetter feroz como um javali, momentos houve, porém, em que elle foi generoso e clemente até ao extremo.

Agora muita prudencia; e contemplá-lo de longe. Elle avança furioso, de olhos injectados e unhas aduncas. Portanto, *toujours en garde*.

Querendo mostrar uma grande erudição, faz um aranzel medonho, d'onde ha de promanar, com certeza, a sua reabilitação como pedagogo eminente, perante os espiritos que por ventura duvidassem ainda da sua orientação scientifico-artístico-litterario-linguistica. E' verdadeiramente encyclopedico este sr. Carlos de Lemos. Bem merecia, pelo menos, ser feito cavalleiro da Jarreteira, visto que são incontestaveis os serviços que este homem de sciencia tem prestado não só a Portugal mas á humanidade inteira.

Cabe, pois, aqui mencionar essa passagem audaz do seu artigo: «... elle, o Neo-idealista, avátar prodigioso de Platão, que foi Descartes, que foi Malebranche, que foi Berkeley, que foi Kant, que se repartiu por Fichte, Schelling e Hegel e que por um momento quero suppôr agora transmigrado naquelle arcabouço que os senhores allí vêem.» Não acham que, depois d'uma tirada tão compacta de erudição, o sr. Carlos de Lemos devia ficar cansado e como que exausto? Com certeza. Quer-me até parecer que o profundo critico devia mirar-se com orgulho e satisfação nessas linhas, dizendo de si para consigo: sempre te vou aterrar; não pescas nada de philosophia.

Effectivamente, assim é. Mas eu, que tenho compulsado o Larousse com mão diurna e nocturna, vou lá encontrar no termo — Idealismo — todos esses philosophos que o sr. Carlos cita e pela mesma ordem por que os apresenta. Para que me não alcunhem de ignorante, especialmente em materia de — Idealismo —, acrescentarei ao numero d'aquelles philosophos mais dois, escriptores, que trataram d'este mesmo assumpto com profundeza inexcédível, e que, de certo, o sr. Carlos não conhece.

São elles: Vischer e Carrière. Estou mesmo a vêr a cara que o sr. Carlos de Lemos fará ao vêr, pela primeira vez, em letra redonda os nomes d'estes dois sabios. Mas não se espante, meu amigo, que isso não é sequer um pallido reflexo da minha sapiencia. Longe d'isso. Eu, modestia áparte, conheço demasiado os homens e as coisas.

Porisso, (apanhe lá esse peão á unha): *Duvido que haja p... que me coma!* como disse, algures, João de Deus, o excelso lyrico que, por vezes, sabia fazer vibrar, como poucos, a corda da satyra.

Uma pergunta: o sr. Carlos de Lemos poder-me-ha explicar agora o que quiz dizer na sua, quando escreveu: *avátar prodigioso de Platão?* Realmente aquelle *avátar* com todos os seus tres accentos faz-me ficar triste e pensativo. Sim: porque *avátar*, segundo o Moraes Silva, é um termo indiano, que se applica á incarnação de Vichnu. Até ahí bem está. Mas *avátar prodigioso de Platão?* Sinceramente lh'o digo, não chego a perceber o alcance da *piada*. Fico em papos de aranha, como vulgarmente se diz.

Ora, a respeito de arcabouço... oh! — louvado seja Deus — tinha mesmo muito que dizer. Mas não. Eu gosto de ter caridade com os meus muito amados irmãos em Christo.

Passo em claro umas oito ou nove linhas que nada têm pr'o caso; mas que encerram conceitos luminosissimos e profundos como só aquelle cerebro pre-historico poderia produzir.

Agora é que são ellas. Escarpellisa por tal forma o artigo que eu escrevi sobre as *Amethistas*, que me não deixa ficar uma phrase intacta.

Embira logo com esta phrase: «pittoresco volume de versos» e diz: «Ora é claro que, se o livro é pittoresco, é-o pelo estylo; e estylo pittoresco, diz-me ainda o Constancio que é o que pinta os objectos ao vivo, representando-os como em perspectiva.» Pelo visto, o homem não conhece senão o Constancio nas suas occasiões difíceis. E' um amigo *comme il faut*. Bem: já que você me esmaga com o Constancio, eu salto lhe ao caminho com o Moraes Silva, que, neste ponto sempre tem mais auctoridade que qualquer outro.

Com isto, não quero negar competencia a Constancio. Tem-na, e muita para a etymologia; mas não para o mais. Portanto, meu amôr, ouça o que diz Moraes Silva:

«Estylo pittoresco: é aquelle em que a maior parte das palavras pintam os pensamentos, e são como imagens d'elles.»

Leu? Já vê o meu amigo que faz bastante differença da definição apresentada por Constancio. Mas eu não me queria referir ao estylo, mas sim á parte material do livro. Senão diria: «versos pittorescos» e não «pittoresco volume de versos.» Ou fallando grammaticalmente: «pittoresco» é um adjectivo que está a qualificar «volume.» Portanto, escrevendo «pittoresco volume» queria dizer na minha: volume agradável á vista. Assim se diz: paisagem pittoresca, Minho pittoresco, etc. Entendeu, sr. Carlos? O elogio não é ao auctor dos versos, mas sim ao typpographo.

Mais abaixo diz o critico. «Mas o absurdo continúa: — «... singularmente idealista e contradictoriamente exótico.» Se o espirito de Elysis de Lima lhe parece *singularmente* idealista, claro está que, a parecer-lhe exótico, extranho, é-o exactamente pelo seu singular idealismo: portanto *consequentemente* exótico; não, *contradictoriamente*. Mas como este menino pretende torcer sempre o sentido á phrase!

Já que não percebeu, então vou-lhe escrever isso d'outra maneira mais clara e mais accessivel. «Singularmente idealista» é a mesma coisa que «particularmente ou especialmente idealista»; aquelle conjuncção e corresponde a *mas*; tendo, portanto, o valôr d'uma adversativa. Agora, — «contradictoriamente exótico» equivale a: «d'um idealismo que se contradiz.» Objectar-me-ha o sr. Carlos: mas lá não está «contradictoriamente idealista.» Perfeitamente, direi eu. Se não está, é porque não quiz repetir o adjectivo. Mas como o idealismo é para a maior parte dos seres humanos um estado perfeitamente anormal, estranho, foi essa a razão porque escrevi *exótico* em vez de *idealista*.

Pondo, pois, a phrase d'outra fórma, ficará: «... particularmente idealista mas d'um idealismo que se contradiz.»

E isto é a pura verdade. Senão vejamos: na primeira poesia diz o sr. Elysis de Lima:

Eu já não posso amar, que eu já não tenho creanças!
— A minha Alma é um esquilfo e o meu olhar um cirio!

e depois diz, por exemplo, naquelle soneto, que eu então reproduzi, o seguinte:

E eu penso em Ti e fico-me a chorar:
Que eu posso ser o choupo e o teu Amor
As aguas que deslisam para o Mar!

Comparando estas duas passagens, vê-se que o sr. Elysis de Lima no principio do seu livro *não podia amar*, mas quando escrevia aquelle soneto pensava no seu Amor. Isto é claro. Mas isso não lh'o reprove eu no sr. Elysis de Lima, apenas noto essa particularidade. Os grandes genios contradizem-se a cada momento.

Passemos agora, sr. Carlos, ao campo da Arte. Diz você que lhe repugna o eu ter classificado de *mesquinha*, no auctor dos *Amethistas*, a «preocupação de procurar palavras bizarras...» Tenho a convicção de que essa repugnancia lhe ha de passar rapidamente, em face dos esclarecimentos que lhe vou apresentar. Ora ouça: *Poeta*, para mim, é só o creador voluntario de Belleza. Ora «crear», segundo um notavel escriptor, é produzir novas situações e novas combinações dos mesmos elementos, escolhendo-os ou aperfeçoando-os, isolando-os ou associando-os, collocando-os em evidencia ou dissimulando-os, attenuando-os ou exagerando-os. «Crear», portanto, não consiste: em dar mais valor á palavra que á ideia; em fazer do verso um arabesco polychromo; em procurar epithetos raros e eruditos, palavras extranhas e desconhecidas: tudo isso pôde delectar o ouvido, sem todavia attingir, as mais das vezes, uma zona mais elevada de affectos, de pensamentos, de sonhos. Só ha verdadeira poesia quando, simplesmente pela sua belleza propria e intrinseca, pela sua côr e calor, pelo seu movimento e força, produz sensações vivas e agradaveis, isto é, quando desperta impressões doces e imagens queridas, quando nos põe nos nervos e no sangue estremecimentos novos, e bem assim novas emoções de prazer. Então a Arte attinge o seu fim essencial, o unico fim preciso e indiscutivel. Tudo o mais não será senão um luxo, um excesso discutivel e secundario. Isto, quanto á poesia. Porque, quanto á prosa, já não penso da mesma fórma.

Sim: eu admiro, com entusiasmo, a prosa exquisita, a prosa bem cinzelada e trabalhada como o joalheiro trabálha o ouro e as pedrarias: a prosa *raffinée* e musical. Assim é que amo muito Flaubert, o grande mestre, e Theophilo Gauthier, o Benvenuto Cellini da prosa franceza, como lhe chamou Camillo.

Ora ahí tem, sr. Carlos de Lemos, a razão por que eu alcunhei de *mesquinha* «a preocupação de procurar palavras bizarras...» para a poesia. E, por isso, lhe chamei: «*inesthetics* e *posticas* no campo puramente ideologico da poesia sentimental contemporanea».

Quero ainda, antes de terminar este artigo, responder a duas observações do sr. Carlos de Lemos. 1.ª Pergunta este sr. o que querará dizer «no campo puramente ideologico». 2.ª Qual a razão por que essas palavras são inesthetics e posticas na poesia contemporanea e não o são tambem na poesia passada e na futura? Vou responder. *Ideologico* — é o que diz respeito á ideologia. Ora, *ideologia* é uma palavra derivada do grego e que se compõe de *idea*, ideia, e *logos*, discurso. Significa, por isso, sciencia que trata das ideias. D'ahi *ideologico* comprehenderá o que é relativo ás faculdades intellectuaes do homem. Assim: «no campo puramente ideologico», equivalerá a: no campo puramente *intellectual* ou antes *subjectivo*. Relativamente á segunda observação: Muito de proposito disse: «poesia sentimental contemporanea»; porque hoje, mais que nunca, ha uma tendencia geral para a auto-biographia, para o *egotismo*, facto este que naturalmente é devido á nevropathia, que assoberba de preferencia a raça neo-latina.

Percebeu?
(Continúa). VILLERIA PASSOS.

TRIAGA

LV

O Frei Zé dos Quaraões
stá cumprindo os seus mistérios
nega ao rei dos pretalhões
viva com sete mulheres!

Não pode levar ávante,
o cardeal... até spuma!...
ter o preto tanta amante
e não ter elle nenhuma.

Mais de trinta — não vos minte!
em Odivelas — na jaula! —
tinha o rei D. João quinto
entr'outras... a sorôr Paula!

Ninguém protestou por tall
Nem a ordem franciscana!...
.....
Parece que o cardeal
tem zelos do Gongunhana!!

Fra-Dique.

Viagem ao Porto

Alguns jornaes noticiam a ida da sr.ª D. Amelia ao Porto, para ver o dispensario instalado em S. Bento da Ave Maria.

Dizem que tal obra é uma inutilidade onde ha um hospital excellentemente montado para o tratamento das creanças.

Deixa-lo haver; tambem ha só um *anjo da caridade*...

Não percebem nada!...

Baralha num convento

As devotas seculares do convento das commendadeiras de Santos, desavieram-se em contas e têm-se dado alli grandes divergencias e havido infracções, o que obrigou a sr.ª marquezia de Sampaio, sob a direcção de quem estava o abrigo de algumas seculares, considerar a casa extincta entregando-a ao governo.

Mais um coio devoluto para a santa gente dos jesuitas se acoirar.

A Communa

O partido socialista de Lisboa comemora este grande anniversario no dia 18, com uma solemne sessão de honra na qual discursará o sr. Magalhães Lima, publicando-se um numero unico — *A Communa* — com o retrato do eminente propagandista o sabio financeiro, Karl Marx.

Na França preparam-se sumptuosos festejos, solemnizando o grande dia da emancipação da humanidade.

Viva a Communa!...

Assumptos de interesse local

Segundo Centenario da Sagração da Igreja de Santa Clara

A confraria da Rainha Santa Isabel, resolveu que, no dia 26 de junho proximo, se celebre com toda a pompa e luzimento o segundo centenario da sagração do magestoso templo de Santa Clara. Officiará o sr. bispo-conde, e o sr. dr. Francisco Martins, ornamento da nossa Universidade, pregará, com a eloquencia que lhe é peculiar, um sermão.

Nesse dia, será benzida a nova imagem da Rainha Santa, que o sr. Teixeira Lopes, habil esculptor do Porto, está concluindo e que foi offerecida pela rainha D. Amelia, que vae ser convidada para assistir ao acto.

Associação Commercial de Coimbra

A gerencia directora d'esta associação dirigiu um officio ás companhias do caminho de ferro do Norte e Beira Alta, pedindo-lhe accordassem em estabelecer, entre Coimbra e Luso, um *tramway*.

Tambem a passada direcção, que tanto se distinguio na obtenção d'um comboio directo entre Coimbra e a Figueira, pode ver os seus desejos satisfeitos, e com tão bom exito para a Companhia real, que o *tramway* continúa na carreira todos os dias, quando só tinham pedido o seu estabelecimento para a epocha balnear.

Com o mesmo empenho promove agora a actual direcção, que entre Coimbra e Luso se estabeleça um comboio, na epocha balnear, pois que aquella estancia e ao Bussaco affluem muitos visitantes, nos mezes de maio a fins de outubro.

Lembramos a conveniencia da *Sociedade de Banhos de Luso* adherir á resolução da Associação Commercial, pois de muito interesse seria para a frequencia do seu estabelecimento de banhos pois se não é tão visitado como o deveria ser, e porque Luso não offerece commodidades ao banhista que não habite no hotel.

Não ha mercado e aos domingos os alimentos, como a vacca e o carneiro, e até hortaliça, custam a obter e se se consegue alguma coisa é carissimo. As familias que vão de Coimbra tem de se surtir de comestiveis.

São nossos desejos vêr coroados os esforços da gerencia directora, e estamos convencidissimos que as companhias annuirão á proposta dados os resultados que se tem obtido com o *tramway* Coimbra-Figueira. Oxalá que nos não enganem os nossos vaticinios.

Ill.º Ex.º Sr. — A Direcção d'Associação Commercial de Coimbra, a que tenho a honra de presidir, resolveu em sua sessão de 8 do corrente pedir á Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes e á companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta para que estas duas empresas accordassem em estabelecer um comboio *tramway* entre esta cidade e a estação de Luso, á semelhança do que existe entre Coimbra e a Figueira da Foz.

Este pedido funda-se em ser muito importante o movimento em Luso na epocha balnear e manifesta a falta de boas communicações que o liguem com Coimbra, o centro mais importante que o rodeia e a que precisa constantemente de recorrer.

Junto a esta importante estação balnear está a soberba matta do Bussaco, perfeita maravilha da natureza, tão admirada por nacionaes e estrangeiros que a visitam, e que seria certamente muito mais concorrida, se permittissem a facilidade de communicações. Coimbra forneceria um largo contingente, e, affluindo a esta cidade, nos mezes de verão, muitos visitantes, por certo que não deixariam nunca de visitar tambem o Bussaco e Luso se tivessem a vantagem de no mesmo dia poderem regressar aqui, sem as demoras que occasionam os comboios ordinarios.

Accresce ainda que, augmentando o movimento de banhistas no Luso e de visitantes a estas thermas e ao Bussaco, necessariamente o consumo nestes dois pontos hade tambem augmentar, o que se traduz em um novo factor dos interesses das duas empresas pelo accrescimento que d'ahi resulta no movimento de mercadorias pelas vias ordinarias.

Esta Direcção pede ainda para respeitosamente lembrar que foram por muito tempo inúteis os esforços empregados pela Associação Commercial de Coimbra solicitando o estabelecimento d'um comboio directo entre Coimbra e a Figueira da Foz. Parecia á Companhia real que seriam nullos os resultados, pois crêmos que não foram outras as causas que por muito tempo preteriram o deferimento de tão justa pretensão, mas os factos vieram demonstrar quanta justiça lhe assistia em reclamar tão importante melhoramento.

Aligura-se pois a esta direcção que seria um passo acertado e de interesses certos para as duas companhias o estabelecimento diario d'um comboio *tramway* de preço reduzido, entre Coimbra e a estação de Luso, harmonizando-se, tanto quanto possível, para que a sua partida de Coimbra nunca fosse além das 6 horas da manhã e a outra a qualquer hora da tarde.

Quando, porém, se reconheça a impossibilidade d'um comboio diario, esta direcção pede para que; pelo menos, elle se estabeleça tres dias na semana: ás terças feiras, quintas e domingos, a começar em principios de maio e terminar com a epocha balnear.

Pelo exposto, tem esta direcção fundadas razões para crer que será atendida neste seu justo pedido, envidando todos os seus rogos para que ainda este anno veja realizado tão importante melhoramento, do que, por certo, não terão que arrepender-se as duas companhias.

Deus Guarde a V. Ex.ª etc,

Fabricantes de calçado

Na proxima segunda feira, reunem no salão da Trindade, pelas 3 horas da tarde, os operarios de sapateiro, afim de approvarem e assignarem uma representação que vão enviar aos poderes publicos, contra o pedido do exclusivo de fabrico de calçado á machina, feito por William Gruiz.

A representação que esses operarios vão enviar, dizem-nos estar muito bem elaborada.

E' preciso que os fabricantes de calçado de Coimbra se unam e estejam vigilantes aos manejos do governo que, não duvidará conceder o pedido do exclusivo do fabrico de calçado á machina, como acaba de conceder o monopolio do fabrico de chapéus.

Representações justas, são para o governo letra morta; elle não cuida do bem estar das classes laboriosas, mas sim em servir afilhados, que escandalosamente roubam os direitos aos operarios portuguezes.

Cautella e não desanimem!

Mi-carême

No theatro Principe Real, realiso-se na quarta feira, um magnifico concerto, promovido por senhoras e cavalheiros d'esta cidade, amadores de canto, para commemorar a mi-carême.

A festa foi luzida e brilhante, cantando-se magistralmente entre muitas composições musicas, as seguintes: *Ave Maria*, de Carlos Gomes; o recitativo do 1.º acto da Africana — *Addio Terra Nativa*, de Meyerbeer; *La Dança de Amore*, de R. Mattiozzi; *Fior Di Margherita*, de Luigi Additi; o Duo da opera *Dolores*, de Manzocchi; o concertante da opera *Hernany*; e a *Ballada do Rio Mondego* letra do distincto poeta dr. Manuel Gayo e musica do *maestrino* Francisco Macedo.

Esta ultima, d'uma belleza extraordinaria, foi cantada por um *orpheon* composto de 60 pessoas, recebendo tanto o auctor da letra como o da musica calorosas e bem merecidas ovações.

As senhoras que tomaram parte no concerto, iam quasi todas vestidas de *gandareza* e os cavalheiros trajavam á marialva.

Terminado que foi o concerto, deu-se começo a um luzido baile que terminou ás 5 horas da manhã.

A' meia noite, foi servida uma abundante ceia volante, repetindo-se o serviço ás 3 horas da manhã.

Os promotores d'esta festa, devem estar satisfeitos, por verem coroados de bom exito os seus esforços.

Princesa Rattazzi

Já retirou para o Porto esta illustre escriptora que, conforme dissemos, veio a esta cidade de proposito para colher apontamentos para um novo livro, que vae publicar sobre Portugal. Coimbra merecer-lhe-ha especial menção.

No seu regresso a Lisboa, voltará novamente a Coimbra, contando demorar-se alguns dias.

Tuna academica

A tuna academica de Lisboa, virá a esta cidade dar uns concertos, contando demorar-se tres dias.

—A nossa tuna irá a Thomar realisar dois concertos, nos dias 21 e 22 do corrente, havendo grande entusiasmo entre os thomarenses pela ida da tuna conimbricense á velha cidade de Nabão.

Incendio em Poiares

Na quarta feira ultima, pelas 7 e meia horas da noite, manifestou-se incendio no pateo da casa de habitação do nosso presante amigo e illustre correligionario, dr. Jeronymo Silva.

O fogo foi devido ao ter cahido sobre um monte de palha, uma faúlha que se escapára d'um ferro de engomar. Os soccorros foram promptos e devido a isso, ardeu só um palheiro, varias gallinhas e um telheiro, não se comunicando o incendio á casa de habitação d'aquelle nosso amigo, nem havendo desgraças pessoas, a lamentar, pelo que o felicitamos cordealmente.

Nomeação acertada

O sr. dr. Manuel d'Azevedo Araujo e Gama, illustre cathedratico da faculdade de Theologia, foi nomeado professor da cadeira de Grego ultimamente creada na nossa Universidade.

A nomeação não podia ser mais acertada, pois o sr. dr. Araujo e Gama, allia a uma profunda vastidão de conhecimentos, um caracter nobre e verdadeiramente recto.

Gymnasio

Continuam regularmente todos os dias a funcionar, as variadas classes de gymnastica e dança, e todas as quintas e domingos, a classe infantil, que é da maxima utilidade para robustecer e desenvolver as creanças, e está sendo cada vez mais concorrida.

Recomendamos a todos os chefes de familia a necessidade, e grande utilidade, de mandarem alli os seus filhos.

Luctuosa

Pelo fallecimento d'um seu cunhado, está de lucto o nosso amigo sr. Antonio Soares Lapa, proprietario do hotel Commercio.

Receba o sr. Lapa, bem como sua familia, a expressão sincera do nosso pesar.

Para juizo

Foi hontem enviada pelo commissariado de policia uma participação contra Manuel Simões, morador na rua dos Gatos, pelo facto d'este senhor ter dado uma bofetada em Antonio Joaquim, carvoeiro, (vulgo o *Pisco*), da qual lhe resoltou um grave ferimento no olho esquerdo. O ferido recebeu os primeiros curativos no consultorio dos srs. drs. Vicente Rocha e Carlos d'Oliveira.

Publicação

O distinctissimo estudante do quarto anno juridico, sr. José Tavares, acaba de publicar um folheto de sessenta e tantas paginas, sob o titulo — *A freguezia ou parochia como divisão administrativa*, o qual constitue uma nova demonstração do muito talento e applicação do laureado academico.

Este trabalho tinha-o elaborado como dissertação para a cadeira de *Direito Administrativo*, e, a instancias dos seus amigos e admiradores, resolveu publica-lo, satisfazendo assim o desejo de muitos, e prestando tambem um auxilio valioso para o estudo dos importantes assumptos, que, com erudição e brilhantismo, desenvolve na sua interessante publicação.

Vamos ler com attenção, e enviamos um abraço ao nosso amigo e distincto escriptor, a quem está reservado um bello futuro.

63 Folhetim—«Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

CAPITULO XII

Corsario e pirata

—Quem és, e a que navio pertencias?

Frei Rozendo, acostumado a mentir, respondeu-lhe:

—Pertencia a um brigue mercante portuguez que foi tomado pelos francezes, que me deixaram no navio avariado, que se afundou no dia seguinte, salvando-me a custo no escalor, em que me encontraram.

O pirata tornou a olhar para elle attentamente, e disse-lhe:

—Não tentes enganar-me, não o consegues; a um velho corvo marinho como eu, não se esconde a verdade. Ouve o que te digo:

«Sei que anda para ahi um celebre cor-

sario portuguez, que me quer dar caça, mas caçado será elle; esticado como um arenque serás tu; se pertences ou pertencestes á tripulação d'esse navio, diz a verdade, que por isso não te levo nada; mas se mentes, mando-te dependurar no lais da verga grande.

Frei Rozendo tremeu interiormente e respondeu:

—Juro commandante, que não pertencio, nem desejo pertencer á companhia do tal corsario; eu gosto da vida maritima; o meu desejo é ficar a bordo d'esta embarcação.

O pirata não lhe respondeu; perguntou a um marinheiro negro, de força e estatura herculea que se achava proximo, armado de um grande martello de ferro, e completamente nu.

O negro olhava de soslaio, com gesto carancudo para frei Rozendo, que tremia de medo cada vez que o encarava o formidavel negro, que parecia uma estatua de marmore preto, pela firmeza e immobilidade em que se achava.

—Romaça, a que horas deste vista de véla, antes de hontem?

—Ao correr do sino, no fim da segunda ampulheta, respondeu, o marinheiro.

—Por onde avistaste a véla, tornou a perguntar o pirata.

—Por barlavento dos turcos.

—A que distancia, pouco mais ou menos?

Ciganos

Ha proximadamente um mez que assentou residencia nas proximidades de Coimbra um bando de ciganos, que a toda a hora do dia e da noite atravessam as ruas da cidade.

Em toda a parte onde estes meliantes tem estado, ha furtos mais ou menos importantes e ainda ultimamente responderam e foram condemnadas tres ciganas, que se acham cumprindo a pena de prisão na cadeia d'esta cidade, pelo facto de terem subtraído uns *cache-net*, ao sr. Jayme Lopes Lobo.

Sabemos nos de muitas familias que se nos tem queixado, que foram victimas de furtos mais ou menos importantes e com uma pessoa da nossa familia, já succedeu uma d'essas proezas. Queixam-se tambem varias mulheres das circumvisinhanças que os ciganos lhes tem extorquido das proprias orelhas os brincos que usam!

Ora enquanto esses pilhantes não tinham o seu *quartel general* assente nas proximidades de Coimbra, não se davam esses furtos senão raramente.

Por isso pedimos ao sr. commissario de policia, que mande empregar activas diligencias, para nos vermos livres d'essa praga.

DIVERSAS

Durante o mez de fevereiro ultimo, foram abatidos no matadouro d'esta cidade. 119 bois, 30 vitellas, 232 porcos e 3.967 carneiros e chibatos, com o peso liquido de 61.839,15.

O rendimento dos impostos indirectos municipaes no mez de fevereiro passado foi, de 2:287:014 réis, menos 70:014 réis do que rendeu em egualmez do anno anterior.

O rendimento exclusivo do matadouro no mez de fevereiro findo, foi de 160:370 réis, mais 12:953 réis do que rendeu em igual periodo de 1895.

No mez de janeiro do corrente anno rendeu o imposto do real d'agua neste concelho a quantia de 881:052 réis. Esta receita comparada com a de igual mez do anno passado, accusa um augmento de 30:994 réis.

Manual do Vereador e Funcionarios Administrativos

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua da Atalaya, 183, 1.º, coordenou, num volume de 280 paginas, sahido do prelo ha poucos dias, todas as disposições de legislação e jurisprudencia, referentes ás camaras municipaes, seus membros e funcionarios, abrangendo o periodo decorrido de 1887 até ao presente. As disposições ali citadas estão concordadas, por uma copiosa série de annotações elucidativas, com o Codigo Administrativo, actualmente em vigor. E' uma obra verdadeiramente curiosa, não só para os vereadores, secretarios, facultativos, etc., das camaras, mas para todo o funcionalismo administrativo, pela grande copia de esclarecimentos, extractados das resoluções dos tribunaes, do ministerio do reino, etc. Preço 400 réis.

—A distancia, entre quatro e cinco milhas; quando lhe dei vista, apenas differenciava os mastarés; e só depois de bastante tempo é que lhe avistei os cestos de gavia.

—Que rumo levava a embarcação?

—Sueste.

—Que signaes tinha o navio?

—Pela armação pareceu-me um brigue de grande força e velocidade.

—Podeste conhecer se era de guerra?

—Sim, senhor; era um brigue de guerra; tinha cinta branca; oito peças por banda; não as recatava, brilhavam como o sol.

—Pareceu-te que nos desse caça? Teria avistado o nosso navio? Não te pareceu isso?

—Não posso responder, commandante, porque o brigue passou a mais de tiro de bala. Mas se me não engano, bordeja por estes mares, parece esperar alguma cousa que lhe ha de passar perto.

—Podeste differenciar a bandeira?

—A bandeira era portugueza, bem conhecida ella é no mar.

—Vê lá, não te enganasses.

—Não me enganeci, capitão: o pavilhão portuguez não se confunde com outro: olhe, é todo branco; tem castellos e uns escudos com besantes.

Frei Rozendo estava admirado da precisão com que o negro selvagem fallava da bandeira portugueza e da promptidão das suas respostas.

Supposto rapto

Com este titulo publica o *Seculo* um telegramma de Agueda a noticia de que fôra raptada a sr.ª viscondessa de Agueira. Não é verdadeiro.

Um telegramma que recebemos de Agueda de 12, quinta feira, informam-nos sobre o caso pela seguinte fórma:

A sr.ª viscondessa d'Agueira, viuva do visconde do mesmo titulo, partiu para o Porto afim de contrahir segundas nupcias com Augusto Henriques Martins, redactor do *Reformador*.

A nobre senhora não quiz matrimoniar-se nesta villa, onde reside, para não desgostar seus irmãos que se oppunham ao casamento. Não podendo demove-la do seu proposito puzeram hoje em juizo acção de interdicção, por demencia.

O parcho d'esta villa negou-se a passar os documentos necessarios a pedido do irmão da sr.ª viscondessa, recebedor Eduardo Caldeira.

Todos estes factos estão sendo commentados havendo geral indignação pelo parcho, João Breda se recusar passar os documentos requeridos. Tambem corre que na impossibilidade de se matrimoniarem catholicamente, o vão fazer civilmente. Hoje affirmava-se que já o fizeram.

E aqui está toda a verdade, a desmentir a informação capciosa do informador do *Seculo* que pretendeu encobrir as causas que levaram a sr.ª viscondessa a contrahir matrimonio á sua vontade.

Soubemos agora que o referido parcho, passára os documentos necessarios que eram os do estado livre, mediante procuração dos interessados.

Regulamento do recrutamento militar

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua da Atalaya, n.º 183, 1.º, Lisboa, tem breve a sair do prelo a edição do ultimo *Regulamento dos serviços do recrutamento militar*, approved por decreto de 26 de dezembro de 1895. Nesta edição acompanha o *Regulamento* um copioso *repertorio*, para facilitar a consulta, poupando assim tempo e trabalho a quem o compulsa.

UTIL PUBLICAÇÃO

A *Revista da Folha Official*, que se publica ás segundas-feiras, dá conta, reproduzindo umas vezes na integra, outras por extracto ou sumario, de todos os diplomas officiaes publicados no *Diario do Governo*, durante a semana anterior, quer dizer, de segunda-feira a sabbado, sendo d'esta fórma um repositório elucidativo e de utilidade geral. O preço de assignatura e: por trimestre, 500 réis; semestre, 900.

Quando no *Diario do Governo* não contenha materia util para preencher qualquer numero da revista, será completado com a publicação de diversas leis, embora promulgadas anteriormente ao apparecimento d'esta publicação, o que certamente deve contribuir para lhe augmentar o interesse.

O capitão proseguiu:

—Tu és um velho corvo marinho, que nada te escapa. Conheces todas as bandeiras, não é assim?

—E' verdade, capitão. Conheço todas as bandeiras, porém só temo a portugueza.

—E porquê?

—Porque, pergunta o capitão?

«E' que os homens que a defendem são leões, são tigres, são peiores que o diabo.

«Se o commandante os visse como eu já os vi, por duas vezes, havia de dizer: «Antes ter pela «prôa uma nau de tres pontes de outra nação, do «que um cutter portuguez».

Frei Rozendo já a este tempo estava mais tranquillo; encostado á amurada ouvia com interesse a conversação do negro, que proseguiu:

«Haverá dez annos fazia parte da tripulação de um pirata argelino. Eram tres embarcações pertencentes ao mesmo dono, que tinha licença do bey para piratear.

«Saímos de Argél; junto á ponta de Ceuta demos vista de um brigue portuguez, que se poz ao largo assim que nos viu. Nós, fiados no numero, e na boa artilheria, não lhe mostrámos, medo; tinhamos bons dentes... mettemos em cheio; passamos lhe a barlavento para o mettermos em dois fogos.

(Continua)

RECLAMES E ANNUNCIOS

HOTEL 'COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

11 N'este bem conhecido hotel, situado na praça do Commercio, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continúa o seu proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as atenções devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado.

Tambem recebe duas ou tres pessoas, a quem dá de comer em mesa particular, por preços commodos.

Já ha e continúa a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito razoaveis, responsabilizando-se o proprietario d'este hotel, por qualquer encomenda que lhe seja feita, tanto para esta cidade, como para fóra.

QUEIJO DA SERRA

Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa, das melhores queijeiras do concelho d'Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

PAPELARIA CENTRAL

2—Rua do Visconde da Luz—6

ADS PHOTOGRAPHS

Productos chimicos, chapas allemãs, cartões em diferentes generos, prensas, etc., etc.

Preços de Lisboa.

DROGARIA DE JOSÉ FIGUEIREDO & C.ª

Mont'arroyo 25 a 33—COIMBRA

CASA MOBILADA NO CAMPO

46 Arrenda-se uma na estrada de Coselhas, proximo á estação velha; tem sala e casa de meza estuada, jardim e quinta para passear. Trata-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

CORREARIA CENTRAL

DE Adriano Francisco Dias

9—Rua de Ferreira Borges—15

COIMBRA

Distinctivo da casa Jockey com um cavallo á mão.

O proprietario da Correaria Central, que durante trinta e quatro annos teve o seu estabelecimento na rua do Visconde da Luz, 105 a 111, o qual trespassou por successos imprevistos, teve de se estabelecer novamente, e tem hoje um grande sortido de tudo quanto diz respeito ao seu antigo commercio e industria.

Encontram-se magnificos selins e apparatus á Relvas e á Campina, cadeirinhas para senhoras andarem a cavallo, cabeçadas, freios bridões, lóros, estribos, escovas, camurças, esponjas e todos os mais utensilios necessarios para limpeza de cavallos e carros, lanternas para carros, e pingalins.

Grande sortido em malas e todos os mais utensilios para viagem.

Espingardas para caçadores, cintos, colletes, cartuchos, e todos os precisos aos amadores de caça e pesca.

Gaiolas para canarios e brinquedos para creança.

Tudo vende por preços baratissimos.

Vende um phaeton em bom uso que serve para um e dois cavallos, dois pares de arreios de pareilha, um com ferragem amarella e outro branca, um arreo de ferragem amarella para um só cavallo, tudo em bom uso e por preços convidativos.

Tambem executa na sua officina bons arreios para pareilha ou para um cavallo; assim como se encarrega de estofar Coupés, Landaus e Caleches, para o que tem um empregado habilitadissimo, não havendo em Coimbra competidor neste genero.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

50 * RUA DE FERREIRA BORGES * 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crês, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais apparatus concernentes.

Pastilhas electro-chimicas, a 50 réis } indispensaveis em todas as casas
Brilhante Belge, a 100 réis. }

ANTIGO DEPOSITO DE MACHINAS

INGER

Estabelecimento de fazendas brancas

ARTIGOS DE NOVIDADE

ALFAIATARIA MODERNA

DE

JOSÉ LUIZ MARTINS DE ARAUJO

90, Rua do Visconde da Luz 92—COIMBRA

6 O mais antigo estabelecimento n'esta cidade, com as verdadeiras machinas Singer, onde se encontra sempre um verdadeiro sortido em machinas de costura para alfaiate, sapateiro e costureira, com os ultimos aperfeicoamentos, garantindo-se ao comprador o bom trabalho da machina pelo espaço de 10 annos.

Recebe-se qualquer machina usada em troca de novas, transporte gratis para os compradores de fóra da terra e outras garantias. Ensina-se de graça, tanto no mesmo deposito como em casa do comprador.

Vendem-se a prazo ou prompto pagamento com grande desconto.

Concerta-se qualquer machina mesmo que não seja Singer com a maxima promptidão.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Acaba de chegar um grande sortido em casimiras proprias para inverno. Fatos feitos completos com bons forros a 6\$500, 7\$000, 8\$000 réis e mais preços, capas e batinas preços sem competencia, varinos de boa catrapianha com forro e sem elle desde 3\$000 réis para cima, garante-se qualquer obra feita n'esta alfaiateria, dão-se amostras a quem as pedir.

Tem esta casa dois bons contramestres, deixando-se ao freguez a preferencia de optar.

Sempre honito sortido de chitas, chailes, lenços de seda, ditos de Escócia, camisaria e gravatas muito baratas.

Vende-se oleo, agulhas troçal e sabão de seda, e toda a qualquer peça solta para machinas.

Alugam-se e vendem-se Bi-cycletas.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, ADRO DE CIMA, 20—(Atraz de S. Bartholomeu)

2 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.

Contínua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

VINHO SEM COMPETENCIA

EM PREÇO E QUALIDADE

44 Vinho da Beira novidade de 1894 a 90 réis o litro

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado — garrafa 100 réis o litro.

Quem comprar de 20 litros para cima tem 10 o/º de abatimento.

Taberna á Sê Velha junto ao arco da rua da Ilha.

Exames de admissão ao Lyceu

Sendo no corrente anno de 1896 a epocha d'estes exames (como os jornaes annunciaram) depois dos secundarios, isto é, em Julho ou Agosto, o director do collegio — *Corpo de Deus* — promptifica-se a leccionar para os ditos exames.

Os alumnos a quem seus professores tenham dissuadido, são admitidos mediante a modica quantia de 1\$000 réis mensaes, pagos adiantadamente.

Os chefes de familia que se quizerem aproveitar podem quanto antes matricular seus filhos, cuja matricula não passará além do dia 15 do corrente mez.

O director do collegio

Fabricio Augusto M. Pimentel.

ASSOCIAÇÃO DE SOCCORROS MUTUOS DOS ARTISTAS DE COIMBRA

São convidados todos os socios d'esta sociedade a examinarem as contas das gerencias dos annos de 1894 e 1895, e respectivos pareceres do conselho fiscal que se acham patentes no gabinete da direcção por espaço de 15 dias a contar do dia 14 do corrente em diante.

Coimbra, 12 de março de 1896.

O secretario da direcção,

Manuel Rodrigues d'Almeida.

COMPANHIA AUXILIAR

Esta companhia muda o seu escriptorio do Arco do Bispo n.º 2 para o largo de S. João n.º 6, onde continua com as mesmas operações, e em casa muito mais apropriada para o seu myster.

Em razão de construir uma nova armação, vende por preço muito em conta a que tem na referida casa do Arco do Bispo, e tambem sobloca a dita casa até á terminação do arrendamento que é pelo S. Miguel do corrente anno.

A armação serve para mercearia, fazendas brancas, ou quinquilherias.

Coimbra, 11 de março de 1896.

O caixaero da companhia

João Favas.

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas a JOSÉ MARQUES LADEIRA

COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128—RUA FERREIRA BORGES—130

N'este deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR—Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração—Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha		Sem estampilha	
Anno	2\$700	Anno	2\$400
Semestre	1\$350	Semestre	1\$200
Trimestre	680	Trimestre	600

ANNUNCIOS:—Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS:—Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Impresso na Typographia Operaria—Coimbra

Defensor

do Povo

COIMBRA — Quinta feira, 19 de março de 1896

O QUE NÓS QUEREMOS

(NA GENERALIDADE)

Queremos que a Nação Portuguesa seja dotada e provida de todas as boas condições de *hygiene*; de modo que as diferentes regiões que formam o seu territorio, e a sua população habita, o ar que respira, as aguas que bebe, os alimentos com que se nutre, todos os generos que consome, e as casas onde se abriga sejam salubres, sejam sadias; queremos, finalmente, que todas as condições da sua vida material e organica possam dar saude e robustez á população das cidades e dos campos, e tornar os organismos fortes, aptos para o trabalho, de modo a desenvolver o corpo e a facilitar o aperfeiçoamento do espirito.

Queremos a *educação*, moral e religiosa, civil e professional, assente em principios verdadeiros e ministrados por processos normaes e efficazes, fundados nos preceitos e nas regras da mais escrupolosa, sensata e progressiva pedagogia, na familia, na parochia no municipio, em todas as associações e para todas as classes.

Queremos a *instrução*, primaria e professional, *obrigatoria*, e o *ensino*, em todos os graus, quanto seja possivel *livre* e expurgado de imposições auctoritarias, de restrições officiaes, de compressões regulamentares, de privilegios e monopolios odiosos, de processos deprimentes e esgotantes, e, para mais, senão inteiramente *gratuito*, pelo menos isento das exigencias fiscaes, economicamente ao alcance de todos os cidadãos; e, como consequencia necessaria, a liberdade de Imprensa.

Queremos a recta e imparcial administração da *Justiça*, nas mãos de magistrados esclarecidos, probos, independentes de qualquer outro poder que não seja a soberania nacional, devidamente representada e constituida no orgão e na função de julgar, por um voto de confiança, escrupulosamente prestado, ou esses magistrados sejam directamente escolhidos pelos cidadãos ou nomeados pelos seus legitimos representantes no governo.

Queremos a liberdade de associação a todos garantida ou seja para educar, ou para instruir, ou para trabalhar em qualquer empreza util e civilisadora; e como condição previa e consequencia necessaria, a liberdade de reunião.

Queremos estabelecer em bases verdadeiramente humanitarias e sinceramente christãs, justas e dignas do homem e do cidadão de uma patria livre e de uma nação civilisada, a *assistencia* e a *beneficencia* publica e particular, sem offensa dos direitos individuaes e de familia, sem tolher a liberdade de cada um nem crear a minima dependencia e subordinação entre váliidos e inválidos, entre pobres e ricos, de modo que, sendo para os váliidos e ricos um dever, seja para os pobres e inválidos um direito ao amparo e protecção do Estado, o qual na sua plenitude comprehende uns e outros, sob a guarda incorruptivel das leis e do direito, sob a indomavel defeza da justiça; e sobre tudo queremos e desejamos que tudo isso a que, ordinariamente por calculo e hypocrisia, chamam caridade, philantropia, beneficencia, seja uma virtude, publica e particular, desinteressada e conscienciosamente praticada, e deixe por uma vez de ser um *calculo*, uma especulação, um sophisma, e, não raras vezes, um vicio, um crime, uma des-honra.

DESCRENÇAS E ALENTOS

Uma monarchia sem tradições que a nobilitem, sem escrupulos de qualidade alguma, servida por ambiciosos, ignorantes e gatunos confessos, tendo em mira os interesses d'um throno desconjunctado, ameaçando eminente derrocada, sem vislumbres de patriotismo, fanfarrona e ao mesmo tempo cobarde, intriguista e unanimemente odiada, decidiu, que esta gloriosa nação, patria de heroes seja, em breve, riscada do mappa das nações livres e independentes!

Já ridicularisada com frequencia pela imprensa estrangeira, empobrecida e vivendo quasi exclusivamente das tradições do passado, vae-se, pouco a pouco, esphacelando nas mãos dos governantes ainda tolerados no poder e auxiliados na sua obra destruidora e nefasta, reaccionaria e retrograda, pelo rei, seu amo, acerrimo defensor e unico sustentaculo.

Vergonhas, arbitrariedades sem conto, erros e injustiças revoltantes são as palavras, que melhor consubstanciam, e synthetizam a politica, que elles adoptaram, e preferiram aos antigos e honestos processos de governo dos estadistas, que out'ora dirigiram os negocios publicos, e souberam sempre manter-se superiores ás imposições dos reis e ás arremetidas egoistas e velhacas da camarilha, que constantemente os cerca, e hypocritamente bajula.

Vivemos na miseria, escravizados, com as liberdades fechadas traiçoeiramente em um circulo de ferro, sem garantias de especie alguma, quer individuaes quer collectivas, á mercê dos caprichos e despredios da corôa, dos seus partidarios, favoritos e protegidos, aos quaes a nossa esvasiada bolsa estupidamente paga. A alma portugueza está, na opinião de muitos, prestes a exalar o ultimo suspiro, e a precipitar-se no abysmo que os coveiros da monarchia não cessam de abrir, e tenebroso se escancára.

Nenhuns vestigios ficarão d'esta abençoada terra; semelhante á lava encandescente, que a cratera d'um volcão em actividade vomita, e se espraia pela planicie, levando adiante de si tudo que encontra, e obsta á sua voraz passagem, assim tambem a monarchia não poupará ninguém; culpados e innocentes confundindo-se, perecerão, e conjunctamente com elles, ainda as esperanças de reviver, as energias que os poderiam salvar!

Nestes ultimos tempos Portugal, o leão aquem foram de manso e manso cortando as garras e a coruscante juba, tem perdido a fama, á custa de tanto sangue deramado conquistada, de nação corajosa, valente e ousada até á temeridade, de liberal, então... não fallemos! até ao fanatismo.

Tudo desapareceu! Até a dignidade se esvaiu pelo exemplo contaminador, que das regiões do poder lhe vem, e, descendo, nos envolve a todos em podridão e lama!

Os dirigentes da opposição, aquelles em quem todos resignados confiavam, onde estão? Elles, de quem poderiamos esperar qualquer empreendimento para desaggravo, (parece incrível!) crusam imbecilmente os braços; ainda se limitam á propaganda legal, á lucta platónica!

Tristes, como *Mario*, choram, não sobre as ruinas dafamosa *Carthago*; mas junto das ruinas da Patria; vertem lagrimas de sangue, o qual á força de tanta indifferença e insensibilidade degenerou, transformando-se em agua chilidra.

A anemia, se as cousas não mudam, começará em breve; Portugal, tornando-se tuberculoso, morrerá dos estragos d'uma phytica; a morte porém, diga-se, não parece custar-lhe; assim como os atacados por esta terrivel molestia nunca desesperam da cura, ignorando conter em si o germen morbido, e, sempre esperanças, julgam largar em breve a cama, d'onde só infelizmente partem para a frialdade do sepulchro, assim elle animado deixará de viver com o sorriso nos labios e o coração a transbordar em aneios de felicidade...

Não se lembra o povo adormecido, cansado, descrente, esfarrapado e faminto, que é urgente cortar o mal pela raiz, indemnizar-se dos prejuizos soffridos, tapar o foco de infecção purulenta, que de todos os lados escorre e impesta a atmospheria, e purificar o ar-

mephitico que os pulmões recebem, e põe em perigo vidas tão preciosas?

Não vê que o soffrimento se prolonga demasiado, e os medicos torcem, em signal de desanimo, o nariz? Não vê que entretêm com paleativos e mesinhas impotentes esta phytica, que o devora, e lhe corroe o organismo?

Não sente o sopro gelado da morte, que ao longe temerosa se devisa; não vê os nossos cerebros já delirantes, as nossas faces roxas, os nossos olhos embaciados?

Um grito penetrante se ouve entretanto, reboando pelo espaço em fóra, medonho e assustador. Um grito de alarme, como querendo suspender um desvairedo, o qual cavalgando a aresta da montanha, contempla sinistramente impassivel o precipicio hiante, considerado o fim de muitas amarguras, unica solução que lhe resta, — brada:

«Detem-te desgraçado; não está tudo perdido. Portugal não é ainda um animal estropiado, que se sujeite, sem protesto, á carga d'uma monarchia. A intelligencia dos seus filhos dignos, ainda se não obscurecem; apesar de tanta desventura não quer morrer sem castigar os seus algozes; quer amarralos ao pótro da ignominia, e saciar a sede de vingança, que a toda a hora o atormenta; quer emfim tentar um esforço ultimo.

«Na historia dos povos moribundos pôde ainda ser intrecallada uma pagina brilhante, para descreverao lado das façanhas, que tornaram grande e illustre o nome portuguez, outra maior, unica.

«Portugal pôde reanimar-se. Morrer assim, tranquillo, nesta paz pôdre... seria o supremo opprobrio!»

AICRAG.

Meu caro Pedro Cardoso:

Peço-lhe o obsequio de permitir que no *Defensor do Povo* apresente as minhas despedidas aos nossos correlegionarios de Coimbra, a quem mais uma vez affirmo a minha plena solidariedade politica juntamente com o meu grato reconhecimento pelas generosas attentões que me têm dispensado.

Egualmente me despeço por este meio dos amigos pessoases que tenho a honra de contar nesta cidade.

A todos offereço o meu humilde prestimo na ilha de S. Thomé.

A si, meu amigo, envio num abraço a expressão vehemente, sincera do meu affecto.

Seu muito amigo.

Antonio José d'Almeida

Coimbra, 18 de março de 1896.

Obrigado a Antonio José, pelo seu abraço, tão fraterno e tão sincero, como leal e amigam tem sido a nossa convivencia, desde que a lei nos uniu nos bancos dos reus, desde que uma vez nos encontrámos em lucta aberta contra a monarchia, em prol da Revolução.

Deixa-me saudades — e bem sentidas — o virtuoso amigo; guarda elle, como eu, na sua alma amante, as provas infinitas de amizade que ambos compartilhamos.

Ninguem se julgará lesado com a nossa commum dedicacão. E' grande o seu coração, a sua alma é immensa de grandeza! Cabem á vontade os muitos amigos que o idolatram como eu, como todos os que lhe admiram a nobreza do seu porte, a rija tempera do seu caracter, que se não torce, o puro aço d'aquella consciencia de puritano...

Meu caro amigo — Adeus.

Amigo firme,

Pedro Cardoso.

Coimbra, 18-III-96.

Pelourinho

LXIV

DOS QUE FURTAM COM UNHAS POLITICAS

(CONCLUSÃO)

Creou-se nas côrtes de grandes principes, embrulhou-os a todos: teve por aios o Machiavello, Pelagio, Calvino, Luthero, e outros doutores d'esta qualidade, com cuja doutrina se fez tão viciosa, que d'ella nasceram todas as seitas e heresias, que hoje abrazam o mundo.

E eis aqui quem é a senhora dona politica.

E para a termos por tal, basta vêrmos a variedade com que fallam d'ella seus proprios chronistas, que, se bem advertirmos, cada qual a pinta de maneira, que estamos vendo que leva toda a agua a seu moinho.

Se é letrado, todas as regras da politica vão dar, em que se favoreçam as lettras, que tudo o mais é aire; se professa armas o auctor, lá arruma tudo, para Marte e Belona, e deixa tudo o mais á *porta inferi*: e se é fidalgo, tudo apoia para nobreza, e que tudo o mais é vulgo inutil, de que se não deve fazer conta.

E é a primeira de toda a politica do mundo, que todos seus preceitos se encerram em dois, como temos dito: o bom parar mim, e o mau para vós. E posta neste primeiro principio, entra logo sua mãe, razão de estado, ensinando-lhe, que por tudo côrte, sagrado e profano, para alcançar este fim; e que não repare em outras doutrinas, nem em preceitos, mas que sejam do outro mundo, porque só do commodo d'este deve tratar, e de seu augmento, e da ruina alheia, porque não ha grandeza que avulte á vista de outra grandeza.

Minguas de outros são meus accrescentamentos; sou obrigado a me conservar illeso; e não estou seguro, tendo junto de mim quem me faça sombra: e para nos livrarmos d'este sossobro, dêmos-lhe carga, tiremos-lhe a substancia. E para isso estende as unhas, que chamam politicas, armadas com guerra, hervadas com ira e peçonha de inveja, que lhe ministrou a cobiça: e nada deixa em pé, que não escale, e metta a sacco.

Este reino é meu, e esta provincia é o menos de que se trata: os imperios mais dilatados e opulentos, são pequeno prato para estas unhas; e o direito com que os agarram, escreve o outro com poucas lettras, sem ser Bartholo, na bocca de uma bombardaz; e vem a ser: *Viva quem vence*. E vence quem mais pôde, tenha tudo por seu, porque tudo se lhe rende.

E fica a politica cantando a gala do triumpho; e sua mãe, razão de estado, rindo-se de tudo, como grande senhora, e seu pae, amor proprio, logrando prós e precalços; e seu avô, o diabo, recolhendo ganancias, embolsando a todos na caldeira de Pero Botelho, porque fizeram do céu cebola, e d'este mundo paraíso de deleitos, sendo na verdade labyrintho de desassocegos, e inferno de miserias, em que vem dar tudo o que nelle ha, porque tudo é corruptivel.

Este é o ponto em que a politica errou o norte totalmente, porque tratou só do temporal, sem pôr a mira no eterno, aonde se vae por outra esteira, que tem por roteiro dar o seu a seu dono, e a gloria a Deus, que nos creou para o buscarmos, e servirmos com outra lei muito differente da que ensina a politica do mundo. E lá virá o dia do desengano, em que se acharão com as mãos vazias os que hoje as encham da substancia alheia.

Testemunhas sejam o famoso Belisario, terror de vandalos, assolação de persas, estragador de milhões, que dos mais altos cornos da lua o pôz sua fortuna sem olhos em uma estrada á sombra de uma choupana, pedindo esmola aos passageiros: *Datè obulum Belisario*. E o grande Tamorllão, cujo exercito enxugava rios, quando matava a sede; tão poderoso que trazia reis ajojados como cães debaixo da sua mesa roendo ossos, o qual á hora da morte mandou mostrar a seus soldados a mortalha, com um pregão e desengano, que de tanto que adquiriu, só aquelle lençol levava para o outro mundo.

Arte de furtar.

Basofias litterarias d'um Poeta

Crítica á Crítica

CONTINUAÇÃO

Chegando a este ponto, o infausto critico escreve emphaticamente: «e páro neste final de periodo: — «... a idolatria da phrase já não encontra echo de espanto (echo d'espanto, sabem-me dizer o que seja?... no (finis coronat opus...)) espirito da mentalidade do nosso tempo! Os senhores leram bem? pois então decidem-me aquella charada? Ah! que grande palerma, este sr. Lemos me sahiu!

E' que não diz uma cousa com geito, com algum fundamento. O que me espanta é a audacia irreverente d'este bacharelado de má morte. Sempre é preciso ter muita pachorra para aturar este peralvilho! Já agora, que remedio ha senão aturá-lo até ao fim. Vou elucida-lo: ouvi alluice, sr. Lemos, ou, pelo menos, já ouvi connhecêr o Dicionario de Fr. Domingos Vieira? Pois esse sujeito, na palavra *echo* ou *eccho*, diz, entre muitas coisas, o seguinte: quando este termo se emprega figuradamente significa: acolhimento d'uma ideia na opinião publica.

Ora, quando escrevi: «... já não encontra echo de espanto» queria dizer: já não é acolhida ou recebida com admiração, etc. E agora, relativamente áquella phrase: *espirito da mentalidade*, da qual o meu amigo pretende trocar, dir-lhe-hei que *espirito* não tem só a significação moral de: alma; mas tambem, a de: caracter, maneira de ser especial, tendencia propria e caracteristica. Isto não o digo eu; di-lo: Larousse, Moraes Silva, João de Deus, Fr. Domingos Vieira e outros.

Os leitores descobriram, alguma vez, engenho ou lealdade na polemica do sr. Carlos de Lemos? Eu, pelo menos, nunca lhe encontrei urbanidade nem agudeza. E este homem, depois de tão basta calinada, ainda tem o atrevimento de escrever isto: «Ora o sr. Villela Passos, depois de taes dislates tem liberdade para não admitir, como lhe praza. A nós fica-todos os tambem a liberdade de envil-darmos todos os esforços para que o sr. Villela Passos seja admittido em Rilhafolles, caso reincidente; por esta perdôa-se-lhe.» Como vêem, a piada não pôde ser mais chula nem mais insulsa. Está-lhe mesmo a caracter.

Depois ri-se muito, por eu dizer que achava banal que muitos poetas se preocupassem com a escolha de vocabulos exóticos e antiquados, para o effeito da rima. Ora este ponto já eu lh'o expliquei no artigo precedente, quando fallei das palavras bizarras. Portanto, adiante.

O sr. Carlos de Lemos mostra tambem um espanto lôrpa ao deparar-se-lhe este começo de periodo: «E assim deve ser...», dizendo que eu estou em contradicção com o que escrevi antecedentemente. Isso é que não estou. Porque eu, no periodo precedente, disse que achava banal a preocupação, etc.: e neste periodo apresento os fundamentos da minha afirmação.

Portanto, escrevendo: «E assim deve ser...», queria dizer: que se devia reputar trivial e corriqueira a preocupação de procurar vocabulos exóticos e antiquados. E lá vem agora a razão: «porque a poesia que fôr mais natural e expontanea, será tambem a mais expressiva e synthetica.» Mas observa o sr. Carlos: «Ora a synthese, sendo um resultado já da reflexão, como combinal-a com a expontanea?»

A esta objecção do *insigne* poeta e illustre pedagogo responde ainda Fr. Domingos Vieira. Diz elle que, expontaneidade: «é a livre vontade com que se faz alguma cousa.» Que eu não emprego o adjectivo *expontanea* no sentido de: subita, prompta, repentina, isso é obvio e facil de justificar, des que mais abaixo apparece o adjectivo *synthetica*. Parece, pois, que a voluntariedade se pôde combinar com a synthese, não acha seu Lemos?

Os senhores querem vêr até onde chega a indelicadeza do sr. Carlos? Quer-me até pegar pelo... *glosario!* Não acham que é obnoxio este procedimento? Eu por mim acho. Pois este homem nem sequer desculpa um lapso typographico! Ora bolas!... O erro não é meu. No original ia com os dois ss, porque eu não fiz mais que reproduzir o que Fialho d'Almeida diz em *Os Gatos*, n.º 46, pag. 19, *in fine*, como pôde vêr-se. O homem vem depois notar que eu não fui correcto quando escrevi: «... desde que, os rebuscadores se convencerem de que essa mania já nem ao menos faz rir os que os lerem.»

O que tem graça é que o sr. Lemos anda sempre ás véssas. Nota erros, onde não existem, e deixa passar em claro tomde que precisam de correcção. Assim, observa que eu devera ter dicto desde que... se convencerem... e não desde que... se convencerem. Pois engana-se redondamente. O infinitivo está aqui muito mais appropriado do que o conjunctivo. Porque desde que se convencerem, é o mesmo que: desde que se cheguem a con-

vencer. A isto chama-se um Hellenismo. Se verim de Faria (*Discurso 2. pag. 65. ult. edic. 1791.*) nota que os Hellenismos foram muitos usados por Horacio, Virgilio e por todos os grandes Poetas Latinos. O mesmo direi d'aquelle infinitivo *lerem*.

Agora vou apontar ao sr. Carlos os termos incorrectos. O primeiro é aquelle desde que. Duarte Nunes de Leão (*Ortogr. f. 324, ult. ed.*) expressamente aponta entre os erros do vulgo o dizer desde que por des que. O segundo é aquelle faz, que devia ser fará.

Continuemos. Disse eu no tal artigo sobre as *Amelhistas*: «Claro está que eu não sou do numero d'aquelles que não querem ou não procuram a renovação d'ideal, como, brevemente, provarei pela publicação d'um livro, que tenho quasi concluido.» Mas o tal Fr. Carlos, de quem venho fallando, como nunca comprehendeu patavina d'Arte — a ultima das religioes humanas — tem um sorriso alvar para esta phrase: a renovação d'ideal!

E commenta: «Que ideia fará do Ideal este futuro auctor do Novo-Idealismo — elle que quer um ideal renovado, ignorando que o Ideal é sempre uno e o mesmo, como o sol, embora, como o sol tambem, seja, ao mesmo tempo, multiplo e diverso: na essencia uno e o mesmo; multiplo e diverso nos accidentes? Elle o que quereria e procuraria, se algo pudesse querer e procurar, fôra a renovação ou antes o aperfeiçoamento da Forma a dar a esse Ideal; mais nada.» Isto causa antes nójo que piedade. Que poeta, que critico, que litterato! Você sabe o que é o bello ideal? Não sabe, não, com certeza. O bello ideal é: um signal longinquo, uma aspiração indeterminada, um clarão vago que se levanta, semelhante a uma aurôla, do Bello, do Bem, do Verdadeiro. Quando a Alma está embebida no seu Ideal, quanto a realidade tranfigura-se e o nosso espirito torna-a creação nova. E' então que apparece a Arte ideal, que reúne em si os elementos multiplos e esparços no mundo material, e sem os desfigurarem, sem os desvigorar de evidencia, de paixão e de verdade, lhes infunde a sua alma, os seus sonhos, as suas visões sobrenaturaes, transformando-os em symbolos mysteriosos do intangivel, do incognoscivel, do inexprimivel. O ideal, como disse Taine, é essencialmente individual. Ora se assim é, claro está que não é uno e o mesmo na essencia; mas sim diverso e multiplo e, portanto, susceptivel de renovação. Se assim não fosse, Fialho d'Almeida não escreveria, (n.º 43 d'Os Gatos, pag. 5) fallando dos Novos, o seguinte: «Ora, é de saber que ninguem recusa a qualquer d'estes bardos com ciumes uns dos outros, as sympathias devidas a todas as indoles, que buscam renovações d'ideal, mesmo espavorindo o senso commum.» Mas ainda mais. João Barreira, o intenso prosador do *Gouaches*, diz tambem a pag. 76: «... lacerando os pés na mesma aspera mortalha, na sombria aspiração de um Novo Ideal.»

O sr. Carlos de Lemos, a final, é um desastrado em tudo o que diz ou escreve. Não merecia sequer uma resposta.

Mas o homem não pára, aqui, no seu furor pedagogico. Embica em qualquer aresta. Eu escrevi no tal artigo critico: «Mas não é pela publicação de ladainhas, d'um extranho phantastico e litanias-me logo extravagantes...» E o homem e pontana-me logo dous erros nessas poucas palavras. 1.º Que entre aquella conjuncção e e a palavra *litanias* devia estar a preposiçãõ de. 2.º Dá a entender que um d'aquelles termos, *ladainhas* ou *litanias*, é superfluo e inutil.

Agora eu, seu estraga-albardas: 1.º O que devia estar era uma virgula a *phantastico* e não o que você diz; 2.º Ambos os termos são justos e appropriados, porque ladainha, no sentido figurado, significa: grande narração ou enumeração... Di-lo tambem Fr. Domingos Vieira, Moraes Silva e outros. Encontram-se nos nossos classicos construcções que justificam este sentido. O padre Antonio Vieira diz: «faz huma ladainha de seus serviços» e *ladainha* de encomios, e louvores.» Couto escreve: «hia dizendo uma ladainha, do que elle queria.»

Em seguida, o sr. Carlos de Lemos diz que sou um intrujão acabado, completo e que se escrevi o artigo foi unicamente para fazer reclamo ao *Novo-Idealismo*. A cerca de intrujice não discuto primazias com o sr. Carlos, porque é mais velho e larão. E de reclamo, igualmente, não discuto; porque o sr. Lemos, com os seus artigos fez mais reclamo a pedagogico que eu ao *Novo-Idealismo*.

Ouçam ainda uma observação do sr. Carlos de Lemos: «E conclue a parte dos *Preceitos* por uma citação que nos provoca, por descabida, esta pergunta: mas que tem o... collete com as calças?! não nos dirá?...»

Isto é uma falsidade. Senão vejã: no periodo anterior dissêra: «Para se obter o ideal novo, não é necessario recorrer a vesanias monstruosas e dramaticas, repassadas de hystierismo contrafeito e postico.» E logo a seguir reforçei a minha afirmação com a

opinião d'um sabio professor italiano, que eu vou trasladar de novo para os leitores verificarem: «Nos espiritos habituados a pensar, diz Mario Pilo, um nada é muitas vezes uma impulsão para o trabalho cogitativo, e um abalo qualquer do systema nervoso é causa de avivar em nós antigas lembranças e associações de ideias novas e imprevisas.» Lêrão? Então, que lhes parece?

(Continúa.)

VILLELA PASSOS.

João de Deus

A familia de João de Deus não podendo deixar de commetter grandes faltas, embora involuntarias, nos agradecimentos directos a cada individuo ou corporação que com o maior e mais eternecido pesar se associou á sua grande dôr honrando o seu querido morto com tantas e tão commovidas provas de admiração e de affecto, roga encarecidamente a toda a imprensa periodica do paiz, á qual vem penhorada agradecer as demonstrações de apreço que lhe deve que, em derradeira homenagem á idolatrada memoria d'elle, publique, afim de chegar a toda a parte, desde os grandes centros de população até ás aldeias mais modestas, este sincero e cordealissimo testemunho da sua eterna gratidão.

Não nomeia pessoas cuja morada ignora, nem collectividades, pois a começar pela generosa mocidade das escolas, teria de citar muitas, pela impossibilidade material de o fazer entre tantas centenas de demonstrações affectuosas, mas pede a todos a desculpa que seguramente não deixará de encontrar na benevolencia de cada um.

CARTA DO PORTO

14 de março.

Não podia ser eu, sem auctoridade para me ouvirem, que levasse á publicidade a descrecencia dos republicanos sinceros, pela forma porque certos dirigentes do partido republicano ousam affrontar sua a orientação democratica.

Vendo porém levantada uma ponta do véu pelo nosso honrado correligionario, e decano dos jornalistas, sr. Martins de Carvalho, venho dizer-lhe, que as suas revelações no jornal — *O Paiz* (que tem actualmente no Porto uma grande extracção) produziu uma grande magua e profunda sensação; porque, effectivamente, quem é sincero desde ha muito se admira da orientação obliqua, que certos republicanos vão seguindo para o campo das ambições e dos gosos de toda a especie; pre-tendendo monopolios, e atropellando direitos.

Apoiado! Tudo precisa de reforma! E de tal modo, que os elementos estranhos á democracia sejam extirpados para sempre, e lançados ao mar revolto das ambições.

Os republicanos honrados só devem pensar nos destinos da patria e no respeito pela liberdade e pelos direitos de propriedade de seus concidadãos, aplanando-lhes o caminho do progresso, e da sua emancipação em um futuro proximo.

Se assim não fizerem, são falsos republicanos. E podem ter a certeza de que os monarchicos fazem troça de republicanos assim. Outro tanto não poderão fazer aos republicanos sinceros, que sem mira no mais insignificante interesse, ou vaidade, vão direitos ao seu fim, guiados unicamente pelo amor da patria, pelo engrandecimento d'ella á altura das nações mais civilizadas, e pelo bem estar de todos os seus concidadãos.

Ahi fica o nosso protesto contra tudo o que não fôr patriótico e sincero; contra todas as orientações dos republicanos e de seus órgãos da imprensa, que não forem oriundas d'um directorio legitimo, eleito pelos correligionarios de todas as opiniões, ou que não se harmonisem com os principios democraticos.

Um recenseamento de homens livres e honrados não tem logar algum reservado para *exploradores*, amigos simulados, e delatores.

O estado em que tudo se encontra faz presumir a existencia de grandes deslealdades. Porém quaes sejam os autores de tão grande crime, não sabemos. E' mais facil evita-los, que designa-los. Um republicano sincero e honrado serve sempre bem a sua patria quer seja á sombra da monarchia, quer da Republica. Um falso republicano de hoje é amanhã um falso monarchico. Podem estar certos d'isso; porque quem o domina é o estomago; não a consciencia.

LOPES DA GAMA.

Os monopolios

A representação que abaixo publicamos e que pot intermedio da *associação de classe dos fabricantes de calçado de Lisboa*, vai ser entregue aos poderes publicos, é digna de ser attendida por todos os motivos.

Oxalá que o governo não descure essa justissima pretensão e que os fabricantes de calçado de Coimbra, vejam coroados de bom exito os seus esforços. Fazemos votos para que assim aconteça e felicitamos esses operarios pela attitude digna que têm tomado.

Senhor:

A Vossa Magestade recorrem os abaixo assignados, officiaes de sapateiro em Coimbra, para que não seja deferida a pretensão de William Gruiz, negociante, estabelecido em Lisboa, que pede por espaço de dez annos o exclusivo de fabrico de calçado por meio de machinas, allegando a favor da sua pretensão vantagens de rapidez e preço.

E' a pretensão d'um tal exclusivo não só pouco legal, mas, ainda quando fosse plenamente conforme as formalidades legais, devia ser rejeitada, porque é evidentemente de perniciosos effeitos economicos para uma classe numerosa, para uma industria importante do paiz.

E' illegal a pretensão, por que não é uma novidade applicarem-se machinas á maior parte das operações do fabrico do calçado, e mal se pôde considerar uma invenção, digna de ser premiada com um exclusivo de fabricação, o facto de se reunirem num machinismo geral, que os comprehenda e systematise todos os mecanismos parciaes já vulgarizados.

Consta, alem d'isto, aos supplicantes que o pretendente não junta ao seu requerimento os documentos exigidos no artigo 20 do Regulamento de 15 de outubro de 1894. Por estes motivos a pretensão é illegal. Ainda porem que todas as formalidades legais estivessem preenchidas, não consentiriam o deferimento da pretensão, nem a propria letra da lei, e o seu espirito, nem as conveniencias economicas e moraes do paiz.

Não quer a lei que se deem patentes a qualquer invento que possa prejudicar o publico e o paiz, é essa a disposição do n.º 5 do artigo 57 do Regulamento já citado, e vem decreto prejudicar o paiz o exclusivo, que lançaria na miseria, por falta de trabalho, milhares e milhares de operarios, pois que por milhares se contam os que em Portugal se empregam na sapataria, e isto sem o publico alcançar o barateamento do genero correspondente ao barateamento da fabricação, porque o exclusivo, haixando os pregos até onde fosse necessario para destruir a concorrência da industria manual, não a deixaria cahir mais abaixo, accumulando-se lucros nas mãos do feliz monopolista, emquanto definharia por todo o paiz a classe dos sapateiros, ferida de morte pela fome por falta de trabalho.

Calcula-se que as machinas applicadas á industria do calçado podem produzir 200 vezes mais do que a industria manual, se houvesse falta d'artifices, bom seria applicar as machinas, mas se não ha tal falta, se a população pelo contrario encontra falta d'emprego, ir diminuir-lhe não é nem util, nem moral; e se os calculos da produção mechanica do calçado são exactos, se as vantagens da invenção do alludido negociante são as que diz, elle não precisa de monopolio, é-lhe desnecessario o exclusivo que pede, porque sem elle pôde tirar, antes que a invenção, se o é, se vulgarise, lucros que o compemem de quaesquer sacrificios de iniciação, se os ha;

A classe dos officiaes de sapateiro, que vem representar a Vossa Magestade, comprehende em Coimbra cerca de 500 pessoas e é proporcionalmente numerosa nas outras terras do paiz; desejamos viver trabalhando, e precisamos, para assim continuarmos, não encontrar deante de nós um exclusivo, que de repente inutilize o officio que aprendemos, e nos converta de trabalhadores em mendigos, ou em desesperados: mendigos, mesmo na força da vida, desesperados, mesmo por mais pacifico que seja o nosso espirito, por maior que seja a nossa resignação.

Confiamos em que serão attendidos, os abaixo assignados pedem respeitosa mente que o Governo de Vossa Magestade não conceda o exclusivo que se lhe pede.

Coimbra 16 de março de 1896.

E. R. M.º

(Seguem-se as assignaturas)

Previsão do tempo

Segundo o boletim de Noherlesoom, a mudança atmospherica mais notavel da segunda quinzena de março dar-se-ha na península de 27 a 30.

A 16 baixas pressões occuparão o Mediterraneo, assentando na Argelia; a sua acção estender-se-ha na peninsula a N. O. produzindo algumas chuvas, especialmente nas regiões proximas d'aquelle mar, e vento na região oriental.

O dia 17 será parecido com o anterior, avançando o centro das baixas pressões para o oriente. A 19 aboradará ás ilhas Britannia

cas uma depressão, cuja acção se accentuará na parte septentrional do continente, pouco sensível na península, excepto nas regiões do N. O. e N.

A 20 accusar-se-ha o centro de uma depressão no mar do Norte, alcançando a região septentrional da Hespanha e produzindo algumas chuvas e ventos de O. e N. A 22 manifestar-se-ha na Irlanda uma nova depressão mais importante, pouco sensível, porém, na península.

A 23, o centro da depressão estará no Atlantico, a N. O. da França e S. O. da Inglaterra, estendendo a sua influencia a O. e S. da Europa, na península, com aguaceiros nas regiões N. O. e septentrional, com ventos S. O. e N. O.

A 24, a depressão anterior terá o centro no Mar do Norte, exercendo a sua acção nas regiões vizinhas, pouco sensível na península, e produzindo ventos de O. e N.

A 27, a S. O. de Portugal manifestar-se-ha um importante neclo de baixas pressões, propagando a sua influencia á península, com alguma chuva no meio dia de Hespanha e Portugal e ventos d'entre S. e O.

A 28, parte d'estas forças estarão no Mediterraneo continuando outra parte a S. O. da península.

A decomposição do centro gerador da perturbação iniciada a 27 attenuará a importancia d'essas forças. Contudo, o regimen chuvoso será bastante geral, propagando-se desde S. E., S. O. e E. da península até ao centro d'ella, com ventos d'estes rumos. A 29 a depressão do Mediterraneo adquirirá maior força no Atlantico, exercendo a sua influencia na península com aguaceiros, desde Portugal até ao centro de Hespanha, e ventos entre SO. e NO. A 30 será menos sensível a influencia da depressão do Atlantico.

Assumptos de interesse local

Dr. Antonio José d'Almeida

Este nosso querido amigo e dedicado cor-religionario, partiu hontem no comboio das 11 da noute para Lisboa, onde se demorará até ao dia 23, dia em que embarca para S. Thomé (Africa).

Desejamos ardentemente que a fortuna bafeje sempre aquelle nosso dedicado amigo, a quem nós todos estremeçemos, e que regresse breve á sua patria que elle tanto ama.

Antonio José d'Almeida, é possuidor de uma alma verdadeiramente nobre; arreigadamente revolucionario, é capaz de, na hora suprema, entregar a propria vida em defeza do ideal que elle idolatra.

Agora que nos vamos privar por algum tempo da sua insubstituivel companhia, aqui lhes testemunhámos a nossa grande admiração pelas suas excellentes qualidades, enviando-lhe um abraço sinceramente fraternal.

Cartilha do Povo

A comissão academica encarregada de reeditar a *Cartilha do Povo*, essa bella obra de propaganda escripta pelo egregio democrata, dr. José Falcão, reuniu no sabbado para abrir as propostas dos donos de typographias, que foram apresentadas para reimprimir a alludida *Cartilha*. Foram 10 os concorrentes, sendo a reimpressão adjudicada a uma typographia da provincia, que apresen-

64 Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

CAPITULO XII

Corsario e pirata

«Mas julga, commandante, que o brigue se incommodou? nada d'isso. Até nos deixou approximar a tiro de peça!... Eu disse para o capitão:

«Commandante, temos presa certa; este brigue é nosso; está aqui para proteger alguma embarcação, que deve passar com bom carregamento.

«Veremos, respondeu elle; lá tinha as suas rasões.

«Ainda porém não tinha dito isto, quando do brigue rompeu um fogo de arripiar!

«As balas choviam sobre nós! A metralha varria a coberta; o arvoredo foi num momento desmantelado pelos ares!...

«Atracámos, para lançarmos pontes de

tou a proposta em melhores condições economicas.

A comissão conta principiar a distribuir a *Cartilha do Povo*, no dia 1.º de maio. Nesse mesmo dia, consta-nos que será feita uma grande manifestação, ante o tumulto do extincto caudilhão da democracia portugueza.

A mesma comissão, apresentará antes que seja distribuida a *Cartilha*, um relatório contendo a conta da receita e despeza feita com a reimpressão da mesma, o nome dos subscriptores, etc. Esse relatório, será acompanhado de artigos firmados por nomes de republicanos illustres.

Casa Havaneza

A este acreditado estabelecimento, de que é proprietario o nosso amigo sr. Adriano Marques, acaba de chegar um grande sortido de livros de missa, verdadeiros primores, e que encerram tudo o que ha de mais *chic* e moderno.

Só o aprimorado gosto d'aquelle nosso amigo, é que pôde fazer uma escolha tão variada e elegante, como aquella de que vimos fallando.

Visite o leitor a *Casa Havaneza*, e verá que tudo quanto ha de mais bello alli se encontra. Verdadeiras maravilhas!...

Hydrophobia

Na terça feira, foi remetida para Lisboa afim de ser examinada no Instituto *Bacteriologico*, a cabeça d'um cão que se suppõe ter estado hydrophobo e que, no logar da Palheira, mordeu uma mulher e duas creanças, que ainda estão em suas casas á espera que a autopsia que vão fazer á cabeça do animal, diga se elle estava ou não hydrophobo!

Afigura-se-nos muito mais pratico o conveniente que as pessoas mordidas fossem immediatamente para o Instituto, receber curativo, porque ha probabilidades de mais, para se julgar que o cão estava atacado do terrivel *virus*. Se no periodo que decorrer até que a autopsia dê resultado, as pessoas mordidas forem atacadas de raiva, virá o eterno *se eu soubesse!* E tudo isso se poderia evitar, se essas pessoas fossem immediatamente receber a cura que carecem.

Para breve

A falta de espaço inhibe-nos de publicar hoje um reparo ao artigo d'um articulista referente ao acto affrontoso que se fez á actriz Medina de Sousa, no theatro Principe Real, o qual foi inserto no nosso prezado collega — O *Tribuno Popular*.

Espancamento

Em Santo Antonio dos Olivaeas, foi preso no domingo, por um cabo de segurança, um tal Antonio d'Oliveira, pelo facto de ter espancado brutalmente Adelino dos Santos, morador no mesmo logar.

O cabo captor, apresentou queixa do facto ao sr. commissario de policia, e requisitou uma maca para transportar o agredido ao hospital da Universidade, onde ficou em tratamento.

A queixa foi entregue ao poder judicial, e lá ensinarão o brutal aggressor a ser mais moderado e menos valente...

abordagem por bombordo; as embarcações estavam muito avariadas. Mas de que nos valeu isso?

«Fomos repellidos primeira, segunda e terceira vez! A mim racharam-me a cabeça; fiquei como morto! Quanto aos mais, não foram mais bem tratados.

«Nunca vi diabos como aquelles! De cada cutilada era mão ou braço cortado!

«Finalmente, commandante, os tres navios foram para o fundo; as tripulações aprisionadas.

«Fui levado captivo para Lisboa. Perguntaram-me se me queria baptisar; como soube que baptisando-me davam-me a liberdade, fiz-me cristão, continuando a querer saber tanto de Christo como de Mahomet.

«No fim de um anno fugi a bordo de um navio pirata. E um bello dia disse-me o commandante:

«Romaca, olha que estás num navio francez, os francezes são os melhores marinheiros do mundo.

«Eu respondi-lhe: estimo bastante, capitão; desejo tirar desforra de uma rascada em que nos metteu um brigue portuguez, que nos caçou, quando nós pensavamos caça-lo.

«Pois se apparecer um navio portuguez, terá a tua desforra, respondeu o capitão.

«No dia seguinte, ao meio dia, disse o gaigeiro que se avistava uma vela por sotavento.

«Pelo arvoredo reconhecemos que era um cutter de guerra portuguez.

A' camara

E' vergonhoso o estado em que se encontram as paredes da casa contigua á igreja de S. Thiago, transformadas num ourinol imundo, exhalando um cheiro fetido e insupportavel.

Aquelle local, que é muito concorrido, devia conservar-se decente, mas para isso era forçoso que o sr. vereador da limpeza, se dignasse lançar para alli as suas vistas e o seu olphato. E' isso o que elle não faz — o moleiro. Costumado ao *esterco*, que faz parte do seu pelouro, não extranha os fedores. Anda saturado...

Nós, porém, exigimos em nome da hygiene, que por qualquer fórma se ponha cobro a semelhante porcarias.

Se o sr. vereador da limpeza não der as devidas providencias voltaremos ao assumpto.

Torna-se urgente que a camara mande alli collocar um ourinol decente, espaçoso e que tenha condições hygienicas, um orinol como os que existem em Lisboa, Porto e Figueira e não umas gaiolas imunda se indecentes como esses que por ahi existem para vergonha da cidade.

Passos em Tentugal

Realisa-se no proximo domingo, com grande pompa, a usual procissão de Passos, naquella aprazivel villa.

A imagem, será conduzida em um soberbo andor, primorosamente executado pelo nosso amigo Casimiro Pinto, artista de muito merecimento. Esse trabalho, que acabamos de ver, é um primor; tem nos quatro cantos uns florões de talha e quatro jarras artisticamente esculpidas em madeira de castanho.

A douradura do mesmo, foi executada pelo habil artista sr. João de Sousa Carvalho e está magnificamente feita, rivalizando com trabalhos executados em Lisboa e Porto.

O andor, foi offerecido pelo sr. João Teixeira Soares de Brito, abastado proprietario, que o anno passado offereceu uma riquissima tunica para a imagem do Senhor.

Para ladear o andor, foram offerecidas pelo sr. José da Silva Bica, considerado industrial, quatro lanternas muito bem executadas.

Na procissão que no domingo se realisa, toma parte a philharmonica *Tentugalense*, que faz a sua estreia.

E' ella composta de distinctos amadores de musica, presidida pelo nosso intelligente conterraneo, sr. Augusto Ferreira d'Andrade, pharmaceutico muito habil naquella villa.

A concorrencia de forasteiros a Tentugal, deve ser numerosa.

Operações chirurgicas

Na clinica escolar, (mulheres) o professor sr. dr. Sousa Refoios auxiliado por alguns alumnos do 5.º anno medico, praticou as seguintes operações:

Ankylo-blepharon congenita, a uma creança de 5 mezes, filha de Jesuina de S. José, natural de Tavarede.

Extracção de um myoma uterino, plea via vaginal, á doente Maria Ricardina Lopes, natural da Figueira da Foz. Assistiu todo o curso do 5.º anno medico.

Pelo professor sr. dr. João Jacintho foi feita a extirpação de um epithelioma do labio inferior, á doente Anna Maxima, natural de S. Martinho da Cortiça. Assistiu o curso do 3.º anno medico.

«Disse com os meus botões: tenho a minha desforra.

«A nossa escuna largou o panno todo. Os mastros vergaram, mas nós corriamos com a velocidade do pensamento.

«O cutter approximava-se, não fugia; o commandante mandou-lhe arriar bandeira; sabe qual foi a resposta que lhe deram?

«Que não podiam, porque a drissa era de ferro; que fosse elle cortá-la com os dentes! Os malditos mangavam com a gente!

«O commandante era rijo como o ferro de um arpão, bradou: fogo, fogo por bombordo a valer.

«A escuna mandou-lhe uma banda; tre-meu toda e adornou como o choquel!

«Fizemos no cutter algumas avarias; porém como estavamos a tiro de fuzil, responderam-nos com um fogo de mosqueteira que nos rachou! Mas não era só isto: o tal barquito parecia um vulcão! Por todo elle saía fogo!

«O commandante lançou pontes de abordagem, confiando na superioridade da embarcação e do numero! Pois receberam-nos a tiro; fomos repellidos á ponta da bayoneta.

«Nós batemo-nos como leões, mas elles como diabos.

«A mim quebraram-me tres espadas: achando-me desarmado, um soldado deu-me tamanha pancada com a ceronha da espingarda, que me estendeu como um cação...

«Quando voltei a mim já famos ao largo;

Rusga nos ciganos

Na segunda feira de manhã, foi feita pela policia uma rusga aos ciganos, que se encontravam espalhados por varios pontos da cidade e arrabaldes. A policia andou toda a manhã numa constante correria para capturar toda aquella malta, e conseguiu em poucas horas *deitar a mão* a 37 d'aquelles *tunantes* que por ahi andavam a incommodar os habitantes da cidade.

Foram recolhidos á 2.ª esquadra, onde lhes tiraram os cadastros e mais tarde foram acompanhados pela policia até fóra dos limites da cidade.

O sr. commissario de policia, foi incansavel nesta diligencia policial, andando elle mesmo á frente dos seus subordinados e capturando alguns ciganos, pelo que é digno de elogios.

O cabo n.º 7 e o pessoal da 2.ª esquadra, trabalharam muito e com acerto. A um cigano, foi apprehendido um revolver carregado e na algibeira d'uma cigana, foram encontrados dois grossos cordões de ouro que poderão valer 150.000 réis.

Bem fez o sr. commissario em ouvir as nossas supplicas, expulsando d'aqui aquelles incommodos e incertos visitantes.

Theatro Afonso Taveira

Naquelle elegante theatrinho, realisoa a *Troupe Adelino Veiga*, sabbado e domingo, duas recitas, com a oratoria de Braz Martins, *Santo Antonio*.

O desempenho foi correcto por parte de alguns amadores, salientando os seguintes: Luiz Ramos, no papel de *Santo*; Ernesto Cruz, que nos deu um *Lusbel* muito arrogante; José Pedro, que desempenha muito bem o papel de leigo *Ignacio*; Sanhudo, um verdadeiro typo de guerreiro, andou bem no papel de *Ezrelino* e Emilia Rosa, uma amadora distincta, que desempenhou com arte o papel de donzella.

Tambem nos merecem especial menção: Avelino, no seu papel de *Marco Aurelio* que diz com muita graça, e a menina Nobinia Santos, que fez a sua estreia no papel de anjo *Gabriel*. Ainda que um pouco acanhada disse o seu papel com consciencia e revelou-nos algumas aptidões scenicas.

Os coros afinados, devido á paciencia de Bernardo d'Assumpção, o scenario, de João Machado, magnifico e o machinismo pessimo.

De resto nada ha que mereça especial menção.

DIVERSAS

E' no proximo sabbado, que sahirá á luz o primeiro numero do jornal *Portugal*, orgão dos estudantes republicanos.

A comissão encarregada de reeditar a *Cartilha do Povo*, pensa mandar tambem reeditar as obras do apostolo da democracia, Henriques Nogueira.

Rusga

O cabo n.º 7, procedeu na segunda feira á noite, a uma rusga a um bando de desgraçadas raparigas, que por ahi andam, ennoite, entregando-se á prostituição.

Foram presas 10, nas proximidades da rua da Sophia e na rua Nova, onde ellas costumam estacionar, proferindo obscenidades e incommodando os transeuntes.

quasi toda a tripulação estava ferida. O commandante tinha-se safado a tempo para não perder tudo.

«Desde então, meu capitão, fiquei conhecendo a bandeira portugueza! Mas custou-me caro! Racharam-me por duas vezes a cabeça; partiram-me tres costellas; por isso jurei não atacar senão com este martello.

Romaca concluiu as suas historias; o pirata ficou bastante impressionado; voltou-se porém para frei Rozendo e disse-lhe:

— Não julgues que morro de medo. Eu tambem tenho as minhas contas por ajustar com um corsario portuguez; tenho o mesmo desejo de que tu, meu valente Romaca.

— Quanto a ti, já vês que estamos bem informados; se pertences á guarnição do corsario que me quer dar caça, para me cortar o pescoco por ladrão, como elle diz, confessa a verdade, que te pôdes salvar.

Frei Rozendo tornou a protestar que não: como era elle só o pirata não o prendeu, apenas o mandou vigiar.

Romaca era um negro feroz, que sempre andava ao lado de seu amo. Nas abordagens era o terror das tripulações.

Como se achava em liberdade, não poupou zumbaias ao negro, digno confidente do capitão, que passou a ser intimo amigo de frei Rozendo. No fim de um mez tinha tudo quanto queria d'elle.

(Continua)

RECLAMES E ANNUNCIOS

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

2 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

ANTIGO DEPOSITO DE MACHINAS



INGER

Estabelecimento de fazendas brancas

ARTIGOS DE NOVIDADE

ALFAIATARIA MODERNA

DE JOSÉ LUIZ MARTINS DE ARAUJO

90, Rua do Visconde da Luz 92 — COIMBRA

6 O mais antigo estabelecimento n'esta cidade, com as verdadeiras machinas **Singer**, onde se encontra sempre um verdadeiro sortido em machinas de costura para alfaiate, sapateiro e costureira, com os ultimos aperfeiçoamentos, garantindo-se ao comprador o bom trabalho da machina pelo espaço de 10 annos.

Recebe-se qualquer machina usada em troca de novas, transporte *gratis* para os compradores de fóra da terra e outras garantias. Ensina-se de graça, tanto no mesmo deposito como em casa do comprador.

Vendem-se a prazo ou prompto pagamento com grande desconto.

Concerta-se qualquer machina mesmo que não seja **Singer** com a maxima promptidão.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Acaba de chegar um grande sortido em casimiras proprias para inverno. Fatos feitos completos com bons forros a 6500, 7500, 8500 réis e mais preços, capas e botinas preços sem competencia, varinos de boa catrapianha com forro e sem elle desde 3500 réis para cima, garante-se qualquer obra feita n'esta alfaiateria, dão-se amostras a quem as pedir.

Tem esta casa dois bons contramestres, deixando-se ao freguez a preferencia de optar.

Sempre bonito sortido de chitas, chailes, lenços de seda, ditos de Escócia, camisaria e gravatas muito baratas.

Vende-se oleo, agulhas troçal e sabão de seda, e toda a qualquer peça solta para machinas.

Alugam-se e vendem-se **Bi-cyeletas**.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

50 • RUA DE FERREIRA BORGES • 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica Agência da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Pastilhas electro-chimicas, a 50 réis } indispensaveis em todas as casas
Brilhante Belgo, a 160 réis. }

PREVENÇÃO

Na padaria ao arco d'Almedina, vende-se, e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

ASSOCIAÇÃO DE SOCCORROS MUTUOS DOS ARTISTAS DE COIMBRA

São convidados todos os socios d'esta sociedade a examinarem as contas das gerencias dos annos de 1894 e 1895, e respectivos pareceres do conselho fiscal que se acham patentes no gabinete da direcção por espaço de 15 dias a contar do dia 14 do corrente em diante, das 9 ás 8 da noite.

Coimbra, 12 de março de 1896.

O secretario da direcção,

Manuel Rodrigues d'Almeida.

VENDA DE CASAS

Vendem-se umas, na rua dos Militares, n.º 11 a 13, com loja e tres andares. E' livre de onus.

Quem a pretender pôde procurar na mesma casa, onde se fará o contracto.

M. RIBEIRO OSORIO

ALFAIATE

185, 1.º — R. Ferreira Borges — 185, 1.º

COIMBRA

Participa aos seus freguezes que recebem o sortimento de fazendas para a estação de inverno, e por preços baratos para competir com qualquer outra casa.

FERNÃO PINTO DA CONCEIÇÃO

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

16 Grande sortimento de cabeleiras para anjos, theatros, etc.

LAMPREIAS

Vendem-se guisadas e de esca-beche, por preços commodos.
Hotel Commercio — Coimbra.

VINHO SEM COMPETENCIA

EM PREÇO E QUALIDADE

44 Vinho da Beira novidade de 1894 a 90 réis o litro

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado — garrafa 100 réis o litro.

Quem comprar de 20 litros para cima tem 10 o/º de abatimento.

Taberna á Sé Velha junto ao arco da rua da Ilha.

AOS PHOTOGRAPHOS

Productos chimicos, chapas allemãs, cartões em diferentes generos, prensas, etc., etc.

Preços de Lisboa.

DROGARIA DE JOSÉ FIGUEIREDO & C.ª

Mont'arroyo 25 a 33 — COIMBRA

CASA MOBILADA NO CAMPO

46 Arrenda-se uma na estrada de Coselhas, proximo á estação velha; tem sala e casa de meza estucada, jardim e quinta para passear. Trata-se com Antonio Areosa, rua da Moeda.

LIVROS DE MISSA

NEVES IRMÃOS

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**
COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

CASA LEÃO D'OURO

117 — RUA FERREIRA BORGES — 123

COIMBRA

GRANDE ESTABELECIMENTO DE PANNOS E CASIMIRAS

COM

ATELIER DE FATO POR MEDIDA PARA HOMEM E CRENÇA

DIRIGIDO POR HABEIS CONTRA-MESTRES

A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um

EXTRAORDINARIO E VARIADISSIMO

sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais alta novidade, para as estações d'outunno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flannels e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Dita de casimiras e pannos pilotosou moscovs para **dragues e vestons**, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para **ulsters** ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em 85500 réis.

Dita para **makferlances, double-capes** ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Explendidos cortes para calças e fatos completos, de **casimiras e chevots ingleses**, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais **CHIC** para **smokings**, sobrecasacas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio. — Excellentes **montagnacs** nacionaes e estrangeiros, de 15800 a 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para **jaquetões e sobretudos** de agasalho.

Grande variedade de pannos, flannels e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creança, a principiar em 750 réis o metro.

Chevotes nacionaes para calças ou fatos completos, de 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de paninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e authomatica, de 450 a 45500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de cor que se vendem com o **abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor!!**

Bi-cyeletas pneumaticas, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida **com o abatimento de 355000 e 455000 réis!!**

Uma machina para alfaiate-industrial ossilante de **singer** — que se vende por metade do seu preço.

Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimo, figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR — Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração — Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

	Com estampilha	Sem estampilha
Anno	25700	Anno 25400
Semestre	15350	Semestre 15200
Trimestre	680	Trimestre 600

ANNUNCIOS: — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS: — Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Impresso na Typographia Operaria — Coimbra

Defensor

do Povo

COIMBRA — Domingo, 22 de março de 1896

O QUE NÓS QUEREMOS

(NA GENERALIDADE)

Queremos impulsionar, fomentar e desenvolver todas as *indústrias*, próprias do nosso solo, adaptadas ás qualidades da nossa população, as *indústrias extractivas*, agrícolas, *manufactureiras* e *commerciaes*, todas as artes e officios.

Queremos organizar e garantir devidamente o *trabalho nacional*; de modo que, aproveitando as forças e potencias da natureza e as faculdades do homem, se tornem cada vez mais economicamente productivas na quantidade e na qualidade dos productos.

Queremos que todos e cada um levantem dos productos a parte correspondente aos esforços e recursos por elles empregados e proporcional ás suas necessidades e de sua familia, tomando para base as aptidões e vocação de cada um na cooperação industrial, a justiça na repartição das utilidades produzidas e a responsabilidade solidaria nos encargos e sacrificios, nas perdas e danos.

Queremos prevenir, quanto possivel, e castigar severamente os abusos da exploração de uns á custa dos outros, a espoliação do homem pelo homem na grande associação, procurando estabelecer a harmonia cooperadora entre capitalistas e industriaes, entre patrões e operarios.

Quando não seja possivel acabar inteiramente com a separação de classes, destruir pelo menos os velhos e tradicionais antagonismos, que entre ellas alimentam o odio, e acendem a guerra.

Queremos as *indústrias livres* da tutela governamental e da regulamentação administrativa, soltas das emaranhadas peias e de todas as odiosas exacções e vexações do fisco, entregues á iniciativa particular e á liberdade de associação e apenas dependentes do contracto, sujeitas á responsabilidade individual e collectiva, distincta e solidaria dos seus agentes, sejam capitalistas e dirigentes, operarios executores e similiares.

Queremos que o *imposto* ou antes a *contribuição*, depois de reduzida a uma *contribuição unica sobre o rendimento collectavel*, represente o *minimum de sacrificio* para os cidadãos e o *maximo de utilidade publica* para o Estado, de bom e honesto emprego, e que a sua applicação se não desvie, nem sequer no valor de um centil, dos verdadeiros e legitimos interesses nacionaes, nem seja distrahida para fins diversos d'aquelles a que expressamente fór destinada.

Queremos que os *orçamentos*, na parochia, no municipio, na provincia e na nação, escrupulosamente feitos, rigorosamente calculados, não sejam uma indecorosa mentira, uma criminosa especulação do fisco em proveito de zangãos e rapinas. Queremos que seja claro, documentado, verificavel em todos os seus capitulos, secções e artigos; de modo que a necessidade, justiça e legalidade de todas, ainda as mais insignificantes, verbas de despeza e receita, não possam escapar ao exame consciencioso e á discussão ampla, esclarecida e minuciosa dos cidadãos contribuintes, por si ou por seus legitimos representantes no governo e administração do Estado.

Não queremos um cahos, um labirinto de cifras, onde os mais pacientes investigadores se perdem desorientados, uma burla para illudir papalvos, para enganar os pobres de espirito e lograr os homens de boa fé, para servir interesses illegitimos, predularias munificencias, abusivas liber-

dades, esbanjamentos escandalosos, subtrações criminosas, roubos e furtos revoltantes de governos e administrações sem escrúpulos de honradez e moralidade, cuja impunidade promovem, e favorecem os proprios altos poderes do Estado, correus e cúmplices em tamanhas iniquidades e espoliações.

Queremos a verdade, a ordem, a clareza em todas as operações de *contabilidade*, a sua escrupulosa e exacta verificação, e a effectiva responsabilidade d'aquelles a quem compete a execução dos orçamentos, applicação e emprego dos rendimentos publicos.

Bonito quadro

E' assustador o estado financeiro que nos apresenta o sr. Hintze, salvador das duzias, que em cada anno vae augmentando o *deficit*, apesar das promessas de saldos e outras pataratas com que vae atamancando a fazenda publica.

A divida ao banco de Portugal está crescendo, que é um regalo vê-la. Divide-se pelos mezes abaixo designados:

Em 31 de dezembro de 1890....	10:363
Em 31 de dezembro de 1891....	23:562
Em 31 de dezembro de 1892....	34:095
Em 31 de dezembro de 1893....	35:869
Em 31 de dezembro de 1894....	38:358
Em 31 de dezembro de 1895....	39:049

Demonstrada que em 31 de dezembro de 1890 para 31 de dezembro de 1895 a divida ao banco de Portugal passou de 10:363 contos para 39:049 contos.

Uns 28:726 contos de subidas...
Bagatellas!...

Um regedor aproveitavel...

O nosso prezado collega o *Povo da Figueira*, publicou na integra uma informação que o regedor da freguesia de Brenha, do concelho da Figueira, deu por mandado do administrador d'aquelle concelho.

A titulo de curiosidade, vamos transcrever-la, recommendando ao sr. João Franco esse regedor:

Antonio Pinto atual Regedor d'esta freguesia de Brenha informo que a minha abituação n'esta freguesia e desde o dia 4 do mes de novembro de 1867, e cante a li conheci o dito posso de suas familias do sr. Manoel Carneiro da Costa, e não foi a berto por el, somente o a limpa quando lho é coviente por que hótia lá matos e por devidar do meo conhecimento convide 2 homens, Manoel de Souza ganilho e Joaquim Bernardes como pessoas mais velhas nesta terra para me em formar con elles, não me diseram mais do que o meo dito, o posso esta disviado da ultima casa de abituação 100, m tendo o dito posso na sua largura da porte do nascente 1, 30 no meio 3, m do ponte 1=50 a sua fundura é, 37 centimetros não tendo a estrada menos largura ao em direito do posso do que tem para baixo contra a mesma dita nem de água, a li não a parêce em mundicis eo não as aguas do em eburro quando chove e tapada a mem de a gua tem as a guas de ir pello caminho mais pe-rojuizo fazem.

Brenha 15 de Março de 1896. — O Regedor Antonio Pinto.

Bravo seu Antonio Pinto você no *Solar dos Barrigas* fazia um figurão!... que os ha por lá mais refinados...

Bellezas da monarchia

Nem a viagem do sr. D. Carlos á Alemanha conseguiu que nos não considerassem bancarroteiros de má morte, pois o presidente da commissão, que fiscalisa a avaliação do imposto do rendimento em Gœrlitz, fez as seguintes perguntas, em circular:

«Possue entre os seus valores titulos depreciados, taes como fundos gregos ou portuguezes? Qual é o valor nominal d'estes fundos e o rendimento reduzido que d'estes fundos tem recebido nos tres ultimos annos?»

Ainda há desfaçatez bastante para um ministro da fazenda declarar que é boa a situação financeira, quando as praças do estrangeiro desconfiam dos valores dos nossos titulos!

Vae o governo pedir ao credito 9.000 contos de réis.

Preparem-se os amigos para a pilhagem — vão ter regabofe.

Dr. Antonio José d'Almeida

Basta ollia-lo para se adivinhar a rija tempera da sua alma heroica de combatente. Parece um illuminado, um apóstolo, transplantado d'algum seculo de heroismos desconhecidos para a asphixiante atmosfera do nosso meio social.

A inveja e o receio atacaram-no. Mas por entre as fuziladas de odio que a covardia encapotada lhe vibrou, soube torcer e quebrar as laminas da calunnia d'encontro ao seu peito de luctador.

Venceu!

Os calumniadores, esses rojaram na lama da propria infamia.

Não ha ali uma alma bem formada, um coração honrado e impolluto, nesta *degringolade* de caracteres, nesta abjecção infame de consciencias prostituidas que não se descubra, respeitoso, á sua passagem. E' que passa um grande talento, orador e perturbante, de visionario, e mais do que isso, a altivez indomita d'um grande caracter, de uma grande alma ebria de justiça.

Para nós, é elle o exemplo vivo d'uma ideia, grandiosa e sublime a acalantar ainda os ultimos reverberos da virilidade d'um povo, das aspirações impetuosas e justiceiras d'uma geração.

Por isso, na sua passagem, fazemos como os outros, — descobrimo-nos. E na humilde saudação da nossa sympathia, vae mais do que respeito e admiração, — vão tambem ardencias vehementes pela Patria e pela Republica.

E' no dia 23 que parte para S. Thomé. Demorar-se-ha, apenas anno e meio. Anno e meio... mas durante anno e meio haremos de provar o travo amargo da ausencia, na impotencia tragica de vencidos!...

Com elle parece-me que partem todas as energias santas da Revolta e do calor irrequiuto do nosso sangue...

Parece-me um pesadello esta partida. Um pesadello cataleptico e torturante sobre a Patria, vestindo-se de crepes, cingindo-a d'agonias... Parece-me que se abre um tumulo, e que no cemiterio da Historia vão a enterrar as ultimas esperanças d'um povo escarnejado, vilipendiado, preso á cadeia das ignominias, chicoteado com humilhações...

E' verdade que dos tumulos, ás vezes, sahem labaredas, e que, no meio de cinzas contorcem se vulcões...

Vae, pois, partir o grande luctador, e, neste abysmo de anno e meio em que ora mergulhamos, apavorado, o pensamento, haremos de sentir ainda o seu grande espirito a alentar-nos em horas tragicas, e a sorrir-nos e a guiar-nos em horas vibrantes de lucta.

E, agora, que uma grande saudade nos toma e um grande alento nos deu a sua alma de crente, unamos as nossas fileiras e marchemos para a Republica, em batalhão heroico, cerrado, invencivel!

E' um dever!

A' estação foram os seus amigos pes-soaes, grupo dos republicanos academicos, republicanos de Coimbra, commissão municipal, etc. Em todos se via a impressão dolorosa que a sua partida causava e a saudade cruciante que a todos affligia.

Elle, o apóstolo generoso, o revolucionario intemerato que, de cabeça erguida

atravessara tempestades de odio, sempre inatingivel, sempre immaculado, ia partir para uma viagem longinqua privando-nos do seu talento para nos dirigir, dos ardores do seu entusiasmo para nos fortalecer.

Ao menos boa viagem e que, em breve, tenhamos o prazer de o abraçar!

«O Berro»

Vem berrante o novo semanario de caricaturas que se publica em Lisboa, e corre mundo pela mão de dois artistas de talento — Celso, o notavel caricaturista; Chagas, o impressionante prosador.

Ambos se equalam: a caricatura é expressiva, humorista, causticante, a fazer brotoeja no dorso da burguezia, a escalpellar a podridão monarchica, é um latego á zurrir a escoria da sociedade actual; — a prosa é coriscante, transparecendo d'ella as scintillações do talento do pujante jornalista.

Como vêem é oiro de lei.

O *Berro* produziu sensação e temor. Sensação no publico, porque a seus olhos vê estampada a vilzeza de seus algozes, a corrupção que lavra na sociedade actual.

Temor e medo nas altas regiões, e na corja que nos arruina, ao verem-se torturados pelo ridiculo, e expostos á irrisão publica.

O *Berro* está tendo um exito extraordinario e a sua tiragem augmenta em cada numero.

Só recebemos o 6.º numero do *Berro*. Agradecendo a visita do devotado luctador, enviamos-lhe as nossas saudações e bravos.

A'vante! Pela Patria e pela Republica!

Até o Gungunhana!...

O Gungunhana, foi interrogado no dia 18, pelo ministro da guerra, o nosso inclito *Festas*.

Entre outras cousas mais ou menos pica-rescas, que dirigiu ao *gran-marechal*, sahio-se com esta palavra vátua — *pericacá!* — que, na sua lingua quer dizer: «Que grande massador!»

Até o Gungunhana imbirra com o marechal... de papelão!... E' azar.

Pelourinho

LXV

DUAS PALAVRAS SOBRE O EMPRESTIMO

O governo annunciou ao paiz que estava consummado o emprestimo, que ali andava em preparação ha já tres ministerios. E agora é sabido que o emprestimo realiado é apenas uma conversão de fundos, que não satisfaz á grande exigencia da nossa *crise* financeira.

Foi uma operação desgraçada, que nos comprometteu o futuro, sem nos livrar dos embaraços do presente.

A negociação, diz-se nos altos circulos monetarios, foi feita só para salvar a fortuna de D. Fernando, depositada nas mãos de um banqueiro, em riscos de fallir, pela quebra das companhias de caminhos de ferro de sul e sueste, onde estavam comprometidos aquelles capitães.

Vejam os nossos leitores para que foi o dinheiro do emprestimo! Foi para salvar uma fortuna particular, que a fortuna do rei não é a fortuna da nação.

Parece que aquelle *pobresinho*, que habita as *barraquinhas* das Necessidades tinha 20000 contos na oscillação do banqueiro a quem o paiz foi salvar, salvando por concomitancia o cabedal do milionario!

E o paiz hade pagar tudo isto? Hade salvar as empresas fallidas, e salvar os capitalistas comprometidos, ficando no fim o estado no perigo da bancarota!

Emfim não ha emprestimo; mas Mad. Hensler bate as palmas porque está salva a fortuna de seu esposo e salva a fortuna de seus filhos!

Basofias litterarias d'um Poeta

Critica á Critica

(CONCLUSÃO)

Escreve o imbecil poetaastro: «Passando á parte das *Sentenças*. Se naquella ha tollices, nesta ha falsidades; aquellas provocam riso; nojo estas. Todavia, já agora, levarei ao fim a tarefa; e, se o faço tão por miúdo, é que não quero, de modo algum, voltar ao assumpto, qualquer que seja a forma por que o sr. Villela me responda. Eu, com o sr. Villela, não discuto: apenas lhe aponto os disparates e as biltrarias: mais nada.»

A isto, seu peli-trá, só se deveria responder com o escarro ou com o assobio. Pois quem escreveu mais tollices, eu ou você? Reveja se no estercor dos seus artigos, apalpe esse cráneo anguloso e escalavrado, e diga-me se existiu velhaco maior, cabeça tão bronca e granítica, d'onde sahissem taes parvoçadas. Que visagens e tregeitos não faria este homem, e que de tratos não soffreria a sua caixa cornea para, a final, deitar cá para fóra enxurros de asneiras e chocarrices. Porisso, não discuta, não. Varra primeiro o lixo d'essa cabeça phenomenal, e deixe-se-me da leitura franceza, a 25 centimos.

Para confirmar mais uma vez a sua estulticia, o sr. Carlos de Lemos escouceia em sêcco como um garrano que é montado pela primeira vez. É por causa do termo *cynicas*. Diz elle: «quero crer que o termo *cynicas* foi aqui empregado no sentido em que era cynico Antisthenes, o philosopho do Cynosargo; porque classificar de obscenas (tal a significação figurada, que o termo hoje tem) as desfallencias do Poeta, não o julgo com arrojio para tanto;» Se julga que o tal adjectivo foi aqui empregado no sentido em que era cynico Antisthenes, então, meu amigo, tem de classificar as desfallencias do Poeta como obscenas. Porque, diz o Moraes Silva, os membros d'essa seita faziam alardo de serem porcos e obscenos. Já vê que é a mesma cousa. Mas não é esse o sentido que se costuma dar, geralmente, ao termo *cynico*, seu ratão.

Você nunca ouviu dizer: aquelle homem é um cynico? Oh! quantas vezes! Então diga-me: quererá dizer que é um indecente? Evidentemente, não. Diz-se que é um cynico, porque olha com um sorriso desdenhoso e superior para tudo o que o rodeia.

E', pois, esse o sentido que se deve attribuir áquelle termo *cynicas*.

Mas, se querem vêr o sr. Lemos exasperado e furioso como um tigre, leiam o que elle diz no artigo acerca da primeira poesia, *Eleita*, que vem no livro do sr. Elysio. Nessa composição aponteiu os seguintes versos:

Eu rio porque choro: é p'ra occultar o pranto;
Eu canto porque soffro: é para o não mostrar!

como suggeridos pela leitura de dois sonetos do sr. Guedes Teixeira, o ultimo dos quaes termina assim:

Eu vivo, porque choro: e choro porque rio!

Disse suggestão, e fui muito generoso. Porque, o que ahi se vê, é um verdeideiro plagiato.

O sr. Elysio diz: *eu rio porque choro...*; e o sr. Guedes Teixeira escreve: *e choro porque rio!* Parece-me que não pôde haver maior analogia, senão copiando seguidamente. Agora neste verso:

Eu ando porque vivo, e vivo... p'ra chorar!

que eu publiquei (*Cenac.* n.º 6) como fêcho d'um soneto, é que me parece não haver um «desaforado plagiato,» como o sr. Carlos escreve. Assim: enquanto o sr. Guedes Teixeira diz: *Eu vivo, porque choro...*; eu digo: «e vivo... p'ra chorar!» Ora, viver porque se chora e viver p'ra se chorar, é coisa muito differente. O que tem graça é o sr. Carlos falar de plagiatos; elle que nada tem original, a não ser o physico. Todas as suas poesias são o resultado d'uma mistura heterogenea: sonetos de Anthero e Biblia. Nas *Miragens*, a pag. 63, escreve o sr. Lemos:

Fama de sabio, de poeta a gloria,
São nada para mim: além da lousa
D'isso não resta nem sequer memoria! etc.

Compare-se, agora, com o que diz Anthero de Quental (pag. 18):

Não busco n'esta vida gloria ou fama:
Das turbas que me importa o vão ruido?
Hoje, deus... e amanhã, já esquecido
Como esquece o clarão de extincta chama! etc.

Digam-me se pôde haver mais *desaforado plagiato*? Isto é só um exemplo, porque elles são ás duzias!...

Prosigamos. Disse eu acerca da poesia, *Turris Eburnea*, que era uma especie de laçainha de exquisita factura. E o sr. Carlos

pergunta: «o que entenderá elle por ladainha?» Eu lhe digo: aqui está empregada esse termo no sentido proprio. Porque essa poesia consta d'uma prece em forma de invocação successiva em honra da *Sempre-Amada!*

Ora, onde o sr. Carlos me apanhou foi n'esta phrase: *palavras* maiúsculas, que eu deverat er escripto: *letras* maiúsculas. N'isso estou d'accôrdo. Foi um engano, facil de justificar-se.

E agora, pouco mais me resta dizer, porque eu não quero entrar de novo na apreciação do tal livro de versos do sr. Elysio de Lima. Cada um aprecia a seu modo, e conforme lhe parece. Eu é que não tenho de dar satisfações ao sr. Carlos de Lemos da critica que fiz ás *Anethistas*. Ha, porém, umas passagens no artigo do sr. Carlos que é preciso esclarecer.

Uma coisa que me revoltou sinceramente, em meio da trovoada de tollices e calumnias que rebenta da penna do sr. Lemos, é o elle dizer que este meu verso:

E o meu coração chora, enquanto a Ilusão canta!

é um plagiato d'aquelle outro de Fogaça:

Pôde um verso ser triste e hilariante a Canção!

Os leitores vejam se lhe encontram alguma analogia. E a minha colera é facil de justificar, dès que lhes assevére, sob palavra d'honra, que nunca li os versos de Fogaça.

Observa o articulista: «Se até na sua critica não foi original o sr. Villela!... E, porque o não foi, pobre de mim que tive tambem de repetir-me... Adeante.» A esta calumnia não respondo. Isso fica ao criterio dos que teem lido os meus artigos e os do sr. Lemos.

Outro ponto: diz o sr. Carlos que eu chamei á Lua no soneto *Neurasthenico* (*Cenac.* n.º 5) «Harpa hostil» e «Harpa macilenta» Leia bem, seu lôrpa; o que escrevi foi: «Harpa hostil» e «Harpa macilenta» e não o que você diz. E é este o homem que me chama zanaga, zarolho e zangano, — elle, a quem eu não chamo Burro, porque seria uma offensa para esse manso e fiel quadrupede.

Por ultimo, escreve ainda: «... acabou por attribuir-lhe (á Lua) toda a maldade de Caligula, chamando-lhe (oh! Lua! perdôa-lhe, que elle não sabe o que diz!) chamando-lhe no soneto *Nocturno* (*Cenac.* n.º 6):

«... Cutello singular (!) guilhotinando o Mundo!»

Esta nem ao diabo lembra!»

E que dirá você, seu pseudo-poeta, a esta de Victor Hugo:

«... N'esse estrellado campo aquella foice d'ouro?»

Ri-se, não é assim? Valha-o a bréca, que tão engraçado é!

Não sem grande tedio e nojo, tenho concluida a resposta á critica do sr. Carlos de Lemos. Reconheço que umas vezes fui piégas e outras insolente.

Mas tudo isso era preciso, dès que o meu adversario não possuia aquella serenidade d'animo, só propria dos que failam com o coração nas mãos. A colera, diz um escriptor, é um arrebatamento grosseiro que nos rebaixa ao nivel da causa que a excitou. Foi isso, precisamente, o que se deu com o sr. Carlos de Lemos. Fôsse cortez e leal nas suas observações, que eu tambem o saberia ser.

Imaginou o homem que, procedendo assim, me aterroraria. Enganou-se.

E pôde ter a certeza que estarei sempre de atalaia para, em momento opportuno, lhe saltar novamente. Então, terá uma critica completa de toda a sua obra. Eu não sou homem que recue perante as suas arremetidas.

Finalmente: o sr. Carlos de Lemos, com os seus artigos, mais me convenceu de que pertence á classe dos *graphomaniacos*.

Como a propria palavra o diz, o *graphomaniaco* enche resmas e resmas de papel, escreve longos volumes totalmente despidos de interesse, onde a mediocridade da idéa e a impotencia do estylo ficam mascaradas por uma epidemia de pontos de admiração ou interrogação, sublinhamentos, termos especiaes creados por elles, etc., etc. Muitos dão em nova edição os pensamentos dos grandes escriptores de todos os tempos, mas desfigurados, exaggerados, e trazendo quasi sempre o cunho da sua psychose pessoal.

E, tenho dito.

VILLELA PASSOS.

Visita

Esteve no domingo nesta cidade, em rapida visita, o nosso amigo sr. Pedro Fernandes Thomaz, illustrado radactor principal do nosso collega a *Gazeta da Figueira*, e professor da escola industrial da Figueira da Foz.

PELO EXTRANGEIRO

SUMARIO — As monarchias latinas; sua decadencia — Os italianos na Abyssinia — A opinião publica em Italia — O negus Menelik — O novo governo — A amnistia — Crispi — Despezas com a guerra.

As monarchias latinas soffrem actualmente os resultados da politica que, inalteravelmente, seguiram os seus governos imprevidentes, interesseiros e ao serviço exclusivo da corôa e das camarellas ordinarias e sem vergonha.

Despresando completamente as lições da Historia, as quaes convem ter sempre em vista, cavaram a sua propria ruina; crearam uma situação insustentavel; entregaram a direcção dos negocios publicos a quem não possui nem capacidade, nem seriedade bastante, para arcar com as responsabilidades e aguentar com a pesada carga, que a tão elevadas funções compete.

Reduziram os remedios para um tal estado de cousas a um só — á abolição das instituições monarchicas gastas e desprestigiadas, e á implantação rapida, para ser salutar, das instituições republicanas.

Urge debelar os males, de que enfermam os povos governados á sombra dos caprichos revoltantes das testas-coroadas; para isso, é indispensavel estabelecer novas instituições assentes sobre bases profundamente descentralisadoras e federativas, que assegurem a conveniencia unidade e harmonia entre os diversos membros da nação.

Um dos principaes argumentos contra as formas de governo unitarias, ás quaes corresponde, como sequencia logica e mesmo natural, a centralisação administrativa mais ou menos disfarçada, é justamente, como Viviani affirma, nas epochas de crise todas as queixas e clamores, todas as iras populares e as culpas serem lançadas ao poder central, origem em grande parte, sem duvida, da má direcção dos negocios publicos e da pessima distribuição da riqueza, dando varias vezes em resultado a miseria e a falta de bem estar, que se notam nas sociedades assim organisadas.

A crise, que as monarchias latinas atravessam neste ultimo quartel do seculo XIX, tem, infelizmente, produzido desastres lamentaveis, que vieram enlutar o encher de dôr milhares de familias, pôr em eminente risco outros tantos milhares de vidas, muito arriscadas a serem sacrificadas ao orgulho e ao pretexto da civilisação, ao qual, como bem disse ultimamente no parlamento inglez o illustre deputado radical, sr. *Labouchere*, continuam a ser trucidados homens livres, dignos de tanta consideração como os pretendidos agentes do progresso, senão ainda de maior respeito.

Isto é a guarda avançada do desmoronamento, que este seculo, quasi a findar, ainda verá; e nós, se vivermos, ainda havemos de colher os sabrosos e saudaveis fructos d'essa transformação, se conseguirmos arrancar-nos d'este padecimento que nos definha e embrutece.

Falemos da Italia.

Cahiu, e felicitamos o povo italiano por isso, cahiu do poder o carrasco Crispi, o João Franco de lá; cahiu, e desgraçadamente.

A estas horas milhares de mães o apontam como o assassino de seus filhos; milhares de bocas se abrem em recriminações, e milhares de punhos se cerram em odios e desesperação, em uma ancia de vingança.

A Italia queria arranjar um imperio á custa do que lhe não pertencia, e lançou-se na aventura e nas incertezas d'uma guerra com os abyssinios, que não são para brincadeiras e responderam á provocação com a derrota; a ambição matou dez mil italianos, e manchou indelevelmente com o ferrete da ignominia os que a não souberam reffrear.

A derrota do exercito italiano collocou numa triste situação as nações, que, como ella, formavam a *triplice-alliança*; a victoria de Menelik obriga os italianos a transigir, aceitando um tratado de paz, unica solução a tomar, porque a opinião publica é absolutamente contraria á *revanche*, que os sicarios de Crispi pedem alvarmente, sem lhe medirem as consequencias...

O rei Humberto, dando a demissão ao gabinete presidido por Crispi e entregando o poder ao marquez de Rudini, obdeceu innegavelmente não só á corrente popular, mas tambem á necessidade de pôr em seguro a corôa, que estava ameaçando, perder-se para não mais se encontrar; cingiu a divisa de — cada um governa-se — e lançou resolutamente o seu favorito Crispi á margem e á execração publica!

O novo ministro italiano já communicou á camara a resolução de contractar um empréstimo de 140 milhões de liras, mediante uma operação de credito interna.

O gabinete italiano começou a sua gerencia pela concessão da amnistia aos implicados nos sangrentos successos da Sicilia. Os deputados socialistas Barbatto, De Felice e Bosco, que se encontravam encarcerados, foram immediatamente restituídos á liberdade, e, em breves dias, tomarão parte novamente nos trabalhos parlamentares.

O marquez de Rudini, arrancando das mãos do rei Humberto o decreto da amnistia, tornou-se credor das sympathias de todos os liberaes, o que contribuirá para a sua obra-patriotica ser coroada do melhor exito.

A amnistia foi, primeiro que tudo, uma reparação e depois um acto de aliance para o novo governo; ser acolhido satisfatoriamente pelos partidos da opposição e de ideias avançadas.

Crispi insiste em que se deve usar de meios violentos, como numa reunião dos seus amigos affirmou, para readquirir o perdido, e assegurar o prestigio quebrantado pela derrota d'Adoua; mas parece-nos que, visto o negus Menelik estar disposto a transigir, melhor seria não cavar mais sepulturas e não derramar mais sangue.

A guerra com a Abyssinia tem custado até hoje 720 milhões de liras, dos quaes 20 só foram votadas pelo parlamento.

O marquez de Rudini, segundo informam os jornaes affeição-dos á sua politica, não quer nem o protectorado da Abyssinia, nem a conquista do Tigre. Segue os processos pacíficos, no que anda ajuzadamente.

Vederemo e dopo parlaremo...

GABINETU.

A quem fôr

Vem o articulista do nosso prezado collega — *O Tribuno Popular* — quebrar lanças e viseiras a favor d'um acontecimento que provocou a indignação de centenas de pessoas, as quaes presenciam a triste scena do cesto que saira d'um camarote, junto ao proscenio, indo cair no peito de Medina de Sousa que viera ao palco receber os applausos do publico.

Não é verdade como affirma o articulista que d'esse camarote se atirassem flores áquella actriz, pois que o cesto não as tinha, e porisso mesmo o sr. Guedes lhe pegara arremessando-o para o palco, sem protesto dos seus companheiros!

Vê-se que o articulista do *Tribuno Popular* tem empenho de livrar de responsabilidades os tres academicos srs. Pinho d'Almeida, Nogueira Pinto e Francisco Lebre, que tinham tomado o camarote.

Esmiucemos os factos que alguma coisa havemos achar, em opposição ás affirmações do articulista.

No referido camarote estava o grupo que pateava a Medina e na plateia couberam as honras de *bravo general* ao feliz cicerone Phim-Jel, que brilhou em tudo, com tanto descaro e cynismo, que mereceu dos circumstantes severa reprimenda. O malandrim, tão nojento como um sapo, quiz morder umas vinganças num empresario de theatro, denunciado o ao fisco, sem razão, em vindicta de lhe não dar a *borla*. A denuncia não vingou.

D'esse camarote não podia portanto o sr. Guedes Teixeira atirar ás *mãos-cheias petalas de camelias*, nem havia a *profusão de bouquets e de flores* que o articulista inventou no cesto de *verga*, pois que essas flores haviam sido atiradas a Mercedes, quando cantou a canção no 1.º acto.

Provado está que o sr. Guedes não tinha flores no cesto quando o chamaram para o camarote, como foi visto por muita gente. Não era, pois, um *visitante*, como disseram os seus companheiros no camarim a Virgilio de Sousa; entrou no camarote porque foi *convidado* quando estava na plateia a assistir á representação.

Dê-se isso de bom grado; mas diga-nos o articulista do *Tribuno*, se não convidaram Guedes Teixeira para atirar o cesto, e não faziam d'isso empenho, para que consentiram — tres homens! — que elle o agarrasse e o deixaram approximar-se do peitoril do camarote para o arremessar, como fez? Foi por medo que o não agarraram? Nada d'isso; o cesto era preciso ali, porisso se não retirou do camarote.

Guedes Teixeira foi immolado — condescendeu...

Conta o articulista com grande gaudio e como se fosse uma linda acção o seguinte:

«No final do espectáculo foram ao camarim da referida actriz tres academicos que haviam tomado o camarote, e que alli se achavam no momento em que o seu *visitante* tivera o lance infeliz. **Protestaram** a essa senhora, bem como a seu marido, que não eram **convidantes** naquelle incidente, que muito lamentavam, pois que nem o **incitaram** nem o **applaudiram**.»

Bonito! Foi tamanha a sinceridade e nobreza das suas declarações — vimos nós e quem estava — que ao sairem do camarim de fallar com Virgilio de Sousa passaram para o de Mercedes d'onde se ouviam sonoras gargalhadas. E o cicerone encostado á hobreira esperava ansioso que a diva apparecesse para a sua guarda.

Assim quiseram fugir os briosos moços ás responsabilidades da affronta, affirmando que Guedes Teixeira era seu *visitante*, que não eram **convidantes**, nem **incitaram**, nem **applaudiram**. E tão *sinceros*, que para mostrarem a sua **innocencia**, conde-

mnaram o companheiro que fôra por elles subjugado, como muitos nos informam.

Se não houvesse **incitamento e conivência**, se não o **convidassem** a ir ao camarote, o cesto tinha sido arrancado das suas mãos.

Que lhes agradeça o sr. Guedes Teixeira a solidariedade.

O articulista do *Tribuna Popular* classifica o procedimento dos briosos meços — de caracter fidalgo!

Por isso o mundo não tomba...

Com brevidade. O articulista contende connosco insidiosamente, não nos citando para que o publico ignore que elle desmente factos verdadeiros a proposito do caso que vimos tratando, p' esenceados por centenares de espectadores e por nós narrados com toda a minudencia e verdade.

Na sua insania teimosa — o sobredito articulista — nega que o cesto não estava sujo de carvão — vá ao tribunal e verá que nos calumniou.

Antes que custe ao conspicuo articulista, por cá as *honestas tradições* hão de merecer os nossos respeitoes, quando sejam homens que se não degradem ao ponto de figurarem nos cadastros da policia.

Temos a firme certeza que a prosa do articulista não é da responsabilidade da redacção do *Tribuna Popular*, pois que os illustros redactores que o dirigem, não defenderiam actos de tal ordem.

Assumptos de interesse local

Theatro Principe Real

Quarta feira realisou-se o primeiro espectáculo dos tres, que a companhia do *Theatro Principe Real*, do Porto, veio dar a esta cidade, superiormente dirigida pelo distincto e sympathico actor Alfonso Taveira.

Subiu á scena a operetta de grande espectáculo, do fallecido e festejado escriptor Gervasio Lobato e D. João da Camara, ornada de musica graciosa e lindissima, do eminente maestro Cyriaco Cardoso, o *Testamento da Velha*.

O desempenho foi magistral, mantendo os espirituosos ditos que no decorrer da peça abundam, em constante hilariedade os numerosos espectadores.

Na verdade Gaspar, José Ricardo, Taveira, Angela Pinto e Emilia Eduarda, para não termos, que especialisar a todos os interpretes, foram admiraveis de correcção artistica e *savoir dire*.

Na quarta feira, subiu á scena o gracioso *vaudeville-operetta* em 3 actos — *As doze mulheres de Japhet*.

O desempenho foi correctissimo por parte de todos os actores e actrices. José Ricardo, um actor de muito merecimento deu-nos um *Japhet Paterson* admiravel, cheio de graça e imitavel nas posições que toma em scena, manteve a plateia em constante gargalhada.

Taveira, é como todos sabem um artista distinctissimo, no papel de *commissario Baliveau*, revelou quanto vale o seu bello talento.

As doze mulheres, muito bem, salientando-se, como sempre, Angela Pinto e Emilia Eduarda, que são duas actrices distinctas.

A musica, de Cyriaco, é uma belleza e o *mise en-scene* de Taveira é superior.

A *marcha dos beijos*, cantada pelas doze mulheres de *Japhet*, é soberba. Quem era que naquella occasião não desejava ser *Japhet*?

Foram 24 os beijos que lhe deram: 12 por conta do auctor da peça e outros tantos a pedido dos espectadores.

Outros fossem elles... Que lhes agradeça o *Japhet*.

O publico, que enchia completamente o theatro, riu a bom rir, porque a peça era capaz de fazer tirar do seu sério o proprio Hintze Ribeiro...

Sexta feira, á noite, trasbordava o nosso theatro de espectadores: subia á scena a magnifica opera-comica em 3 actos *A Noite e o Dia*, já conhecida, mas que é sempre ouvida com visivel agrado.

A peça foi magistralmente desempenhada, merecendo as honras da noite José Ricardo, Gaspar, e Sá que desempenhou correctamente o papel de *Miguel*, cantando a primor a *Romança* do 1.º acto Angela Pinto, Theresa Mattos e Rosa d'Oliveira, muito bem.

A musica d'esta encantadora operetta, ensaiada e dirigida pelo eximio maestro Cyriaco de Cardoso, é toda uma belleza. Tem bocadinhos que nos fallam d'alma, que nos deleitam!

Assim — *A ballada da Lua*, arrebatada; o *Duetto do rouxinol e da Andorinha*, foi ouvido no meio d'um silencio sepulchral, ao qual succedeu uma estrepitosa salva de palmas, na verdade bem merecida, por que Angela Pinto e Theresa Mattos, cantaram-na deliciosamente. Foi bizada.

O recitativo (supplica a S. Miguel) do 2.º acto, foi cantado a primor pelos interpretes dos papeis de Manola, Beatriz e Miguel. No 3.º acto, a introdução, e bolero, cantado por Angela Christovão e côro, agradou muitissimo, sendo tambem bizado.

Finalmente, dizer tudo o que a peça teve de bom é desnecessario, porque de mau nada teve.

Hontem levaram pela segunda vez a operetta — *O Testamento da Velha*, foi como da primeira vez, magistralmente desempenhada.

Hoje, representa-se a applaudida operacomica em 3 actos — *Solar dos Barrigas* — que por certo terá grande concorrência.

Te-Deum

Na quinta feira, realisou-se na igreja de Santa Justa, com luzida pompa, um solenne *Te Deum*, em acção de graças pelas victorias alcançadas em Africa.

O templo, estava ornado com tropheus e petrechos militares, o que era d'um bello effeito.

Foi celebrante o sr. dr. Antonio de Vasconcellos e prégoou um sermão adequado ao acto o sr. dr. Francisco Martins.

A orchestra que era a grande instrumental, compunha-se de 42 executantes.

A solemnidade, foi muito concorrida; assistiu o sr. bispo conde, officialidade da guarnição de Coimbra, governador civil, commissario de policia, lentes, ecclesiasticos, etc.

O templo estava repleto de populares e fez a guarda d'honra uma força d'infanteria 23.

deres inquisitorias, para, sob qualquer pretexto, mandar prender o marido da infeliz senhora e apoderar-se d'ella; mas como o seu plano gorou, pretendia approximar-se-lhe por intervenção do pirata, embora fosse portador da sua desgraça e de toda a sua familia.

Um dia em que o capitão estava assentado á ré, frei Rozendo approximou-se, e disse-lhe:

— Meu commandante, ha muito que não damos vista de uma presa.

— E' verdade, amigo, respondeu elle, parece-me que não temos remedio senão chegar-nos a terra; fazer um pequeno desembarque, para desenfatiar estes diabos, que estão para ahí a enferrujar-se.

— Se o commandante me permittisse, dava-lhe um conselho, mas...

— Falls, amigo; bem sabes que és o meu braço direito.

— Pois então ahí vae um novo plano, com o qual não nos daremos mal.

Frei Rozendo fez uma pausa, e proseguiu:

«Na costa do Brazil, na provincia do Rio, ha uma grande propriedade, distante apenas do litoral duas leguas. Conheço o caminho perfeitamente, affianço-lhe que a riqueza dos proprietarios é talvez a maior de toda a provincia.

«E' uma grande propriedade, que nos pôde dar de tudo, pela sua importancia. Não acho muita difficuldade entrarmos lá; o proprietario é um pobre diabo, que nunca na sua vida pensou em pegar numa escopeta.

Carta rectificação

O sr. Arthur Leitão participa-nos, em carta, que foi lida com espanto a noticia de que a commissão encarregada, pelo grupo academico republicano, da reimpressão da *Cartilha do Povo*, ia reeditar (não se disse ia) as obras do grande propagandista Henriques Nogueira.

Ora a noticia que a tal respeito demos no ultimo numero d'este jornal diz:

«A commissão encarregada de reeditar a *Cartilha do Povo*, **pensa** «pensa não é vae» mandar tambem reeditar as obras do apostolo da democracia, Henriques Nogueira.»

Não é exacta essa noticia diz a sua carta. Mas essa informação foi-nos fornecida pelo mesmo senhor, que agora nos escreve a dizer que ella é falsa!

Se houve erro de informação é ao auctor da mesma que elle é devido...

Está feita a rectificação. E prompto.

Tunas

Partiu hontem ás onze horas da manhã em direcção a Thomar, a *Tuna Academica de Coimbra*, sendo acompanhada por muitos outros estudantes.

O nosso bom amigo e eximio guitarrista M. J. Corrêa, rapaz, que mereceu do articulista do *Popular*, a graça de ser apanhado pelos perfis, que este jornal anda publicando, tambem foi; parabens ás meninas de Thomar, mas olhem que a sua guitarra é um perigo; tem prendido tantas...

Os academicos de Lisboa, que esperavam abraçar hontem os seus collegas de Coimbra fazendo-se acompanhar da sua magnifica *tuna*, tiveram de adiar a sua visita para mais tarde, pela impossibilidade absoluta de a *tuna* de Coimbra estar aqui nesse dia, visto que tinha necessariamente de dar dois concertos em Thomar, para os quaes já se achavam passados todos os bilhetes, em beneficio da subscrição aberta para levantar um monumento a Gualdim Paes.

Foi nomeada uma commissão dos cavalleiros mais grados da velha cidade do Nabão, para receber condignamente os sympathicos excursionistas; e, entre os festejos que se annunciam, occupa o primeiro logar uma *matinée* á qual, certamente, concorrerão as mais elegantes e formosas damas da distincta sociedade Thomarense, as quaes accenderão no coração sensível dos rapazes cheios de vida e de esperança, que as arrebataram nas valsas e nos *pas de-quatres*, o entusiasmo e o fogo sagrado do amor, a que ellas, se não forem cruéis, corresponderão com reservas sim, mas sem desprezo...

Por seu lado, os academicos de Coimbra, projectam obsequiar aos seus collegas de Lisboa com varios festejos, d'entre os quaes com um monumental banquete na poetica Lapa dos Esteios, e proporcionar-lhe commodo pelas diferentes *republicas*, pois vindo elles realizar um sarau dramatico-musical em favor da *Sociedade Philantropica* d'aqui, á sua custa, não é justo, nem delicado, sobrecarregar los com despesas de alojamentos e hotel, etc.

A academia de Coimbra, a quem o passado e gloriosas tradições deram uma supremacia d'honra e uma obrigação moral de ser a primeira sempre a primar pela delicadeza

«A mulher tem grandes recursos e resolução; é mais temível do que o marido, porém eu me encargo d'ella, se o commandante assim m'o permittir.

«Ali os escravos não são numerosos, e como o senhor é um grande avarento, muito cruel para elles, não lhe têm amizade; se não nos ajudarem, hão de fazer pouca resistencia.

Já os leitores vêem que o frade sabia dispor as cousas para chegar aos seus fins.

— Então offerece pouca difficuldade um assalto? perguntou elle com interesse.

— Sim; eu respondo pelo exito, se o commandante me conceder a escolha de dez homens, dos melhores da tripulação.

O pirata não respondeu logo, mas no fim de alguns segundos de reflexão, disse-lhe:

— Aceito o teu conselho, a elle me sujeito; vou mudar de rumo; no menor tempo possivel havemos de escorregar por esse mar, na direcção do Brazil.

Nos olhos de frei Rozendo lampejaram os raios de um fogo sinistro! Nutriu a esperança de matar o marido de D. Adelaide? Todos os maus instinctos d'aquella alma perversa lhe transpareceram na frente.

Para elle o crime era uma segunda natureza: era uma necessidade instante, um desejo imperioso demandado por aquella alma creada para o crime, e com elle identificada.

No dia seguinte o brigue pirata singrava rapidamente na direcção das costas brazilei-

e pela hospitalidade, estamos certos, que, mais uma vez, ha de saber honrar-se e tornar-se digna de generosidade dos seus collegas, que de longe vêm, animados pelos sentimentos da solidariedade academica e caritativa.

Bem vindos sejam os academicos de Lisboa, e oxalá levem de Coimbra as mais gratas e saudosas recordações.

Muzeu de Archeologia

Os srs. Antonio Augusto Gonçalves e dr. Antonio de Vasconcellos, partiram na quinta feira á tarde, para Lorvão, a fim de escolherem no edificio em ruinas do extincto mosteiro, algumas esculturas dignas de figurarem no importante *muzeu de archeologia do Instituto de Coimbra*.

A transferencia d'essas esculturas do mosteiro de Lorvão, para o muzeu do Instituto, foi superiormente auctorizada.

Emigração clandestina

Manuel de Jesus, de Taboeira, concelho de Cantanhede, foi preso na sexta feira, no edificio do governo civil, na occasião em que pretendia tirar passaporte para embarcar para o Brazil.

Deu motivo á prisão, o vir o rapaz munido de documentos illicitos e entre os quaes havia uma certidão de idade viciada.

Consistia essa viciação em haver rasura na data em que elle tinha nascido, para demonstrar que não tinha ainda quatorze annos e, assim, não lhe ser preciso apresentar fiador.

Suppõe-se que esta traficancia é obra d'um engajador de Cantanhede.

A policia procede.

Luctuosa

Na madrugada de quinta feira ultima, falleceu nesta cidade, de uma leção cardiaca, o sr. Daniel Guedes Coelho, considerado industrial.

O finado era aqui muito conhecido e contava grande numero de sympathias, por isso, foi a sua morte muito sentida.

O seu funeral, que se realisou na sexta feira, foi muito concorrido: compunha-se da irmandade da Santa Casa da Misericordia (de que o morto fôra disvellado mesario) que ia numerosa, de muitos socios da Associação dos Artistas, lentes, commerciantes e industriaes, etc.

Sobre o feretro foram depostas duas magnificas corôas.

A chave do caixão, era levada pelo sr. dr. Luiz da Costa e Almeida, lente de Mathematica.

Avaliando a dôr que vem de ferir a familia do fallecido, d'aqui lhe enviamos os mais sentidos pesames.

DIVERSAS

Está nesta cidade o sr. dr. Albano Augusto Gomes Pereira, distincto cirurgião de divisão, que vem inspecionar o regimento de infantaria 23.

Na escola pratica central de agricultura *Moraes Soares*, com sede nesta cidade, foram admittidos a exame no presente semestre, 48 alumnos, ficando approvados 30.

ras. O navio avançava ligeiro, e comquanto deixasse nove milhas por hora, para frei Rozendo parecia que não se movia.

Um mez depois, ás onze horas da manhã, bradou o gageiro grande:

— Terra pela prôa.

A estas palavras correram todos á amurada, o capitão applicou o oculo e disse:

— Amigo, estamos proximos das terras de Santa Gruz! Ei-las no horizonte! Já se differenciam perfeitamente!

Frei Rozendo applicou tambem o oculo. Não lhe restou duvida: estavam perto do Rio de Janeiro.

Emquanto estas cousas se passavam a bordo do navio, Manuel José Fernandes e sua esposa nem de longe suspeitavam a catastrophe que lhes estava imminente. Passavam os dias tranquillos; o dia de hoje era como o de hontem, o de amanhã como o immediato. Nada lhes alterava a paz domestica, que entre os seus servos e amigos disfructavam; a sua vida retirada era uma constante ventura.

Manuel José Fernandes era um grande caracter, um homem de bem, como se encontram poucos. Dedicado a sua esposa e filhos, tinha por elles um amor-idolatra; a sua maior ventura estava em poder dar felicidade á familia que creára.

D. Maria Adelaide era digna esposa de um homem, que tinha a honra por systema, o brio por divisa.

(Continua)

66 Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

CAPITULO XII

Corsario e pirata

O frade era pratico das costas do Brazil. Sabia aonde eram as melhores propriedades, e a distancia a que se achavam do litoral; como tinha sido missionario, teve muitas occasiões de percorrer uma grande parte das provincias. Por differentes vezes demonstrou ao pirata quanto sabia; ao ver que lhe prestava attenção, sorria interiormente como um demonio, e traçava o seu plano.

A idéa de que não tinha possuido D. Adelaide escaldava-lhe o sangue; ardia em desejos de se approximar d'ella para a raptar ao marido, ou mata-la, para que outrem a não gosasse.

Frei Rozendo, quando se prestou a acompanhar D. Francisco de Sarmiento foi com a intenção de voltar ao Brazil munido de po-

RECLAMES E ANNUNCIOS

ARREMATACÃO

1.ª publicação

47 No dia 19 do proximo mez de abril por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça d'esta comarca, se hade vender em praça, por deliberação tomada pelo conselho de familia no inventario a que se procedeu pelo cartorio do escrivão do 5.º officio, por fallecimento de Simão Francisco, morador que foi na rua Direita d'esta cidade, e em que é inventariante a viuva Joaquina da Conceição, o seguinte predio.

Uma casa com dois andares, sita na rua Direita, freguezia de Santa Cruz, com os numeros de policia 75 e 77. Este predio foi á primeira praça no valor de réis 600\$000, e volta pela terceira vez em 400\$000 réis. A contribuição de registro é paga por inteiro por conta do arrematante. São citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação.

Verifiquei.

Neves e Castro.

PROPRIEDADE

48 Vende-se uma que se compõe de terra de sementeira, oliveiras e mais arvores de fructo, com duas casas de habitação e dois poços de agua, junto á igreja de S. Martinho do Bispo. Tem serventia obrigada pelo adro da igreja, assim como tambem tem serventias de carro, etc.

Trata-se com Fortunato Secco, do Almegue, morador á Guarda Ingleza.

CORREARIA CENTRAL

DE

Adriano Francisco Dias

9—Rua de Ferreira Borges—15

COIMBRA

Distinctivo da casa Jockey com um cavallo á mão.

O proprietario da Correaria Central, que durante trinta e quatro annos teve o seu estabelecimento na rua do Visconde da Luz, 105 a 111, o qual trespassou por successos imprevistos, teve de se estabelecer novamente, e tem hoje um grande sortido de tudo quanto diz respeito ao seu antigo commercio e industria.

Encontram-se magnificos selins e aparelhos á Relvas e á Campina, cadeirinhas para senhoras andarem a cavallo, cabeçadas, freios bridades, lóros, estrihos, escovas, camurças, esponjas e todos os mais utensilios necessarios para limpeza de cavallos e carros, lanternas para carros, e pingalins.

Grande sortido em malas e todos os mais utensilios para viagem.

Espingardas para caçadores, cintos, colletes, cartuchos, e todos os precisos aos amadores de caça e pesca.

Gaiolas para canarios e brinquedos para creança.

Tudo vende por preços baratissimos.

Vende um phaeton em bom uso que serve para um e dois cavallos, dois pares de arreios de parella, um com ferragem amarella e outro branca, um arreio de ferragem amarella para um só cavallo, tudo em bom uso e por preços convidativos.

Tambem executa na sua officina bons arreios para parella ou para um cavallo; assim como se encarrega de estofar Coupés, Landaus e Caleches, para o que tem um empregado habilitadissimo, não havendo em Coimbra competidor neste genero.

LIVROS DE MISSA

NEVES IRMÃOS

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

50 * RUA DE FERREIRA BORGES * 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crês, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Pastilhas electro-chimicas, a 50 réis } indispensaveis em todas as casas

Brilhante Belga, a 160 réis. }

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

2 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

ANTIGO DEPOSITO DE MACHINAS

INGER

Estabelecimento de fazendas brancas

ARTIGOS DE NOVIDADE

ALFAIATARIA MODERNA

DE

JOSÉ LUIZ MARTINS DE ARAUJO

90, Rua do Visconde da Luz 92 — COIMBRA

6 O mais antigo estabelecimento n'esta cidade, com as verdadeiras machinas Singer, onde se encontra sempre um verdadeiro sortido em machinas de costura para alfaiate, sapateiro e costureira, com os ultimos aperfeiçoamentos, garantindo-se ao comprador o bom trabalho da machina pelo espaço de 10 annos.

Recebe-se qualquer machina usada em troca de novas, transporte gratis para os compradores de fóra da terra e outras garantias. Ensina-se de graça, tanto no mesmo deposito como em casa do comprador.

Vendem-se a prazo ou prompto pagamento com grande desconto.

Concerta-se qualquer machina mesmo que não seja Singer com a maxima promptidão.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Acaba de chegar um grande sortido em casimiras proprias para inverno. Fatos feitos completos com bons forros a 6\$500, 7\$000, 8\$500 réis e mais preços, capas e batinas preços sem competencia, vrinhos de boa catrapianha com forro e sem elle desde 5\$000 réis para cima, garante-se qualquer obra feita n'esta alfaiataria, dão-se amostras a quem as pedir.

Tem esta casa dois bons contramestres, deixando-se ao freguez a preferencia de optar.

Sempre bonito sortido de chitas, chailes, lenços de seda, ditos de Escócia, camisaria e gravatas muito baratas.

Vende-se óleo, agulhas troçal e sabão de seda, e toda a qualquer peça solta para machinas.

Alugam-se e vendem-se Bi-cycletas.

LAMPREIAS

Vendem-se guisadas e de esca-beche, por preços commodos. Hotel Commercio — Coimbra.

VINHO SEM COMPETENCIA

EM PREÇO E QUALIDADE

44 Vinho da Beira novidade de 1894 a 90 réis o litro

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro

Verde engarrado — garrafa 100 réis o litro.

Quem comprar de 20 litros para cima tem 10 o/o de abatimento.

Taberna á Sé Velha junto ao arco da rua da Ilha.

PEDIDO E ALVIÇARAS

49 Pede-se a quem achasse na sexta feira passada 13 do corrente, um relógio d'ouro e competente cadeia, desde a rua das Azeiteiras até á dos Sapateiros, a fineza de entregarem aquelles objectos a sua dona Theresa da Conceição Pinto mora dora na rua dos Sapateiros, 42, que dará signaes certos e alviçaras.

PREVENÇÃO

Na padaria ao arco d'Almedina, vende-se, e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

ASSOCIAÇÃO DE SOCCORROS MUTUOS DOS ARTISTAS DE COIMBRA

São convidados todos os socios d'esta sociedade a examinarem as contas das gerencias dos annos de 1894 e 1895, e respectivos pareceres do conselho fiscal que se acham patentes no gabinete da direcção por espaço de 15 dias a contar do dia 14 do corrente em diante, das 9 as 8 da noite.

Coimbra, 12 de março de 1896.

O secretario da d'recção,

Manuel Rodrigues d'Almeida.

AOS PHOTOGRAPHOS

Productos chimicos, chapas allemãs, cartões em diferentes generos, prensas, etc., etc.

Preços de Lisboa.

DROGARIA DE JOSÉ FIGUEIREDO & C.ª

Mont'arroyo 25 a 33 — COIMBRA

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas a JOSÉ MARQUES LADEIRA COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cantella com as contrafacções baratas que saem caras!

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

N'este deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR — Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração — Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha

Sem estampilha

Anno 2\$700

Anno 2\$400

Semestre 1\$350

Semestre 1\$200

Trimestre 680

Trimestre 600

ANNUNCIOS: — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS: — Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Impresso na Typographia Operaria — Coimbra

Defensor

do Povo

COIMBRA — Quinta feira, 26 de março de 1896

CALEM-SE

Quando outras provas não houvesse, patentes aos olhos de todo o mundo, expostas á vista de toda a gente, do estado de abjecção, ao qual desceram a politica e os políticos em Portugal, bastaria, para o pôr em evidencia, o que se tem passado, e está passando na imprensa periodica portugueza.

Bastaria, para o mostrar, a maneira baixa, a todos os respeitos repugnante e deshonrosa, como publicamente, sem pejo nem sombras de vergonha, se degladiam, insultam, e enlameiam os altos figurões, os magnates encartados que presidem, quaes famosos capitães, ás quadrilhas partidarias da monarchia contra a Nação, do poder da corôa, contra a soberania do Povo!

Não ha cousa alguma de réles, de sujo, de asqueroso, que possa comparar-se a taes desmandos, a tão inauditos e revoltantes enxovalhos!

As injurias atropelam-se com as accusações mais graves e comprometedoras.

As affrontas, as insolencias, os chascos, as recriminações tocam o seu extremo cumulo; afundam em um mar de lama tudo quanto ainda, por tolerancia e favor, podesse, neste paiz, chamar-se dignidade e respeito da personalidade humana!

Depois de haverem arruinado e desacreditado a Nação, que, durante muitos annos e por muitas vezes, governaram, governando-se; depois de nos haverem empobrecido e esgotado, enriquecendo e engordando á custa dos cofres publicos e, por isso, da bolsa dos contribuintes e do patrimonio nacional,— elles ali andam á bulha, em guerra brava, fazendo, ajustando, liquidando contas, que ninguem lhes pede, e pondo a descoberto tramaoias e ladroeiras, de que, em grande parte, se suspeitava, mas que, pelo menos, estavam na sombra, e não tinham vindo augmentar o grosso inventario das miserias e das vergonhas, que tão fundamentalmente têm emocionado e escandalisado a moralidade publica, comprometido e quasi aniquilado a honra nacional, empannado o brilho e a gloria do Povo Portuguez.

E todavia nenhuma culpa tem o Povo Portuguez, e, por isso, nenhuma responsabilidade lhe cabe nos desvarios, nas torpezas, nas devassidões e nos crimes, praticados pelos seus dirigentes; mas... vae pagando o justo pelo peccador.

Se para elles não ha arrependimento que os salve, emenda que os regenere, expiação que os rehabilite, porque a não ha nem pôde haver, ao menos tenham a coragem de se calar, não diremos a virtude, a prudencia de emudecer.

Não venham cuspir nas faces uns dos outros a baba impura e nauseabunda dos seus odios e rivalidades, publicar abusos, propalar escandalos, exprobar immoralissimas façanhas, denunciar crimes, fazendo crescer as aguas podres e avolumando a vasa immunda e devastadora d'esse enorme pantano social, que elles proprios rasgaram no seio da Patria, que elles proprios encheram, que por toda a parte se estende e alastra, que de todos os lados envolve e inunda esta desditosa Nação, e em que elles proprios, á ultima hora, procuram afogar-se, e sepulta-la.

Rallhem, gritem, insultem-se, batam-se, esfolem-se, matem-se, aniquilem-se, muito embora, uns aos outros; mas... em particular, em familia, dentro de casa e á porta fechada.

O publico nem os acredita, nem os la-

menta, nem lhe acode, por muito que gritem — aqui d'el-rei.

Se podem, se julgam possivel desinfectar e lavar toda essa farrapada suja, façam barreira em casa.

Na rua, nos lavadouros publicos da sua imprensa, mais a sojam e ennegrecem, emporcalhando-se a si proprios cada vez mais, aos olhos da verdade que os desmente, da justiça que os condemna, da consciencia nacional que, desprezando-os, os castiga.

Calem-se, que é melhor.

Se não querem soffrer maior castigo do que o silencio, maior pena do que o desprezo, escondam-se, sumam-se.

Em todo o caso...

Calem-se.

A desmoralisação monarchica

O livro do sr. Fuschini — *Liquidações politicas* — não produziu a sensação dos grandes acontecimentos, em materia de escandalo. Está isto tão arraigado á vida monarchica que já não é estranhavel o que de maior possa praticar-se, em roubalheiras, carimbadas pela firma Monarchia, com rubrica dos realengos.

A surpresa e a sensação pelas falcatruas de estrondo só as sentem as nações onde predomina a moralidade, como em Paris, na tramaoia de Panamá, e na falsificação de Wilson, na venalidade de alguns jornalistas, onde vimos a justiça a condemná-los, internando ministros na Penitenciaria, encarcerando jornalistas, destituindo Edison, o eminente engenheiro da torre Eiffel, a gloria da França, da graça da *Legião de Honra!*

As firmas quadrilheiras, sob a protecção da monarchia, com negocio estabelecido e casa assente, são tantas, que só lembram as que apparecem modernamente.

A escandalosa tramaoia que está na berlinda, não é nova em folha, desmerece por isso; o sr. Fuschini perdeu a oportunidade em hesitações, deixando no choco o seu livro muito tempo. E se ainda desperta interesse e curiosidade, não toca a meta da sensação, que provocaria, se soubesse quando o sr. Fuschini abandonou o poder.

A falta de espaço não nos deixa informar os nossos leitores, neste numero, do principal do livro, mas iremos publicando alguns capitulos, para edificação dos grandes ladrões e das enormes roubalheiras que se têm feito, sob a firma Hintze, Navarro, Franco & C.º.

Que na verdade o sr. Fuschini não é um santo — ainda nos está a pesar o augmento na contribuição industrial, quando foi ministro da fazenda...

Estas extorsões ficam sempre na memoria do contribuinte.

Bons pingues

Tudo isto é do governo e dos amigos filhos da patria, para quem o lord de Caneças está a preparar uma bella paparoca na caçarola das novas propostas de lei.

Ha algumas que dão logar a remuneradoras gorjetas ao pessoal nomeado!

E' uma razzia! Só recebedorias no districto de Vizeu vão ser oito, afóra os nichos da fiscalisação do sello — que é um grande Brazil.

Os impostos que ahí vem não se fizeram para outra coisa.

O governo não vae rouba-lo e o paiz está prospero.

«O Fervilha»

Parece piada, o demonico do semanario. *Fervilha* é a marca do João Franco; os factos tambem são marcados com appellido.

Fervilha, jornal, é mais bem feito que o *Fervilha*, ministro. Este fecha as escolas e não paga aos professores, aquellê dá leitura: boa prosa e verso tudo com graça e boa piada no seu genero.

O outro *Fervilha* nem piada tem — tem patada.

Agradecemos a visita e recommendamo-lo ao publico.

A QUESTÃO RELIGIOSA

CARTA DO SR. BISPO CONDE A SUA Magestade EL-REI

VII

«Restituir Deus e o ensino da doutrina christã ás escolas de instrucção primaria principalmente.»

Mostrámos ao venerando prelado da Egreja coimbricense e aos seus cooperadores no Episcopado que não ha, não houve nunca, em Portugal, uma escola de instrucção primaria, á qual Deus não assista, na qual não occupe o logar de honra a sua imagem, representada em Christo, Senhor Nosso, e em todas amado e adorado, tanto quanto pôde se-lo em almas puras de innocentes e corações limpos de creanças, acudindo alegres e risonhas, como se cahissem, em raios de luz immaculada e em gottas de divino orvalho, sobre as suas loiras cabeças, abertos e animados rostos infantis, aquellas doces e amorosas palavras:

«Deixae vir a mim os pequeninos.»

E, ao terminar, perguntavamos:

«Se, por acaso, ha, se pôde haver um ou mais exemplos em contrario, resta saber, de quem é a culpa? ...»

Já vão decorridos cinco mezes, e a caridade da resposta não veio!

Sua ex.ª rev.ª, tão persuroso, tão pragmatica e familiarmente acostumado a visitar a corte, a frequentar as casas dos fidalgos, os recolhimentos religiosos de duvidosa reputação e mau conceito publico, a percorrer as secretarias de Estado e as residencias dos ministros, a tomar logar e palavra no parlamento, a abrihantar com a sua nobre e altissima presença as festas e solemnidades publicas, sagradas e profanas, s. ex.ª não quiz dignar-se, ou não teve tempo e vagar de visitar as escolas primarias do seu paiz ou ao menos as da sua diocese; afim de se informar e conhecer pessoalmente o seu estado, por si descobrir e verificar se sim ou não em todas ellas existe Deus, e se ensina a doutrina christã, segundo as nossas leis, regulamentos e programmas prescrevem, a Egreja Catholica recommenda, e os professores são, por juramento, obrigados a observar e a cumprir religiosamente.

Só assim poderia s. ex.ª provar o seu aserto, ou dar satisfação ao nosso justificado reparo.

Fica pois inteiramente de pé a nossa affirmação:

«Não ha, nem houve, pois, em Portugal uma escola de instrucção primaria, onde não exista Deus, da qual Deus fosse afastado ou expulso, para haver de ser lá restituído, como s. ex.ª deseja, e pede a sua Magestade.»

Fica pois patente e liquidado, quanto á escola primaria, que o sr. bispo, o qual, apesar de conde, não gosa, como o Papa, da prerogativa sobrenatural da infallibilidade, embora haja recebido os dons do Espirito Santo, se enganou redondamente, e, o que é peor, nos enganou a todos.

Passemos agora ás escolas secundarias, aos lyceus.

Entre os nossos institutos de instrucção secundaria avultam, á sua frente e como modelo, estão os lyceus, estabelecidos por auctoridade publica, mais directamente dependentes do governo de sua Magestade, os mais geraes e communs. São elles o foco, d'onde irradia o nosso ensino preparatorio; são elles que dão a conta, o peso e a medida, com que tal ensino deve ser ministrado e distribuido aos cidadãos portuguezes, e graduado o nivel da mentalidade nacional, como preparação e ingresso aos cursos, ás escolas superiores.

Para não fallarmos de outras escolas de inferior cathogoria, somenos importancia e restricta esphera de influencia, fallemos dos lyceus.

Em todos os lyceus, ex.ªo senhor, desde que entre nós existe uma tal instituição, como nas escolas analogas e semelhantes, que os precederam, das quaes elles são os legitimos herdeiros e representantes, que lhes serviram de berço, em todos elles tiveram sempre Deus e a religião, Deus e a providencia um logar distincto, a primasia.

Em todos elles foi Deus considerado na realidade da sua existencia, na grandeza incommensuravel, infinita dos seus divinos attributos, no mysterio insondavel dos seus poderes sobrenaturaes e das suas faculdades sobre-humanas.

Em todos elles se ensinou, e ensina, como principio e fundamento de toda a philosophia metaphysica, transcendente, a preexistencia de uma causalidade primaria; creadora e providente, de um poder supremo universal e sempiterno, ao qual a razão humana nunca pode, nem poderá determinar a origem e marcar limites; vendo-se a philosophia obrigada a chamar em seu auxilio a *revelação* e a crença, o mysterio e o dogma.

Em todos os lyceus se ensinou, e ensina a *theologia natural* e, como complemento e supplemento d'esta, a *theologia revelada*.

Isto sempre, sempre assim foi, e em todos os nossos lyceus.

Não discutiremos, por agora, se isto é bom ou mau, se é util ou desnecessario, se um tal ensino representa aproveitamento ou desperdicio de tempo e esforços, se desenvolve ou atrophia a mentalidade nacional.

A verdade é, e verdade incontestavel, que um tal ensino existe, e prepondera, pelo menos no campo da philosophia, da historia, da litteratura, em tudo quanto mais de perto se relaciona com as condições da vida social.

A concepção de um Ente supremo, o conhecimento de Deus, e por isso a theologia dogmatica e moral, entram na substancia, na essencia, como se diz em linguagem metaphysica, dos nossos estudos secundarios; dominam os nossos habitos escolares; formam como que a medulla das nossas leis e regulamentos de organisação e disciplina academicas; são o principal e mais energico elemento, o mais poderoso agente e reagente da pesada e compressiva atmosphaera pedagogica, de que sempre se impregnou e ainda envolve a nossa instrucção secundaria; são elles, os estudos theologicos, a inflexivel e potente alavanca, com que mestres e discipulos procuram levantar o mundo do incognoscivel, do indemonstravel, do insolavel; são elles o bordão indispensavel da ignorancia.

Tambem nós ignorámos, e pouco nos importa de saber ou averiguar, os estudos que s. ex.ª rev.ª terá feito em tão momentoso assumpto, e qual o criterio por s. ex.ª e por todos os bispos e arcebispos de Portugal empregado em taes estudos.

O facto porém incontestavel, inilludível é este:

Deus está, e sempre esteve nos Lyceus; e o ensino religioso sempre fez, e faz parte integrante dos seus programmas.

Cotação de vergonha

Está sempre na baixa, e a praça accusa decrescimo enorme nas açções do ministro da guerra que diz e desdiz, faz e desfaz.

Explicuemos:

Diz no *Solar dos Barrigas* a 25 de janeiro: que venderia, como sua, a proposta do sr. Arroyo: promoções por distincção.

Desdiz um mez depois, em 22 de fevereiro: não poder conformar-se com essas promoções em prejuizo de antiguidade.

Faz, a 25, obrigar os *barrigas* a votar uma moção de confiança em que elle e o governo ficam, como queriam, a não dar os postos por accesso; em 9 de março, na camara dos pares, declara que não dá postos por distincção; e no dia immediato, 10, põe a sua pasta sobre a questão e afirma o que já disséra: era dar um *golpe mortal* na disciplina.

Desfaz, publicando no *Diario do Governo* um decreto em que diz:

«...chei por bem promover, por distincção, ao posto de major o referido capitão, Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque, devendo a antiguidade ser-lhe contada do dia 27 de dezembro de 1895, em que levou a effeito o aprisionamento do regulo africano, cuja rebeldia tantos e tão penosos sacrificios custou ao paiz.»

«O ministro e secretario de estado dos negocios da guerra assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 13 de março de 1896.—REI.—Luiz Augusto Pimentel Pinto.»

Com mais sem vergonha, só o João Franco!

A infamia do João Franco

Esse odiento homem, se fosse ministro em outro paiz, ha muito que a *força das circumstancias* o teriam atirado—com muitos colegas e amigos—ás masmorras d'uma Penitenciaria; mas neste burgo podre, onde se morre de cobardia e pusilanimidade, deixa-se alastrar á vontade a epidemia de ladrões que infesta todo o reino.

A estas horas, repetimos, noutro paiz, esse governo de bandidos, e esse ministro João Franco, o afamado carrasco das liberdades publicas, estaria apupado e corrido nas ruas de Lisboa, em paga dos seus crimes, e principalmente quando dissolveu naquella capital, as associações do commercio e da industria.

Ainda isto não é tudo. A audacia d'esse energumeno dictador e inepto legislador, sobe a mais alto. Na nova reforma administrativa, favoreceu elle, na maior parte, as comarcas que lhe eram politicamente affeioadas, supprimindo e reduzindo outras sem attender á sua importancia e população.

Levantaram-se então alguns protestos que foram suffocados pela presença das forças militares, que tinham ordem de assassinar os protestantes!

Continúa João Franco na vida depravada que tem levado como ministro, vida de bandedeiro, coarctando os direitos aos cidadãos, em attitudes de brigão de feira, sem cessar nas suas odiosas perseguições contra os que não tiverem nome no *cadastro dos traficantes e ladrões*, e principalmente contra os funcionarios republicanos. E' esta a razão, pela qual não promove a lente *cathedratico*, o sr. dr. Alves Moreira, distincto ornamento da Faculdade de Direito, que desde julho do anno passado está leccionando como *substituto*; manifesto attentado contra o que é expresso nas leis, que um ministro do rei despreza com o desavergonhamento proprio que caracteriza o raivoso João Franco!

Nunca os reis constitucionaes consentiram que os seus ministros exercessem, com tanto descaro e cynismo, a perseguição e a vingança!

E' no reinado do sr. D. Carlos, dentro da Constituição outorgada, que o seu ministro do reino está insultando, acintosamente, o professorado do paiz, na pessoa do sr. dr. Guilherme Alves Moreira, o qual, como já dissemos, não é promovido a lente *cathedratico* por causa das suas ideias republicanas!...

A carta do sr. dr. Bernardo d'Albuquerque é um brado de indignação e protesto, a que deviam adherir os lentes da Universidade e da Academia Polytechnica, todo o professorado; pois que homens tão illustres nas sciencias, estão servindo de juguete d'um ministro inepto, vingativo e brutal, que se arroja a impôr aos lentes republicanos, em circulares atrevidas, abjectas condições, que foram repellidoas com altivez, e addia uma promoção d'um lente, roubando-lhe os direitos a lei lhe concede. E' um salteador, licenciado da Penitenciaria.

Este infame procedimento, sobre ser arbitrario, é uma insolita ameaça á liberdade de opiniões e á independencia de todos os professores, como muito bem diz na sua carta o distincto jurisconsulto, sr. dr. Bernardo d'Albuquerque, lente jubilado da Universidade.

Mas o insulto não abrange sómente o professorado. Attinge tambem o reitor da Universidade, sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, que indicou ao governo o cumprimento da disposição da lei, quanto á promoção a *cathedratico*. A carta o diz:

«Vagando em 23 de julho do anno findo, em virtude da minha aposentação, um logar de lente *cathedratico* da faculdade de Direito, foi indicado ao governo, pelo sr. reitor da Universidade, para o preenchimento d'esta vaga, em officio de 25 do dito mez, o sr. dr. Guilherme Alves Moreira, então unico *substituto ordinario*, em conformidade com o terminante preceito do artigo 3.º da carta de lei de 18 de agosto de 1853: «A promoção dos lentes substitutos ordinarios á classe de *cathedraticos*, e d'estes até decano, será feita por antiguidade.»

«Isto não obstante, é decorrido quasi meio anno sem se fazer aquelle despacho, pelo motivo, segundo se diz geralmente, de o sr. dr. Moreira ser um dos vogaes mais considerados da commissão municipal republicana da cidade de Coimbra.

«Ninguem, que pense serena e despreocupadamente, deixará de reconhecer que o adiamento indefinido d'esta promoção, sobre illegal e indesculpavel, é uma insolita ameaça á liberdade e independencia de todos os professores.»

Pelo dizer d'esses periodos, o sr. reitor da Universidade está supportando com evangelica resignação o desprezo do ministro do reino, que não faz caso das indicações, nem acata as deliberações da lei, bem expressa.

Tal procedimento do insolito e arbitrario ministro, significa uma manifesta exautoração e desrespeito ao sr. reitor, no cumprimento dos seus deveres, o que o obriga—immediatamente—a pedir a sua demissão, em quanto não fôr reintegrado na sua categoria, o sr. dr. Guilherme Alves Moreira, como as leis determinam, e a dignidade pessoal exige dos seus executores.

Revolta tanto cynismo do odiento valido d'el-rei, o João Franco!

A bulla da cruzada

A titulo de beneficio a seminarios para o custeio de despesas com o ensino theologico a pobres, vendem-se as bullas em todas as igrejas parochiaes, desde 40 réis a 400 réis. Esta especulação que vae extorquir a muita gente pobre contos de réis é mascarada com a cedencia da permissão de se poder comer carne durante a epocha quaresmal.

Neste beneficio parece que os srs. padres deviam ser os primeiros a auxiliar o rendimento da bulla, ao contrario, elles remuneram-se com grossos pingues de ordenado.

O bullario ganha por anno uns 3:000.000 réis, e os outros empregados, na proporção, estão bem aconchegadinhos no ordenado.

As contas que se apresentam são de grande capitão e o relatório da junta geral da bulla da cruzada, correspondente á gerencia de 1894-95, accusa este desfalque:

Despesa orçada.....	129:495.484
Idem a que excedeu ..	190:523.214
Deficit...	61:027.730

Examinando a receita que está orçada para a despesa a fazer no anno economico de 1895-96, dá o seguinte resultado:

Receita.....	126:486.896
Despesa.....	191:082.882
Deficit...	64:595.986

Vê-se que os seminarios e os aprendizes ao sacerdocio têm excellentes administradores

Quem dirige a junta geral da bulla é o sr. Ayres de Gouvêa, bispo de Bethsaida, que dá bom nome de si e do muito zelo e honradez como administra o dinheiro.

Segue o proloquio—*A caridade bem principida*...

Sebastião de Carvalho Lima

Falleceu no dia 23 em Aveiro, o sr. Sebastião de Carvalho Lima, pae estremecido do sr. dr. Magalhães Lima, redactor principal do nosso collega—*O Seculo*.

A sua morte foi geralmente sentida, porque o illustre extinto era um verdadeiro homem de bem, um caracter impolluto.

Em Aveiro, d'onde o fallecido era natural, realisaram-se ante-hontem os funeraes que foram extraordinariamente concorridos, sendo grande a affluencia de pessoas de fóra que foram áquella cidade acompanhar á ultima morada o prestante cidadão. O cortejo funebre, que levou hora e meia a chegar ao cemiterio, compunha-se de pessoas de todas as classes e gerarchias, predominando o elemento popular. O commercio em signal de sentimento, cerrou as suas portas.

Sobre o feretro, foram depostas oito magnificas corôas, com significativas dedicatórias.

Sebastião de Carvalho Lima, foi presidente da camara de Aveiro, durante 14 annos, sendo eleito, em 1864, deputado pelo circulo de Agueda; fundou e presidiu á associação commercial d'aquella cidade, presidiu varias vezes á junta geral do districto e fundou a caixa economica aveirense, de que fôra director.

O finado militava no partido regenerador, de que era membro prestigioso. Foi varias vezes instado para acceitar o cargo de par do reino, o que elle recusou sempre da maneira mais formal.

Estes e outros traços biographicos, dizem bem alto quem foi o illustre extinto, que acaba de desaparecer no abysmo hyante e incomprehensivel da morte, que o arrebatou ao carinho da familia, á estima dos seus numerosos amigos.

Avaliando a dôr que compunge a familia do finado, d'aqui lhe enviamos a expressão sincerissima do nosso profundo pezar.

PELO EXTRANGEIRO

SUMMARY: — Os hespanhoes em Cuba — Os insurgentes — A opinião publica nos Estados-Unidos — Probabilidades de conflicto — Despezas com a guerra — Os inglezes no Egypto — A expedição ao Sudan — As forças europeias e as forças inimigas — O que os Inglezes desejam.

O escasso exito das operações militares, levadas a cabo durante muitos mezes pelo demittido Martinez Campos, e agora pelo seu ignorante e sanguinario successor, general Weyler, o não estarem, apesar dos esforços desesperatos dos soldados que se batem na perla das Antilhas, pacificada, no todo ou em parte, as duas ricas e extensas provincias de *Pinar del Rio* e de *Havana*, estão causando suores frios aos nossos visinhos, os quaes, em uma berraria de *«todo por la integridad»*, não occultam já a sua impaciencia e má vontade contra o quichotesco general Weyler.

As correrias e destruições continuam da mesma fórma e com a mesma frequencia, occasionando sensiveis desgraças e enormissimos prejuizos aos grandes proprietarios e cultivadores, principalmente, aos que sympathisam com a dominação hespanhoia.

Por seu lado os soldados, levados ao campo de batalha não pela convicção, mas pelo orgulho dos chefes, morrem corajosamente ás mãos dos insurgentes, quando não se matam uns aos outros, como ultimamente aconteceu, e nós sinceramente lamentamos, ou ainda quando o vomito negro os não disima.

O povo *yankée*, embora digam *nuestros hermanos* que não, augmenta de sympathias pelos cubanos, e, em breve, será approvada em ultima leitura a proposta da commissão mixta do senado e da camara dos representantes, relativa á belligerancia, a qual collocará em serias difficuldades o governo hespanhol, e irá dar novos alentoes aos audases revolucionarios para não desanimarem na conquista das instituições republicanas e da sua desejada independencia, em pro das quaes lutam, e hão de acabar por vencer, com o applauso unanime de todos os homens livres e de todas as nações adelantadas.

Dizer-se que o presidente Cleveland demorará ou levantará astrictos á q estão da belligerancia, pedida energicamente pelos eleitos do povo e por milhares de representações dirigidas aos poderes competentes, é loucura; demais, estando á porta as eleições presidenciaes, e aspirando, segundo consta, o sr. Cleveland, a ser reconduzido ao honroso cargo de presidente da Republica, não acreditamos que, em tal occasião, vá arrostar as iras populares, e sugeitar-se a uma derrota provavel. Isto mette-se pelos olhos dentro.

A missão de que elle acaba de encarregar o capitão Bourke, que partiu para o theatro da guerra, afim de, em seguida, informar o presidente do estado da guerra e dos recursos com que, de parte a parte, respectivamente contam os dois contendores, é, está bem de ver, uma simples formalidade, uma especie de introdução ao reconhecimento presidencial da belligerancia, para todos os effeitos.

O já tão decantado conflicto entre a *Hespanha* e os *Estados-Unidos*, originado pela protecção encapitada, que esta poderosissima Republica tem sempre dispensado aos partidarios da emancipação cubana, continúa a mercear reparos azedos da imprensa hespanhola, e a custar aos manifestantes, que precorrem as ruas e praças publicas soltando vivas patrioticos e assobios diante dos consulados americanos, grossa pancadaria, que os guardas civis arrumam a torto e a direito, sem dó nem piedade.

Diremos, porém, em abono da verdade, que o patriotismo tem auxiliado poderosamente o governo de Hespanha, porque grande numero de subscrições têm sido abertas para custear as despesas da guerra, a qual, se durar annos, levará a extrema penuria essa nação.

Apesar de avultadas quantias terem sido subscriptas para esse fim, quer-nos parecer, que nenhum proveito auferirão d'ahi aquelles para quem o extremio dos revoltosos é tudo; e esta idéa os cega a ponto de não quererem transigir um pouco, o que seria preferivel.

Honra um povo proceder tão activo e tão generoso; mas, como na canção de *Beranger* se diz — vemos a paz descendo á terra, e convidando os homens ao abraço da fraternidade, — julgamos que esse momento chegou, pelo menos para os hespanhoes e cubanos; d'ontra maneira mal irá aos primeiros...

Enfim, para terminar, nenhum indicio se descortina por emquanto de estar a guerra prestes a finalizar, e pelo qual possamos concluir para onde penderá a victoria, que uns e outros encarnadamente disputam.

Em todo o caso, sempre arriscaremos, que a força dos principios é tal, e a idéa de liberdade e independencia sôa tão harmoniosamente aos ouvidos de toda a gente, que talvez nos não enganemos em prophetisar a conclusão da guerra co-roando os esforços dos defensores da Republica Cubana.

Só mais duas palavrinhas, symptomaticas e aterradoras para quem tem no cofre pouco dinheiro, e tem de arranjar-lo, dê lá por onde dêr. A campanha de Cuba tem custado até ao presente-136 milhões de pesetas, sendo na penin-

sula 75 milhões, e o restante lá fóra, sem contar 670 milhões, em saques, etc., 28 milhões a menos na receita do assucar, e grandes prejuizos em gados e na colheita agricola.

Animadores estes algarismos: não acham?

A celeberrima questão do Egypto volta novamente á tela da discussão.

Os senhores inglezes, sem terem a menor razão, por isso que não podemos admitir que pretendam auxiliar os italianos actualmente em negociações com o negus Meulik para a celebração da paz, os senhores inglezes repetimos, resolveram enviar uma expedição ao alto *Egypto*; e, como é natural, todas as chancellerias da Europa, a quem interessa a questão, se sobresaltaram.

Apenas o governo francez soube, por communicação do embaixador de Inglaterra, que esta pretendia enviar uma expedição militar a *Dongola*, o ministro dos negocios estrangeiros pediu immediatamente conselho de ministros, que reuniram sob a presidencia de *mr. Faure*.

Ahi, resolveu-se procurar dissuadir o governo britanico da inopportuna de tal expedição, visto a ordem publica manter-se inalteravel, e os *mahdistas* não se aproximarem das fronteiras.

O governo inglez pretendia applicar ás despesas de campanha parte dos fundos existentes no thesouro egypcio, mas a opposição declarada da administração da caixa da divida egypcia, a qual não accederá aos desejos da Inglaterra sem o consentimento unanime das potencias, impossivel pela attitude contraria da *França*, certamente serão difficuldades extremamente difficéis de resolver para os nossos feis alliados.

A questão cada vez se está complicando mais, e portanto esperaremos as resoluções definitivas; por agora limitar-nos-hemos a informar succintamente da organização do corpo expedicionario e do numero das forças inimigas, que é assás consideravel.

Segundo informam os jornaes inglezes, o corpo expedicionario constará de soldados inglezes e egypcios, sendo formado por 8 ou 10.000 homens. Para chegar a *Dongola* terá de percorrer 500 kilometros, partido de *Dnady-Halfa*; partindo do *Cairo*, a distancia a percorrer será de 1.650 kilometros.

Deverão, após tão longa e incommoda jornada, encontrar o exercito de *Mahdi*, hoje *Abdul-Ahi*, o successor de *Mohammed Ahmer*, o qual em 1883 e 1884 desbaratou os inglezes.

Parece impossivel que elles pensem, tendo ainda tão viva a recordação da derrota então soffrida, em se metterem de novo em semelhante empreza!

A columna que então foi massacrada era de 12.000 homens, os quaes não poderam aguentar o embate das forças inimigas, que tem presentemente a seu favor o estarem melhor exercitados e municionados, e serem mais numerosas.

O que succederá pois se os inglezes insistirem no seu plano?

O exercito inimigo é composto de 30.000 arabes armados de espingardas, 6.000 cavalleiros, e 64.000 infantos armados de lança e escudos. Além d'isso possui 75 canhões, 8 metralhadoras e grandes reservas de armamento e munições.

A pretensão dos inglezes é exercereem a supremacia na occupação do *Egypto*; mas... quem *todo lo quier, todo lo pierde*...

M. Labouchere e o *Daly Chronicle* julgam a expedição a *Dongola* — a penhora perpetua do protectorato do *Egypto*.

E enganar se-hão?

Como dissemos no fim da nossa anterior chronica: *Vederemo e dopo parlaremo*.

GABIRU.

Assumptos de interesse local

Jantar

Os officiaes inferiores do regimento de infantaria 23, offereceram no domingo, um grande jantar aos seus camaradas repatriados que tomaram parte nas ultimas campanhas d'Africa.

A esse jantar, assistiram o 2.º sargento José Joaquim da Silva Trindade e o cabo Antonio Augusto Marques, que se alistaram voluntariamente e fizeram parte da expedição.

O jantar que foi abundante e variado, correu sempre no meio da mais franca animação, sendo trocados ao *toast*, vivos e calorosos brindes, feitos pelos sargentos do regimento aqui estacionado: d'esses brindes, sobresahiram os dos srs. Loureiro, 1.º sargento e Figueiredo tambem 1.º sargento.

A sala onde teve logar a sympathica festa, estava brilhantemente decorada com verduras e flores, vendo-se pelas paredes uma grande profusão de panoplias e escudos formados por armas e petrechos militares; ao fundo da sala, sarilhos d'armas e tambores, ornados de bandeiras, flores, etc.

O conjunto da ornamentação, era d'um soberbo e deslumbrante effeito.

Quando o jantar estava para terminar, appareceu na sala toda a officialidade do 23, sendo nessa occasião levantados enthusias-

ticos brindes, pelo sr. commandante do regimento e pelo sr. major Leão.

Durante o festim, tocou a banda de infantaria 23.

As sobremesas e vinhos, foram offerecidos pelos officiaes superiores.

Os promotores de tão sympathica festa, devem estar plenamente satisfeitos, por serem os seus esforços coroados d'exitos.

Rectificação

Ainda a proposito da noticia que demos no penultimo numero d'este jornal, acerca da reedição das obras de Henriques Nogueira, temos a fazer uma pequena rectificação.

O cavalheiro com quem fallámos a tal respeito, disse-nos entre varias coisas, que *pensava* em propôr ao grupo republicano academico a reedição das obras de propaganda de Henriques Nogueira. Nós julgámos com bastante fundamento, que seria a commissão encarregada de reeditar a *Cartilha do Povo*, que pensava fazer reeditar as alludidas obras.

Foi nisto que houve o *qui-pro-quo*. Como d'esse pequeno engano, (que não prejudicava ninguém) se fizesse um *cavallo de batalha*, fazemos a presente rectificação: «o cavalheiro com quem fallámos, disse-nos que pensava propôr ao grupo republicano academico, a reedição das obras de Henriques Nogueira, e não, como dissemos, que a commissão encarregada de reeditar a *Cartilha* pensava reeditar as alludidas obras.»

A Cezar, o que é de Cezar...

Operações cirurgicas

As ultimas operações realizadas até 23 do corrente nos Hospitales da Universidade, foram as seguintes:

Extracção de um kysto synovial na face dorsal do pé direito de uma mulher, pelo quartanista Joaquim Salino Antunes, auxiliado pelos condiscipulos e sob a direcção do professor dr. Daniel de Mattos.

Dilatação e disseccção de um trajecto fistuloso suppurado, na espessura da parede anterior do abdomen de uma mulher, pelo quartanista Antonio de Padua.

Galvano-cauterização de repetição na vulva de uma rapariga, pelo professor dr. Daniel de Mattos, com a assistencia do curso do quarto anno.

Amputação da mama direita, com visita e limpeza da oxilla, a uma mulher portadora de um carcinoma com infecção ganglionar, pelo professor dr. Daniel de Mattos com assistencia do curso do quarto anno.

Amputação do seio esquerdo, hypertrophiado de um rapaz, pelo quartanista Ricardo Soares Machado, auxiliado pelos seus condiscipulos, sob a direcção do professor dr. Daniel de Mattos.

Abertura e raspagem de um trajecto fistuloso da região lombar de uma rapariga, e ressecção da tibia de outra, pelo professor o sr. dr. João Jacintho, auxiliado pelo curso do 3.º anno.

Quites com a fazenda

O Tribunal de contas, na sua sessão de 17 do corrente, julgou quites com a fazenda nacional, a commissão districtal de Coimbra, pelo hospício dos expostos, (referente ao anno de 1894) e os chefes dos serviços telegraphopostaes d'esta cidade, (referente ao anno economico de 1893-94).

65 Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

CAPITULO XII

Corsario e pirata

Os dias passaram felizes para os dois esposos; se D. Adelaide não amava seu esposo com a paixão delirante, propria das almas entusiastas, se não nutria por seu marido um amor febricitante, amor que mais se funda na materia que no espirito, que desaparece com a posse, ou resfria com o decorrer dos tempos, tinha por elle a apreciação logica, que os seus dotes de alma mereciam.

Um amor fundado nestes principios não seduz tanto as imaginações ardentes, nem os temperamentos exaltados; dura porém mais, cansa menos.

Por vezes se lembravam os dois esposos de D. Carlota e de Carlos, a quem D. Ade-

Prisão

Na madrugada de quarta feira, foi prezo o conhecido gatuno José Correia Branco, de Monte-mór o Velho.

Este meliante, fez dar uma grande corrida ao guarda n.º 24, que só depois de o ter preseguido durante perto d'uma hora, é que lhe poudo deitar a mão, sendo ainda assim necessaria a intervenção d'um popular.

Na esquadra, confessou cynicamente que estava em Coimbra para roubar e mais declarou que, em estando solto, continuaria no exercicio da sua *profissão*.

Vai ser entregue ao poder judicial, que decreto lhe não negará um passaporte gratuito para a Africa...

Fallecimentos

Falleceu no sabbado, na avançada idade de 88 annos, o sr. José Maria Monteiro de Figueiredo.

O fallecido, foi um militar destemido e tomou parte activa nas campanhas da liberdade.

Era condecorado com as medalhas de Torre e Espada, Habito de Christo e Alguemismo n.º 1.

No seu funeral, tomou parte uma força de alferes, que no cemiterio deu as descargas do estylo.

A seu filho sr. Joaquim Monteiro de Figueiredo e sua familia, sentidos pezames.

Falleceu na segunda feira nesta cidade, de uma leção cardiaca, o sr. dr. Firmino Dias Pereira, juiz de direito aposentado.

O illustre extincto, era pae do sr. Francisco Manuel Dias Pereira, alumno do 2.º anno de preparatorios medicos, e do sr. José Augusto Dias Pereira, pharmaceutico em Souzellas.

A elles e á sua inconsolavel mãe, enviamos sentidos pezames.

Scena de pugilato

Segunda feira ha noite, á sahida do theatro Principe Real, houve scena de pugilato, entre um professor da faculdade de medicina e outro da de phylosophia.

Cemiterio da Conchada

Nas duas semanas ultimas enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maria Rita Madeira, filha de pae incognito e Maria José, de Villa Pouca, de 84 annos. Falleceu no dia 8.

Inocencia Maria da Conceição, filha de José Antonio da Costa e Bernarda Maria da Conceição, de S. Thiago da Moita, de 83 annos. Falleceu no dia 8.

Etelvina, filha de Joaquim Pinto e Maria da Piedade, de Coimbra, de 5 annos. Falleceu no dia 8.

Recemnacida, filha de Francisco Soares Pinto e Maria da Conceição, d'Arregaça, de 30 dias. Falleceu no dia 12.

José Luiz Pereira, filho de José Pereira e Rosa Maria, de Lisboa, de 45 annos. Falleceu no dia 12.

Augusto Marques, filho de Manuel Luiz Marques e Guilhermina da Conceição, de Coimbra, de 47 annos. Falleceu no dia 13.

Maria Delphina Abada Ferreira do Amaral, filha de José Bernardo Ferreira e Anna Abada Ferreira d'Almeida, de Trancoso, de 48 annos. Falleceu no dia 14.

Mabilia de Jesus, filha de Manoel dos Santos e Antonia de Jesus, de Trouxemil, de 22 annos Falleceu no dia 16.

Agripina, filha de Luiz Joaquim dos Santos e Albertina de Jesus, de Coimbra, de 6 annos Falleceu no dia 16.

Antonio Ferreira Rasões, filho de Joaquim Ferreira Rasões e Carolina Marques, de Ventosa do Bairro, de 13 annos. Falleceu no dia 16.

Daniel Guedes Coelho, filho de Joaquim Guedes Coelho e Esperança Maria, de Coimbra, de 49 annos. Falleceu no dia 19.

laide consagrava o amor de irmã, amor puro, sem pensamentos egoistas, que satisfaz aos laços da familia, a Deus e ao coração.

O marido tanto confiava em sua esposa, que não nutria a menor desconfiança pelo interesse que mostrava por elle, comquanto soubesse que fôra o seu primeiro amor.

Mas não era Carlos o desposado de D. Carlota? Não era sua esposa o modelo da honestidade e das virtudes domesticas? Não seria um mancebo brioso, incapaz de praticar uma acção desleal? Fundada era a confiança que Manuel José Fernandes tinha, e não se enganava.

O brigue pirata no fim de alguns dias lançou ferro; o commandante tomou todas as medidas indispensaveis para não ser conhecido; de um dia para o outro mudou a pintura do costado do navio, no arvoredo soffreu sensiveis alterações.

Oito dias depois, ás dez horas da noite, embarcavam para uma lancha frei Rozendo com dez marinheiros dos mais valentes e robustos.

A noite estava escura tenebrosa; o mar levantava grossos vagalhões; e a lancha, impellida pela violencia dos remos, seguia pelo dorso das ondas com bastante dificuldade.

A's onze horas da noite saltaram em terra; pozeram-se em marcha, através dos sarcaes, até entrarem numa pequena vereda, que ficava á esquerda.

Antonio, filho de José Pereira Monteiro e Delphina Maria, de Coimbra, de 6 annos. Falleceu no dia 19.

Elisa, filha de Antonio Ferreira Vaz e Rachel Serrano Vaz, de Coimbra, de 7 mezas. Falleceu no dia 19.

Rosa, filha de Antonio Maria Pereira e Delphina Borges, de Coimbra, de 28 mezas. Falleceu no dia 20.

José Maria Monteiro de Figueiredo, filho de Antonio Monteiro e Maria da Luz Figueiredo, de Coimbra, de 88 annos. Falleceu no dia 21.

COMMUNICADO

AO SR. BISPO CONDE

Os escandalos na igreja de Barcouço

Temos até hoje guardado silencio sobre os acontecimentos succedidos na igreja de Barcouço, em 1 e 2 de fevereiro ultimo, porque nos conservámos na expectativa de que s. ex.ª o sr. bispo conde, conhecedor do que alli se passou, procederia com energia contra quem cabe a responsabilidade de profanação do templo alludido.

Hoje, sabedores de que s. ex.ª encarregou de o informar o rev. arcebispo d'Ançã, nós á parte a consideração que nos merece este parochio, não temos confiança nesse inquerito a que por ventura procedesse, dadas as relações d'amizade que o ligam ao responsavel do succedido. Posto isto, vamos para elucidação do publico, relatar os alludidos acontecimentos.

E' pasmoso o que vae ler-se: Jacintho da Cunha, casada, do logar da Quinta Branca de Barcouço, é uma hysterica e, como tal, numa das manifestações a que um organismo está sujeito quando atacado de tal doença, quiz ir para a igreja parochial para, dizia ella, — o espirito mau que a apouquentava — se evolasse para longinquas paragens, porém, para realizar tal intento precisava da auctorisação do sr. Antonio Lopes Coelho d'Abreu prior d'esta freguezia, o qual lh'a concedeu com a lhaneza que lhe é peculiar quando se tracta de casos supersticiosos taes como benzedelas, rezas etc, em que este reverendo é eximio.

Uma vez a mulhersinha na igreja, logar mais azado que o breviario do sr. prior de Barcouço recommenda para espantar Belzebuth do corpo d'uma pobre ignorante, as minhas conterraneas movidas por um sentimento puramente humanitario, e sem previrem que iam inconscientemente profanar um templo, mandaram para a igreja alguns comestiveis taes como caldos, doces, chá e vinhos etc, visto saberem que a pobre enferma, já havia dias, que estava sem comer.

O sr. prior que consentiu em tal, é porque o breviario, que s. rev.ª, sabe de cór, lho permitia; e, o que é mais, não obstou a que á noite a igreja se transformasse em hospedaria e bem assim numa privada, pois que além de esteiras e outras roupas de cama para a enferma e outras que alli lhe foram fazer companhia durante a noite, até para lá levaram alguns servidores!...

No dia seguinte (2 de fevereiro), estava a igreja profanada e por conseguinte impropria para nella se celebrar o culto; pois o sr. prior de Barcouço receiando talvez que o escandalo tanspirasse, resolveu no seu alto bestunto proceder á benção da igreja, não sei com que auctorisação.

Jacintha Cunha continuou alli a permanecer visto o tal Belzebuth lhe ter annunciado que durante a missa, e num dado momento, havia de fazer das suas, e depois passar-lhe o pé.

Era o caminho accidentado, de difficil accesso, excessivamente pedregoso. Os piratas atravessaram os matagaes, tendo de afastar as ramadas do vicejante arvoredo, que açoutando lhes as faces, impeciam-lhes o caminho.

Os arbustos eram gigantes e seculares; as suas opulentas franças estendiam-se, formando uma abobada de verdura; os ramos cruzavam-se, impediam o transito, não os deixava vencer o caminho com a rapidez que desejavam.

Mas aquelles homens não se cansavam facilmente. Identificados com uma vida rodeada de perigos, acostumados a vencer grandes difficuldades, seguiam para a frente com uma tenacidade digna de louvor, quando o seu objectivo fosse uma acção heroica.

Ao longe, através do cicjar das arvores, ouviam-se os bramidos das feras, que se approximavam da pousada.

O cantico melancolico das aves nocturnas tambem soava lugubre, mas frei Rozendo na frente, frio como um espectro, não se preocupava; seguia audaz para a frente, como Lucifer na senda do crime. Seguia sempre, porque frei Rozendo era um demonio.

O silencio era apenas interrompido pelos passos dos bandidos, que pisavam as folhas espalhadas pelo solo; o outono desaparecia, a estação brumosa approximava-se.

Frei Rozendo ia na frente; ardia em de-

Effectivamente, apenas a *santos* suaram as primeiras vibrações da campainha, ella (dizem que Belzebuth) bateu as palmas e botou discurso. O que então se passou no templo é difficil de descrever; palmas dos credulos, rizadas da maior parte dos ouvintes, e censuras d'outros por o prior consentir tal pouca vergonha, enfim um charivari medonho a pontos de perguntarmos a nós mesmos se estavamos num templo assistindo á missa, ou num circo onde se representasse alguma operetta infeliz, e em que os *claqueurs* se esforçassem encobrir as manifestações de desgosto dos espectadores.

Apezar de todo este borbolino o tal diabinho ainda se não dignou abandonar a mulhersinha, e o sr. prior, que não soube ou não teve a coragem sufficiente para ao menos impedir as manifestações que se deram no templo, já que a sua dubia intelligencia não poudo despersuadir a doente d'uma tão louca ideia como a de querer dormir num templo, ainda quando a enferma quiz sair da igreja, se prestou a ir esconjurador — espirito mau — até fóra do adro!...

Em numeros subsequentes continuarei desfiando esta desgraçada questão se a generosidade do ex.ª redactor do *Defensor* mo permittir. Termino pedindo a v. benevolencia por a minha mal alinhavada prosa, e creia-me

De v. att.º ven.º obg.º

NEXTUNA.

Barcouço 24 — 3 — 96

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

DIRECTOR

EUGENIO DE CASTRO

Collecção de obras primas de todas as litteraturas, antigas e modernas

Sahirão 2 volumes por mez, nos dias 10 e 25

Está publicado o 2.º volume

FIALHO D'ALMEIDA

MADONA DE CAMPO SANTO

Preço de cada volume cuidadosamente impresso em bom papel com o retrato do auctor

100 RÉIS

Sucessivamente serão publicadas as obras-primas de:

Thiophilo Braga, Eça de Queiros, Bento Moreno, Gabriele d'Annunzio, Paul Bourget, Pierre Loti, Gustave Flaubert, Maupassaut, Zola etc. etc.

Para assignar esta publicação, basta enviar o nome e morada á

LIVRARIA MODERNA

Augusto d'Oliveira — EDITOR

COIMBRA

A cobrança será feita pelo correio por series de 5 numeros.

sejos de se apoderar da joven, mas Deus não podia admittir a perpetração de mais este crime.

Na propriedade de Manuel José Fernandes reinava profundo silencio; quando os assassinos se acercaram da sebe, os cães principiaram a latir, e um escravo, que sempre ficava de vigia, perguntou:

— Quem está ahí?

Como ninguém respondeu bradou:

— Pae Joaquim! Oh! pae Joaquim acorde, que alguém se aproxima, se não é alguma onça.

A este tempo já os piratas tinham transportado a sebe, adiantaram-se para as cabanas.

Frei Rozendo, com um facho na mão, tinha dado signal para incendiar os estabelecimentos, que principiaram a arder.

Um fumo negro, espesso subia em grandes columnas; os estalos de madeira incendiada soavam com estrondo pavoroso.

Dois negros que se achavam de guarda aos engenhos bradaram aterrados: Fogo! fogo! Quem acode? Fugiram aterrados na direcção da casa, a fim de prevenirem seu senhor; ouviram-se porém duas detonações: os negros caíram fulminados. Era a gente de frei Rozendo que se manifestava.

No lado opposto da propriedade notava-se o mesmo terror,

(Continua)

RECLAMES E ANNUNCIOS

ARREMATACÃO

2.ª publicação

47 No dia 19 do proximo mez de abril por 11 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça d'esta comarca, se hade vender em praça, por deliberação tomada pelo conselho de familia no inventario a que se procedeu pelo cartorio do escrivão do 5.º officio, por fallecimento de Simão Francisco, morador que foi na rua Direita d'esta cidade, e em que é inventariante a viuva Joaquina da Conceição, o seguinte predio.

Uma casa com dois andares, sita na rua Direita, freguezia de Santa Cruz, com os numeros de policia 75 e 77. Este predio foi á primeira praça no valor de réis 600\$000, e volta pela terceira vez em 400\$000 réis. A contribuição de registro é paga por inteiro por conta do arrematante. São citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematacão.

Verifiquei.

Neves e Castro.

AGUAS MINERO-MEDICINAES SULPHUREAS DE ENTRE-OS-RIOS

Estas aguas conhecidas e receitadas desde 1531, são applicadas Internamente para as molestias do estomago, hexiga, rins, e muito especialmente para todos os orgãos respiratorios; Externamente em lavatorios e banhos nos herpes.

Vendem-se em garrafas de 1/4 de litro.
Deposito em Coimbra
DROGARIA DE JOSÉ FIGUEIREDO & C.ª
Montarroyo 25 a 33

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

11 N'este bem conhecido hotel, situado na praça do Commercio, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continúa o seu proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as atencões devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado.

Tambem recebe duas ou tres pessoas, a quem dá de comer em mesa particular, por preços commodos.
Já ha e continúa a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito razoaveis, responsabilizando-se o proprietario d'este hotel, por qualquer encomenda que lhe seja feita, tanto para esta cidade, como para fóra.

PEDIDO E ALVIÇARAS

49 Pede-se a quem achasse na sexta feira passada 13 do corrente, um relógio d'ouro e competente cadeia, desde a rua das Azeiteiras até á dos Sapateiros, a fineza de entregarem aquelles objectos a sua dona Theresa da Conceição Pinto moradora na rua dos Sapateiros, 42, que dará signaes certos e alviçaras.

ASSOCIAÇÃO DE SOCCORROS MUTUOS DOS ARTISTAS DE COIMBRA

São convidados todos os socios d'esta sociedade a examinare as contas das gerencias dos annos de 1894 e 1895, e respectivos pareceres do conselho fiscal que se acham patentes no gabinete da direcção por espaço de 15 dias a contar do dia 14 do corrente em diante, das 8 ás 8 da noite.

Coimbra, 12 de março de 1896.
O secretario da direcção,
Manuel Rodrigues d'Almeida.

ANTIGO DEPOSITO DE MACHINAS



INGER

Estabelecimento de fazendas brancas

ARTIGOS DE NOVIDADE

ALFAIATARIA MODERNA

DE JOSÉ LUIZ MARTINS DE ARAUJO

90, Rua do Visconde da Luz 92 — COIMBRA

6 O mais antigo estabelecimento n'esta cidade, com as verdadeiras machinas Singer, onde se encontra sempre um verdadeiro sortido em machinas de costura para alfaiate, sapateiro e costureira, com os ultimos aperfeiçoamentos, garantindo-se ao comprador o bom trabalho da machina pelo espaço de 10 annos.

Recebe-se qualquer machina usada em troca de novas, transporte gratis para os compradores de fóra da terra e outras garantias. Ensina-se de graça, tanto no mesmo deposito como em casa do comprador.

Vendem-se a prazo ou prompto pagamento com grande desconto. Concerta-se qualquer machina mesmo que não seja Singer com a maxima promptidão.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Acaba de chegar um grande sortido em casimiras proprias para inverno. Fatos feitos completos com bons forros a 6\$500, 7\$000, 8\$000 réis e mais preços, capas e batinas preços sem competencia, varinos de boa catrapianha com forro e sem elle desde 5\$000 réis para cima, garante-se qualquer obra feita n'esta alfaiateria, dão-se amostras a quem as pedir.

Tem esta casa dois bons contramestres, deixando-se ao freguez a preferencia de optar.

Sempre bonito sortido de chitas, cháiles, lenços de seda, ditos de Escócia, camisaria e gravatas muito baratas.

Vende-se oleo, agulhas troçal e sabão de seda, e toda a qualquer peça solta para machinas.

Alugam-se e vendem-se Bi-cycletas.

ESTABELECEMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

50 • RUA DE FERREIRA BORGES • 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystolle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Pastilhas electro-quimicas, a 50 réis

Brilhante Belge, a 160 réis. } indispensaveis em todas as casas

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

2 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

5 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas a JOSÉ MARQUES LADEIRA
COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

CASA LEÃO D'OURO

117 — RUA FERREIRA BORGES — 123

COIMBRA

GRANDE ESTABELECEMENTO DE PANNOS E CASIMIRAS

COM

ATELIER DE FATO POR MEDIDA PARA HOMEM E CREANÇA

DIRIGIDO POR HABEIS CONTRA-MESTRES

A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um

EXTRAORDINARIO E VARIADISSIMO

sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais alta novidade, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2\$500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7\$500 réis.

Dita de casimiras e pannos pilotosou moscovs para dragues e vestons, feitos por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8\$000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para ulsters ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em 8\$500 réis.

Dita para makferlanes, double-capes ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Explendidos cortes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviores inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais CHIC para smoking, sobrecaçacos e casacos.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio. — Excellentes montagnaes nacionaes e estrangeiros, de 1\$800 a 8\$000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para jaquetões e sobretudos de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creança, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviores nacionaes para calças ou fatos completos, de 700 réis o metro.

Cuarda-chuvas ou guarda-soes de paninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e automatica, de 450 a 4\$500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de cor que se vendem com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor!!

Bi-cycletes pneumaticas, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 35\$000 e 45\$000 réis!!

Uma machina para alfaiate-industrial ossilante de singer — que se vende por metade do seu preço.

Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimo, figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR — Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração — Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha		Sem estampilha	
Anno	2\$700	Anno	2\$400
Semestre	1\$350	Semestre	1\$200
Trimestre	680	Trimestre	600

ANNUNCIOS: — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS: — Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Impresso na Typographia Operaria — Coimbra

Defensor

do Povo

COIMBRA — Domingo, 29 de março de 1896

O REINADO DA MENTIRA

Vae-se tornando official a *mentira* nos dominios da politica monarchica.

Desde os ministros até aos mais obscuros partidarios da *realiza*, a *mentira* logrou conquistar e avassalar as consciencias e subjugar as vontades de quantos servem o rei, fallam, e escrevem em nome das *instituições monarchicas*.

Mente descaradamente o *discurso da corôa* em todas ou quasi todas as suas affirmações e promessas.

Com a mesma sem cerimonia e descarado cynismo, com a mesma coragem e augusta serenidade mentem os chamados representantes da Nação, em ambas as casas do parlamento, na *resposta* ao sobredito *discurso*, mentem discutindo e votando as propostas do governo.

Mentem sem escrupulos nem pudor e com o sangue frio dos grandes *aldravões*, os ministros do rei nas suas declarações e programmas de governo e administração, perante as camaras e perante o paiz inteiro, quando chamados pelo rei a tomar conta das pastas e da direcção dos negocios publicos do Estado.

Mentem nos seus discursos, nos seus relatorios e principalmente accumulam *mentiras* nos orçamentos de receita e de despeza e nas contas do thesour.

Mentem os jornalistas governamentais, assalariados, subsidiados, corrompidos pelos governos para espalhar *mentiras* e com ellas enganar ou astuciosamente illudir e desorientar a opinião publica, envolvendo em uma densa poeira de falsidades a consciencia nacional.

Mentem as secretarias do Estado e as repartições publicas nas suas informações; e até obrigam a mentir, nas suas decisões e sentenças, os tribunales de justiça.

Machiavel, dizem, arvorou em principios fundamentais de politica — a hypocrisia e a *mentira*.

Entre nós a hypocrisia e mais do que isso, — a *mentira* nua e crua, a *mentira* descabellada, a *mentira* systematica, a *mentira* official foi adoptada como regra e norma de governo.

Todo o mundo o sabe.

Ninguem já o ignora.

Toda a gente está hoje convencida de que os ministros, a imprensa ministerial, os partidarios, defensores e apologistas do rei e do seu governo *mentem*, *mentem* sempre e em tudo.

Pejados de *mentiras* vêm os documentos officiaes emanados do governo; abarrotado em *mentiras* corre por todo esse paiz o *Diario do Governo*.

Mentiras são as informações, os relatorios, as syndicancias, os calculos orçamentaes, todos quantos documentos emanam do governo ou por elle são ordenados.

A *mentira*, base do nosso regimen politico, campeia systematicamente, e prepondera em todos os ramos de administração; soberanamente domina, impulsiona e dirige o nosso mundo official.

Se quiserem provas de que vivemos no reinado da *mentira*, escusam de as pedir; procurem-as em sua casa; em todos os lados, que em toda a parte as encontrarão aos montes.

Se isto assim continuar, se o regimen da *mentira* se mantiver por mais algum tempo, e como é natural, mantendo-se, progredir e alastrar, hão de os estrangeiros chamar a Portugal — *patria de mentirosos*, como

já lhe tem chamado, e chamam — *caverna de ladrões*.

De quem é, de quem será a culpa?

A verdade é que somos politicamente dirigidos, governados e administrados por uma sucia de *mentirosos*.

A verdade é que vivemos sob o imperio e no reinado da *mentira*, d'essa *mentira* a mais repugnante e asquerosa — a *mentira official*!...

Mais impostos

Caminhamos para a maior das miserias, no meio da indiferença do paiz que supporta todas as sangrias á sua parca bolsa, esgotada por essa alluvião de famintos que o governo tem sustentado á custa dos sacrificios do povo.

Não cessa a monarchia com pertinaz ideia de espalhar a fome por toda a parte, sobrecarregando o contribuinte de pesados impostos, arrazando a agricultura, depauperando a industria e o commercio, sempre na rapina, para o custeio das despezas do seu fausto viver e para o bem estar da grande quadrilha de ladrões — amigos da realiza — que infesta a capital e o paiz.

E' porisso que se exige mais dinheiro e porque esse *lord Hintze*, o traidor de Lourenço Marques, vem extorquir ao consumidor mais **15 réis em cada kilo de assucar**.

Não chega a esse *ignobil ministerio* — como lhe chamou o Navarro — os 3:200 contos que cobra por anno, quer ainda mais dinheiro para as orgias e ostentação da realiza, para o aconchego dos comilões, raça de larapios que tem esgotado os cofres da nação.

Falla-se tambem no imposto do sabão, que subirá mais **10 réis em kilo!**

Não ha duvida. Os homens da monarchia preparam-se para reduzir o povo á fome; que elle se prepare para os reduzir a condemnados.

O ventruado Navarro

O seu abdomen está convertido numa caverna de Caco, leva a vida a enche-lo, numa ambição de judeu, num devorar de jacaré.

Não se sabe a profundidade d'aquelle sorvedoiro, que comporta: as lamas do Tejo e os *bonds d'Hersent*; o *chalet*; as gorjetas que renderam os insultos a uma viuva de alta garchia; o jogo de fundos em Paris, d'onde veio enxotado; e para coroar o estendal de vergonhas, assevera o sr. Fuschini:

«Dispendia o Estado por mez 64:000 francos, dos quaes 60:000 para cumprimento de um singular contracto de publicidade e 4:000 abonados á legação de Paris; estas sommas, segundo me informaram, applicavam-se para trazer favoravel ao paiz certa opinião jornalística estrangeira. Quando me foi apresentada, á assignatura, a renovação d'esta medida, muito naturalmente lancei o despacho de que não havia no orçamento verba para aquelle fim, o que allás era verdade.»

Nem mais nem menos que uma commedella de **64:000 francos** valorizados em réis **11:520\$000 por mez** que equivalia a **138:240\$000** réis por anno.

Esta enorme ladroeira, favorecida pela firma Hintze & Franco, ficou descontente em vista da attitude do sr. Fuschini, que foi insultado pelo embaixador que explorava a grande mina.

E ainda o aquece o bom sol da Primavera.

Leiam e pasmem!...

Diz o *Seculo*:

«Pela alfandega de Lisboa vão ser vendidas em leilão duas caixas com livros em sanscrito, offerecidos pelo rei de Sião ao governo portuguez, a fim de assim celebrar o 29.º anniversario do seu reinado. Os livros vão a leilão por não haver no orçamento do estado verba para o despacho!!!»

Não ha verba para o despacho dizem elles... mas de quem é a Alfandega? Se se tratasse de proteger alguma firma commercial importante, apadrinhada, que quizesse passar contrabando, nem seria preciso dinheiro, forjavam-se portarias aos montes e a coisa passava sem mais porquês.

Livros? livros são papeis, para que os querem elles... se ha por cá tanto...

São uns pandegos estes ratões... pandegos e telhudos.

Doidos e maus

Estão-se levantando altos clamores contra o inaudito escandalo da concessão, ligada a um emprestimo onerosissimo de 9:000 contos, pelas condições em que se pretende realizar esta inqualificavel tramaioa, da iniciativa do sr. Navarro — o honrado embaixador! — e com a franca adhesão do sr. Hintze — *le ignoble ministère*, na phrase d'aquelle senhor!

Esse emprestimo que a imprensa republicana, e até a monarchica, está combatendo com insistencia e energia, representa uma grande falcatura em que nos quer metter o governo da monarchia.

O livro do sr. Fuschini relatando ao paiz as apreciaveis informações, no que diz respeito á questão dos credores, provocada por causa da redução dos juros da divida publica, mostra como d'ella renasceu a traficancia da conversão, acompanhada de um emprestimo, pois que o sr. Navarro — afirma o sr. Fuschini — trocava com o sr. Hintze repetidas cartas particulares, de que muitas vezes o presidente fez leitura ao conselho lardeando-as com observações e notas pessoas de que os ministros de então devem ainda recordar-se... — e noutras cartas, o mesmo ministro desenvolvia varios planos financeiros em que as obrigações dos tabacos eram, umas vezes, incluídas, outras vezes excluídas, e preconizado um emprestimo de 18:000 contos! — Leiam com attenção os periodos que se seguem:

«Um dia até, sempre pelo mesmo processo, foi enviado ao sr. Hintze Ribeiro um projecto de conversão da divida externa na base do pagamento perpetuo de um quarto do juro em ouro; com a clausula, porém, do referido emprestimo de 18:000 contos. O projecto, segundo o costume, não vinha assignado; mas na carta do sr. Emygdio Navarro falava-se muito — e já não era a primeira vez — em mr. Bergeyre, director do *Comptoir d'Escompte*. O sr. Hintze Ribeiro mandou-me a carta e projecto, do qual porventura ainda possuirei copia. A minha opinião foi que o tal plano nenhuma importancia envolvia...»

«Passados dias, sem que possa precisar a data mandava-me o mesmo sr. Hintze Ribeiro um numero de *Economiste Européen*, com uma correspondencia do Lisboa, em que eram preconizadas as suas qualidades financeiras e do João Franco e postas as minhas pela rua da amargura, com a terrivel accusação do meu *air sournois* e da minha *mine rebatbine*. Estas correspondencias, segundo me affirmou o sr. Hintze Ribeiro, eram do sr. Emygdio Navarro. Seria desnecessario diz-lo, porque a phrase do artigo, em plena concordancia com a da carta, tinha quasi o valor de autentica assignatura.

«Haveria entre os factos, que acabo de citar, e aquelle *maus* enigmatico do sr. Mathias de Carvalho proximas relações? Estou inclinado a responder affirmativamente.»

A conversão e o appenso dos 9:000 contos, representa um encargo de **510 contos**, e mimoseando os actuaes credores com mais **1:793 contos**, dá logar á distribuição de **lvas de 2:445 contos**.

O Paiz não se engana.

E' para essas *lvas* com que vae ser brindada a firma Navarro & Hintze, que se elaboraram as propostas para a remodelação predial, as quaes estão produzindo reclamações justissimas da classe agricola, no sentido de ser modificada tal extorsão com que o governo pretende indemnizar-se das gorjetas que lhe vae custar a conversão e o emprestimo.

Ouçamos o que num energico artigo diz acerca das propostas e da *conversão*, o nosso collega — O *Primeiro de Janeiro* — que vem juntar os seus protestos aos que se estão levantando pelo paiz contra os novos impostos:

«É positivo. Por esse projecto o thesour fica onerado com novo encargo, e pesadissimo. O contractadores ganham milliares de contos. E os impostos, que vão ser lançados, têm por fim satisfazer, em parte e-ses encargos.

Assim o declarou um proprio jornal do governo, a gazeta que passa por ser seu o orgão official. Esta declaração, só por si, faria que o projecto fosse condemnado.

Pois quê? Vão sobrecarregar-se generos de primeira necessidade, taes como o assucar, o bacalhau, vão pedir-se novos impostos ás classes pobres e trabalhadoras, quando, de mais a mais, não ha nada que exija essa conversão? Ignora acaso o governo como, por toda a parte, a não ser para os ricos, a vida está sendo uma verdadeira luta e combate?

Pois não sabe que, á excepção de pouquissimos privilegiados da burocracia, outros emprega-

dos, ainda os que passam por ter empregos rendosos, passam uma existencia difficil, aggravada com os cerceamentos da *lei de subscção*?

Não repugna que, a essa classe, como á dos officiaes do exercito, se vá ainda tornar mais onerosa a vida, sobrecarregando o preço dos generos e juntando a carestia da vida ao augmento do preço nas subsistencias?

Não sabe que, nas nossas aldeias, os lavradores que passam por abastados vivem numa penuria extrema, mal se differenciando dos trabalhadores dos seus campos ou vinhedos?

Não accresce, ao pedido d'estes novos sacrificios, o odio de se saber que enriquecerão mais, nalgumas centenas de contos, os contractadores, os financeiros, a gente de negocios?

Não é tambem doloroso que os credores internos se vejam definitivamente espoliados dos seus direitos, consummada de vez a ruina d'uma parte da sua fortuna e ameaçado, depois de celebrada a conversão, aquillo que lhe resta, pois não ha garantia do dia d'amanhã nem certeza de que não serão cerceados nos creditos que agora lhes ficam?»

Termina por condemnar a marcha do governo e diz que é uma *mentira* as suas affirmações de melhorias no thesour, por isso mesmo que o governo está perdendo o resto de confiança que o paiz lhe tiver dado.

Diz que é tudo ficção: as melhorias um ludibrião, os orçamentos uma falsificação, os *deficits*, uma fraude. Pode perder-se a esperanza d'um dia melhor!...

Seja o brado do povo: — Abaixo a devassidão monarchica!

Pelourinho

LXVI TRIBUTOS

O ministro da fazenda apresentou á camara as medidas salvadoras.

E' uma rede de 13 malhas, por onde não escapará ao povo nem um real, que não vá primeiro direito ao fisco.

Cresce a contribuição predial.

Cresce a contribuição industrial.

Cresce a contribuição pessoal.

Cresce o real d'agua.

Cresce o imposto de consumo em Lisboa e Porto.

E para crescer tudo, cresce tambem o *deficit* de um modo fabuloso!

O functionalismo fica á mercê dos caprichos do governo; porque uma das medidas é poderem ser aposentados os empregados, mesmo contra sua vontade. E' a suprema lei do arbitrio.

Temos tributado o arroz, que é o alimento dos pobres, e temos o registro mutuo de capitães.

Em fim Lisboa e Porto é que directamente são já feridas em novas tabellas de consumo. Os demais impostos irão a toda a parte, menos á bolsa dos ministros que para esses haverá moratorias interminaveis.

Tambem o governo acceta o pagamento de dividas antigas á fazenda com abatimento de 10 % no prazo de 60 dias; depois não faltarão as penhoras, que deixarão a todos sem camisa.

E aqui está a obra do ministro da fazenda.

Cremos que por ella se não hade illustrar muito o ministro, que no fim de tudo não inventou nenhum methodo de finanças, antes deixou todos os defeitos do systema, augmentando mais o damnó publico, com o desenvolvimento dado aos impostos já votados.

O ministro calculou que pelos augmentos propostos, crescerá a receita de 3:000 contos, que sahirão da bolsa do povo para o devorismo da *camarilha* e da divida fluctuante.

E o paiz aceitará as medidas do governo? Pagará o povo em 1870 o que não quiz pagar em 1868? E Lisboa e Porto que resistiram ás medidas vexatorias de Fontes, irão com as de Braamcamp, que são ainda muito mais expoliadoras?

Não o crêmos. Antes esperamos que o paiz tomará uma attitude séria para repellar do poder homens mediocres, como são duque de Loulé e Anselmo Braamcamp.

O paiz hade fazer o sacrificio dos impostos, quando vir em vigor a lei das economias.

Até lá o povo responderá com a convicção de seus principios:

— *Non possumus!*

Lanterna.

A TUNA EM THOMAR

Conforme noticiámos, e os nossos leitores sahem, a *Tuna* realisar em Thomar dois concertos. Como era de esperar, correram animadissimos, sendo tambem numerosamente concorridos, enchendo-se completamente o theatro em ambas as noites de espectaculo e de verdadeira festa.

A velha e historica cidade do Nabão povoou-se de academicos coihbrões. E' assim que, de quando em quando, se quebra a monotomia caracteristica das terras pequenas, onde os divertimentos faltam, ou pouco abundam.

Revestindo-se de galas agradecidas lhes amavelmente a visita; proporcionou-lhes occasião de, ao mesmo tempo que foram prestar uma obra de caridade, esquecerem do mesmo modo o estudo e as aulas, eterno desassocego da mocidade das escolas.

Na verdade, a população Thomarense, associando-se sinceramente ás manifestações de regosijo de que foram alvo os *tunos*, e auxiliando a commissão encarregada de organizar os festejos e de os receber, contribuiu para que fossem coronados de bom exito os seus esforços; conseguiu-se igualmente evidenciar, mais uma vez, a tradicional e nunca desmentida fidalguia e hospitalidade, que tanto distingue, e enobrece o povo portuguez.

Por muito bem que esperassem ser acolhidos, todos ficaram maravilhados; a recepção excedeu a espectraliva; foi uma agradável surpresa.

O tempo, que se conservava relativamente bom quando partiram, começou a mudar, o céu tolheu-se de nuvens, e uma chuva impertinente começou a cair; felizmente em Thomar, não choveu, tendo os sympathicos excursionistas dois radiantes dias de sol, que souberam aproveitar visitando os monumentos e passeando pelas ruas aos grupos, conversando, contentes e satisfeitos, não parando um só instante; unicamente para comer se sentavam; com respeito a dormir... é melhor não fallar nisso; imaginem...

Não se cansavam de ver e observar; tudo lhes despertava interesse; principalmente as janellas mercianias-lhe especial exame, demorados, terríveis e... fascinadores olhares.

Ao chegar á cidade, a *Tuna* tocou um *passo-doble* vivo e entusiasta, saltando-se então, durante o percurso até ao hotel, ininterruptos vivas á commissão organisadora dos festejos, que foi incançavel e inexcedível de amabilidade, ao povo, ás damas... enfim as vozes confundiam-se em uma enorme gritaria, retumbante e confusa, faziam assomar ás janellas as meninas bonitas as quaes em Thomar, diga-se, abundam. Atravanzando ellas flores, acovelando-se curiosas para ver os *tunos* que lhes agradeciam a gentileza envolvendo-as em uma atmosfera de aclamações e de vivas: um delirio!

A' noite, porém, o entusiasmo redolrou no theatro, a regorgitar, como vulgarmente se diz, á cunha.

O theatro Nabantino, achava-se vistosamente engalanado: comquanto pequeno, offerencia um magnifico aspecto pela ornamentação constituída por colchas de damasco desprendendo-se preguçosamente dos camarotes e vindo cair sobre a plateia, por pastas de quintanistas suspensas, onde e onde, em tropheos, como para nos lembrar o dever e a gloria, por uma infinidade de camelias d'uma frescura e belleza como nunca vimos.

O palco estava transformado em um viçoso jardim, tanta era a abundancia de flores; instantes depois de o pano subir estava juncado de ramelhetes, arremessados, não raras vezes, pelas mãos delicadas das damas, ás quaes os *tunos* agradeciam, disputando esses ramelhetes encarnicadamente, e ainda mais os sorrisos tentadores que os acompanhavam, desejosos de trazerem para Coimbra uma recordação, que lhes mitigasse as saudades insensivelmente albergadas na sua alma de boêmios, e de conservar uma recordação consubstanciada na simplicidade d'uma flor, a qual, pelos annos adeante, traduzisse, sempre que a contemplassem, um adeus saudoso e um agradecimento eterno aos habitantes da formosa cidade banhada pelas limpidas aguas do Nabão.

Destacando-se ao meio do palco pela negridão das capas, surgiam os *tunos* precorrendo com o olhar as filis dos camarotes e da plateia, segredando para o lado quando descobriam, o que frequentemente acontecia, alguma cara bonita, algum rosto scintilante de graça e formosura.

Na verdade viam-se lá senhoras distinctas, fazendo realçar com a elegancia da *toilette* a sua belleza; e, para maior surpresa nos-a e amabilidade d'ellas, pozeram de parte a etiqueta convencional e mal entendida, applaudindo sem affectação e sem disfarce a *Tuna*, dando largas ao seu entusiasmo e, quem sabe? se ao seu coração...

Comoção o sarau pelo *hymno academico*, que foi ouvido de pé por todos os assistentes.

Os *tunos* em um furacão de entusiasmo em um diluvio de saudações estrepitosas respondiam acenando com os gorros, como se fossem capacetes de guerreiros em conquistas amorosas e desenrolando a capa como se desfaldassem a bandeira das suas glorias.

Todos os numeros do programma fielmente cumpridos, e bizarramente executados, tanto na

parte musical como na dramatica, foram muito applaudidos, tendo chamadas especiaes o sr. dr. Simões Barbas, ao qual se devem os progressos da *Tuna* e os triumphos alcançados.

O nosso amigo M. J. Corrêa e Manuel Mansilha tocaram *fados* e outras peças em guitarra; o Macieira e J. Leal recitaram e disseram monologos e cançonetes, sendo todos muito apreciados.

O sarau rendeu cento e tantos mil réis; foram entregues á *Santa Casa da Misericórdia*, que muito agradeceu a generosidade da offerta.

Como dissemos, os *tunos* foram obsequiados com uma *matinée* dada em sua honra na sala nobre da *camara municipal*, á qual concorreram, sem exaggero, umas cem senhoras e outros tantos cavalheiros.

As valsas e as quadrilhas succediam-se quasi sem intervalo; os pares que passeavam pelo salão enquanto outros dançavam, (pois era impossivel fazerem-n'o todos ao mesmo tempo) arrebatavam nos braços, contentes, felizes e despreocupados, no rodopio cadenciado d'uma valsa a tres tempos as encantadoras Thomarenses, que lhes offereceram e collocaram ao hombro gentilmente laços de seda da cor da faculdade com dedicatória e franja dourada, bordados expressamente por ellas, sendo nesta occasião os vivas tantos e tão prolongados, que impossivel seria descreve-los.

Uma senhora estava recitando uma poesia em que pranteava a morte d'um gato; logo que terminou, o J. Leal avançando de gaforina á solta, com aquelle seu ar de-pretencioso e algo de boêmio, improvisa, muito a proposito, esta engraçadissima quadra:

Senhora:

Estando da historia ao facto,
(Perdoe-me a impertinencia)
Venho offercer-me a vocencia
Na falta do outro gato.

Não sabemos se ella aceitou ou não a offerta, mas elle novamente passava em Thomar, para onde partiu, diz-se de passagem para ferias...

Quer-nos parecer que a alludida *disease* não havia de ter um coração tão luciferino, que preferisse um gato a um rapaz como o J. Leal. Repetimos: não acreditamos em tal.

Já o sol se escondera no horisonte e denso veu escurecia o salão, annunciando a noite, e ainda elles andavam dançando, sem em tal repararem.

A' sabida havia muitos Romeus e Juliets, muita esperança e muitos castelinhos levantados na mente... O Sampaio, por exemplo dizem, que eu não vi... adeante.

E' um gosto agora ouvi-los, depois do regresso. Com que entusiasmo elles descrevem a viagem! Parecem doidos. Dizem uns que Thomar é a terra das mulheres mais bonitas de Portugal; e outros ainda vão mais longe, sustentam a sua primasia entre as mulheres do mundo inteiro; outros elogiam o tratamento do hotel, estes, porém, são poucos, e são os mais modestos; só o Servolo se queixa; diz elle que o vinho tinha alcool, mas apesar de ser um vinhito attenuado, não deixou de o beber...

De manhã, na Universidade, era ve-los, cabibaihos, rucos, pallidos, estrupitados, como sonno, caminhando com repugnancia para as aulas, com cólicas, e nós a apoquentá-los com perguntas taes como estas:

Então? que tal esteve aquillo por lá? grande pandega? as damas? o baile? etc.

Elles, coitados, lá respondiam laconicamente, como se lhes custasse recordarem-se...

No meio de todas estas diversões e alegrias, na Universidade, solitario e triste, fazendo concertos so-inho, pois os companheiros partiram, o Alberto Moraes seguia de longe os movimentos da *Tuna* em Thomar, julgando o que melhor fóra experimentar, como disse o immortal Camões...

Terminamos esta desprezenciosa chronica felicitando o nosso amigo Plinio Vianna, ao qual se deve esta ultima excursão, sem duvida a melhor de todas aquellas que a *Tuna* tem feito.

Se todos soubessem como elle ser *tunos*... onde iria a *Tuna*?

GABIRU.

Bilhete de recommendação

Não deixa o sr. Fuschini de fallar de si no seu livro, e a proposito do que seria se fosse rei ou presidente da republica, espraia-se nestas doces illusões:

«Se eu fosse rei, ou presidente da republica, ouviria, certamente, e promoveria, até, as considerações politicas dos cidadãos do meu paiz; corrigiria, porém, logo o desmando, se apreciação sobre pessoas, das que directamente interferem na politica, saltasse na exposição, quando por mim não fosse solicitada.

E assim succederia! A questão dos credores ficou, razoavelmente, encerrada, as restant... Oh, minha alma prophetica!

Se é licito empregar aqui a phrase do grande vice-rei da India, direi, como Alfonso d'Albuquerque: *Fallando verdade me indispuz com o rei por causa do povo, e com o povo por causa do rei.*»

Provas de concurso para a presidencia d'uma republica em perspectiva.

Se fórmos do jury, conte com — um

O LIVRO DO SR. FUSCHINI

Tem sido o objecto de todas as conversações, nesta pacata cidade, o livro do sr. Fuschini.

A nós, porém, não nos causou sensação, habituados como estamos, ás patifarias do governo que, por mercê de Deus e vergonha nossa, se chama constitucional.

Cada um póde dar-lhe o nome que muito bem quizer e entender. Nós somos da opinião do monarchico — só nisto — que o al-cunhou de — *governo de bandidos*.

E depois, para nós tanto valor têm os accusados como o accusador; todos são monarchicos e todos se rojam aos pés da majestade... ou a majestade se roja aos pés d'elles, d'esses ineptos que a todo o momento nos humilham tanto interna como externamente.

São grandes as accusações feitas pelo Fuschini: mas o que é fóra de duvida é que elle cooperou nellas, cabendo-lhe por isso a sua responsabilidade. E' mais um foragido das fileiras governamentaes para outro partido monarchico — já se entende — que o aceitará de braços abertos.

São dignos uns dos outros!...

E no entanto as perseguições politicas continuam, sem que este povo, paciente até ao exaggero, solte dos labios um grito de revolta e arremesse para longe a tutela d'esses infames ministros que, a cada momento, o estão sobrecarregando com pesadissimos encargos, e a tolher-lhe um dos mais santos principios — a liberdade!

Se fossemos a desenrolar o comprido sudario das patifarias praticadas por esses imbecis, teriamos de córar de vergonha perante as nações civilisadas, para quem ainda conservamos uns vislumbres de heroísmo.

Aonde estará o sangue dos nossos antepassados? D'esses que nos legaram as paginas brilhantes da nossa historia e obraram perante o mundo inteiro prodigios d'um valor inegalavel?

Repousará tambem junto dos nossas glorias no pantheon dos Jeronymos?

Naturalmente.

Um povo que toléra todo esse estendal de miserias que as gazetas, dia a dia, vêm trazendo ao nosso conhecimento, não é digno herdeiro d'esse sangue.

E' tempo de repararmos os nossos males.

Ainda resoa em nossos ouvidos o grito de entusiasmo com que recebemos esse punhado de heroes que veio de assegurar o nosso prestigio na Africa Occidental, combatendo as aguerridas hostes do Gungunhana, hoje nosso prisioneiro de guerra no forte de Monsanto.

Porque não combatemos nós com a mesma força de entusiasmo os *Gungunhanas* que por ahí passeiam livremente, muitissimo mais perigosos que o ex-rei de Gaza?

Feito isto teriamos cumprido o nosso dever, livrando a humanidade d'esses perversos que dão leis neste desgraçado paiz onde a corrupção lavra a passos de gigante, transportando-nos ao abysmo.

Ha por ahí tanta cadeia devoluta...

E' provavel que os livros se succedam. Atraz do Fuschini virá o Hintze, o *Festas*, etc., e nós, na nossa indolencia, continuaremos a supportar toda esta cambada até que um dia o povo comprehenda a sua situação.

Se a comprehender...

Diz o antigo rifão:

Agua molle em pedra dura
Tanto bate até que fura.

SOYNAS.

Contra a imprensa

A perseguição á imprensa vac-se propagando pelo paiz, e os janisaros, ás ordens do governo não se recusam a bem desempenhar a sua odiosa missão.

Ao nosso collega *O Correio de Ceia*, foi promovida a instauração d'um processo por supposto abuso de liberdade de imprensa.

O administrador do conceito para ser grato ao patrão, e fazer jus a melhor gorjeta, quiz dar provas do seu sabujismo monarchico, perseguindo o redactor do *Correio de Ceia*, porque elle protestára pelo attentado que se praticára em Lisboa contra a propriedade do cidadão livre, assaltando-se as officinas do *Paiz* e da *Vanguarda*, o que levantou justos protestos de toda a imprensa, a qual combateu o acto criminoso do nefasto juiz Veiga, que tão indignamente attentára contra a liberdade individual.

Em todo o reino a imprensa independente protestou com energia, sem que lhe apparecesse, como em Ceia, um selvagem d'um

administrador que se lembrou de instaurar processo a um jornalista digno, por que, no cumprimento d'um dever de solidariedade, protestou com vehemencia e altivez contra um acto despotico das justias do carrasco do João Franco!

E' uma extorsão e uma arbitrariedade do administrador de Ceia, tyrannete de comedia, que abusa da sua grotesca auctoridade para perseguir um jornalista honrado e independente.

Protestámos bem alto contra a perseguição que se está fazendo á imprensa e a vingança que se exerce contra adversarios.

Vão enchendo o calix da amargura que lhe hão de beber as fezes.

Assumptos de interesse local

Homenagem patriotica

Por proposta do sr. dr. Luiz Pereira da Costa, presidente da camara municipal d'esta cidade, foi ha tempos resolvido que se desse a duas ruas d'esta cidade, os nomes dos valentes heroes d' Africa Mousinho d'Albuquerque e coronel Galhardo.

Essa proposta, que é por todas as maneiras sympathica, foi a primeira que se fez em Portugal nesse sentido; como se demonstrasse na collocação das lapides, houve quem dissesse que ella tinha ficado no olvido. Tal não succede, pois a camara, vac mandar reformar os numeros das portas d'esta cidade, bem como os nomes das diferentes ruas, e nessa occasião, serão collocadas as lapides com os nomes gloriosos do coronel Galhardo e capitão Mousinho.

Pensa-se realisar essa solemnidade com grande aparato.

De Coimbra a Luso

A *Associação Commercial* d'esta cidade, tinha ha tempos enviado uma representação á *Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes*, para que fosse estabelecido um comboio *tramway* entre esta cidade e a formosa instancia, Luso.

Como isso representava um util e agradável melhoramento para Coimbra, respondeu a *Companhia Real* que não podia satisfazer tal pedido, em virtude de não poder estabelecer um accordo com a *Companhia da Beira Alta*...

E' caso para se repetir com fundamento — coisas de Coimbra...

O sr. Manuel José da Costa Soares, conceituado industrial e proprietario da primeira cocheira de Coimbra, vac estabelecer uma carreira para o Bussaco, todas as quintas e domingos, constando-nos que os preços d'essas carreiras, serão modicissimos.

Nos outros dias da semana, e quando haja oito pessoas que queiram seguir para aquelle aprazivel sitio, haverá tambem uma carreira extraordinaria, pelos mesmos preços.

Falta de limpeza

Chamámos a attenção das auctoridades competentes para a immundicie em que se encontra a rua Fernandes Thomaz, e toda a cidade.

Um dos moradores d'esta rua, vendo-se continuamente incommodado com o mau cheiro que as valetas exhalam, frequentes vezes tem mandado, á sua custa, lava-las e deitar-lhes alguns cantaros d'agua, para ver e póde estar em sua casa a tratar das suas occupações.

São geraes as queixas que neste sentido temos diariamente recebido; hoje recorreremos ás auctoridades para que ponham cobro a este abuso e a esta ameaça á saude publica, sem querermos já referir-nos á hygiene, em Coimbra completamente ignorada ou esquecida.

Bradaremos no deserto; mas, em todo o caso, satisfazemos o pedido que neste sentido nos foi feito, e cumprimos o nosso dever como jornalistas amigos da sua terra e dos seus habitantes.

Nova firma

O conhecido estabelecimento de calçado que pertenceu ao fallecido Daniel Guedes Coelho, sito na rua da Sophia, passou por disposição testamentaria para o sr. Alfredo Cardoso Santiago, contra mestre d'esse estabelecimento.

Este senhor, que é um habil artista, espera continuar a honrar os mercedos creditos de que gozava o fallecido proprietario de aquella sapataria, que está montada de maneira a satisfazer os mais exigentes.

O sr. Santiago, é um artista tão habil como modesto; é pois digno da protecção da numerosa clientella que o estabelecimento tem.

Providencias

Na igreja do Collegio Novo, continuam a dar-se scenas pouco edificantes. A missa do meio dia, costumam juntar-se no corredor, grande numero de estudantes, que postados em alas dirigem *chufas* a quem alli vae, chegando a dirigir inconveniencias ás senhoras que passam.

Ora, este facto, provoca justa indignação a quem alli vae assistir ao sacrificio da missa, e é improprio dos *graciosos mancebos*.

Já em tempos o sr. commissario de policia, tomou energicas providencias a tal respeito, mas volvido pouco tempo, permaneceu o mesmo estado de cousas.

A quem competir, pedimos providencias tendentes a fazer cessar tal abuso.

Conferencias religiosas

Robert Morton, ministro da igreja evangelica methodista, vem brevemente a esta cidade fazer duas conferencias religiosas.

Essas conferencias, não têm caracter publico, e serão realisadas em uma casa particular.

Tentativa de roubo e assassino

Em Coselhas, lugar que distaa a um kilometro d'esta cidade, deu-se um caso que impressionou os habitantes d'aquelle lugar, bem como o povo d'esta cidade.

Um gatuno, conseguiu introduzir-se em casa d'uma velhota, chamada Theresa Paula, com o intuito de a roubar. A velhota, acordou no momento em que o atrevido gatuno tentava levar a effeito a sua *façanha*, e quiz gritar por soccorro; nesse momento, o meliante tentou espetar-lhe uma navalha ao pescoço, o que ella evitou, segurando-lhe os pulcos, soffrendo nessa occasião alguns golpes nas mãos.

Gritou á voz d'el-rei e o larapio receiando que a vizinhança acordasse aos gritos que a velha soltava, pôz-se em fuga, deixando um guarda-sol e um varapau e levando apenas consigo a quantia de 1730 réis, que estavam sobre uma mesa.

A policia procede activamente para descobrir o auctor do attentado.

Rusga

A policia fez hontem de madrugada uma rusga a uma *casa de malta*, sita em Santa Clara conhecida pela *casa da Barbuda*.

Prendeu quinze homens e duas mulheres para averiguações, findas as quaes serão remittidos para as suas respectivas terras.

O que nós bebemos!!!

Constou á policia que, proximo á ponte da Portella, se achavam no rio e em completo estado de putrefacção, um cão e um burro!

Imaginem que *saborosas aguas* nós bebemos; o poetico e crystalino Mondego, transformado num deposito de guano! Sufa que smquanto esta nos lembrar nós mais bebemos as taes *aguas crystalinas*.

A policia mandou immediatamente tirar do rio os dois animalejos.

Theatro Affonso Taveira

Para este theatro virá brevemente uma companhia hespanhola dramatica, comica e lyrica, que actualmente trabalha em Soure.

O leite

Informam-nos de que a inspecção do leite está sendo feita pelos policias, os quaes assim obedecem a quem os manda, mas, francamente, nada percebem do caso.

Ora, como todos sabem, é do leite que muitas vezes se originam grandes doenças.

A tísica, por exemplo, que em Lisboa tantas vidas ceifa, attribuem muitos medicos o seu desenvolvimento á má qualidade do leite, principalmente ao que as leiteiras fornecem, porque o sahido das vaccarias é convenientemente analysado, não como cá pelos policias, mas por veterinarios, nos quaes se pode confiar.

Rogamos pois a quem incumbe olhar por este serviço, que não despreze o assumpto cuidando-o com a attenção que elle merece, e nós, as victimas, lhe reconhecemos. Atrevemo-nos a lembrar o seguinte:

Havendo nesta cidade varias pessoas habilitadas com o curso de veterinaria pela *Escola Central de Agricultura*, nada custaria, pelo contrario haveria a maxima facilidade em conseguir que, qualquer d'ellas, se encarrega-se da inspecção do leite, que por ahi se vende e todos compram por bom, sendo ás vezes baptisado com agua e outras mixordias nocivas para o estomago.

Ahi fica o alvitre; e, oxalá, lhe dêem realisacção prompta, no que prestarão um bom serviço á população conimbricense.

Festa em Condeixa

Ante hontem, celebrou-se em Condeixa uma grande festividade á sr.ª das Dores.

De Coimbra, foram tomar parte nessa festividade 26 musicos e cerca de 50 cantores, que cantaram a primor o *Stabat Mater* de Rossini.

Associação de classe

A *Associação de classe dos fabricantes de calçado de Coimbra*, conta já 150 socios.

Os fins d'esta util aggremação, são os seguintes.

1.º O estudo e a defeza dos interesses da industria do fabrico de calçado, sob o ponto de vista economico e industrial.

2.º Procurar a illustração dos operarios pertencentes a este ramo de trabalho, desenvolver profissionalmente o fabrico do calçado, pondo-o em circumstancias de competir com o calçado estrangeiro.

3.º Realisar sessões de boa e util propaganda operaria.

4.º Realisar conferencias artisticas, profissionais, ou de manifesto interesse economico ou social.

5.º reclamar superiormente todas as vezes que o presente ou o futuro da classe seja ameaçado.

Oxalá que não desanimem do seu nobre e justo intento.

DIVERSAS

Está nesta cidade o nosso patricio e querido amigo sr. dr. Francisco Antonio da Cruz Amante, digno cirurgião ajudante de infantaria 2.ª Sua ex.ª, fez parte da expedição que em Africa anniquilou os vátuas, prestando nessa occasião reconhecidos e assignalados serviços.

Cumprimos-lhe.

Uma filha do nosso amigo Julio Augusto da Fonseca, que ha dias guarda o leite com uma pertinaz doença, está felizmente livre de perigo.

Por tal motivo felicitamos o seu extre-

dominados pelo terror, fugiam na frente de frei Rozendo e dos marinheiros piratas.

Manuel José Fernandes era corajoso; animou os escravos, e fez fogo. Um dos marinheiros caiu morto; os outros recuaram, mas cobraram animo com as palavras do frade; avançaram na occasião em que os pretos, mais senhores de si, armados de paus e facas de mato os carregavam pela retaguarda.

Manuel José Fernandes conheceu frei Rozendo, e disse-lhe:

— Ah! monstro, que nunca me enganaste! A mim, infame, vil assassino, que te quero cortar as orelhas! Vem a mim, vibora tonsurada!

— Vou fazer-te a vontade, miseravel vilão, que te contentaste com os sobejos de teu amigo Carlos!...

Manuel José Fernandes, ao ouvir a insolencia do frade, o insulto feito á virtude de sua esposa, rangeu os dentes e correu para elle; frei Rozendo não o esperou: lá tinha as suas razões. Disparou uma pistola sobre elle; o tiro porém não partiu: estava descarregada.

Deitou-se ao frade, mas este evitou a lucta, misturando-se com os bandidos.

— Infame, cobarde, não fujas! Não te escondas, que esta lucta é de morte!

Ao dizer isto, atirou-se sobre os assassinos, dizendo para os seus escravos:

— A elles, meus filhos, que nos querem

moso pae, fazendo ardentes votos para que a galante creancinha se restabeleça breve.

No dia 1 do proximo mez d'abril, parte para o Brazil, a fim de tratar dos seus negocios, o nosso amigo sr. Joaquim Seraphim. Feliz viagem e que regresse breve, eis o que ardentemente lhe desejamos.

O sr. João Antonio da Cunha, acreditado industrial d'esta cidade, está ha dias bastante doente.

Anciamos pelas suas melhoras.

Tambem está em Coimbra o sr. tenente Ferreira, da administração militar, que em tempos foi thesoureiro do conselho administrativo d'infanteria 23, e que fez parte da expedição.

O sr. dr. Lopes Vieira, foi encarregado de organizar as collecções zoologicas dos museus de Lisboa, Porto e Coimbra.

Tem passado incommodado com um ataque rheumatico o nosso amigo, sr. Antonio Mendes Corrêa, a quem desejamos completo restabelecimento.

ASSOCIAÇÃO DE SOCCORROS MUTUOS

Monte-Plo Conimbricense MARTINS DE CARVALHO

Balancete da receita e despeza nos mezes de janeiro e fevereiro de 1896

RECEITA

Jóias	103400
Quotas	391260
Multas	78400
Venda de diplomas	600
<hr/>	
Fundos em 31 de dezembro de 1895....	4098660
	40:3078767
	40:7174127

DESPEZA

Soccorros pecuniarios	1278620
Pensões a viúvas	74310
Subsidios a invalidos	39865
Percentagem ao cobrador	12240
Renda de casa	20800
Doctna de juros	70835
Baixa em capitais amortizados	900
Papel para um livro e para expediente	18000
Impressão do projecto de estatutos	9660
Subsidio para o funeral d'um socio	7200
<hr/>	
	3684530

Fundos existentes em 29 de fevereiro:	
Em escripturas	8:616230
Em inscrições	1:023000
Em uma letra	10000
Em dinheiro effectivo	6748647
<hr/>	
	40:3538897
	40:7174127

Indicação dos cofres a que pertencem estes fundos:

Permanente	5:103200
Das pensões	4:390306
Dos subsidios	729478
De reserva	4018773
Disponivel	294140
<hr/>	
	40:3538897

O secretario da direcção,
Joaquim Teixeira de Sá.

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

DIRECTOR

EUGENIO DE CASTRO

Collecção de obras primas de todas as litteraturas, antigas e modernas

Sahirão 2 volumes por mez, nos dias 10 e 25

Está publicado o 2.º volume

FIALHO D'ALMEIDA

MADONA DE CAMPO SANTO

Preço de cada volume cuidadosamente impresso em bom papel com o retrato do auctor

100 RÊIS

Successivamente serão publicadas as obras-primas de:

Thiophilo Braga, Eça de Queiros, Bento Moreno, Gabriele d'Annunzio, Paul Bourget, Pierre Loti, Gustave Flaubert, Maupassaut, Zola etc. etc.

Para assignar esta publicação, basta enviar o nome e morada á

LIVRARIA MODERNA

Augusto d'Oliveira—EDITOR

COIMBRA

A cobrança será feita pelo correio por series de 5 numeros.

UTIL PUBLICAÇÃO

A *Revista da Folha Official*, que se publica ás segundas-feiras, dá conta, reproduzindo umas vezes na integra, outras por extracto ou sumario, de todos os diplomas officiaes publicados no *Diario do Governo*, durante a semana anterior, quer dizer, de segunda-feira a sabbado, sendo d'esta forma um repositorio elucidativo e de utilidade geral. O preço de assignatura e: por trimestre, 300 réis; semestre, 900.

Quando no *Diario do Governo* não contenha materia util para preencher qualquer numero da revista, será completado com a publicação de diversas leis, embora promulgadas anteriormente ao apparecimento d'esta publicação, o que certamente deve contribuir para lhe augmentar o interesse.

Regulamento do recrutamento militar

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua da Atalaya, n.º 183. 1.º, Lisboa, tem breve a sair do prelo a edição do ultimo *Regulamento dos serviços do recrutamento militar*, approvado por decreto de 26 de dezembro de 1895. Nesta edição acompanha o Regulamento um copioso *repertorio*, para facilitar a consulta, poupando assim tempo e trabalho a quem o compulsa.

pocrisia do que da virtude. São muitas vezes, senão sempre, um jogo de falsidades, um remendo na alma, para tapar a falta dos sentimentos que deviam existir.

Pela nossa parte sempre antipathisámos com as pessoas que por tudo choram.

D. Maria Adelaide, quando viu chegar seu marido, cobrou animo; agradeceu a Deus a protecção que lhe dera. Porém, ouvindo a narração que elle lhe fez, as faces tingiram-se-lhe d'uma pallidez mortal! Era o terror que o nome de frei Rozendo lhe diffundia na alma! Temia-o como se pôde temer uma fera.

E não seria aquelle frade peor do que uma fera? Não seria temival nas suas vinganças?

Frei Rozendo ia furioso por lhe ter falhado o seu plano; assim que chegou a bordo contou ao pirata quanto se tinha passado.

O commandante não ficou satisfeito; receiou que o resto fosse peor; nessa mesma noite mandou metter barras ao cabrestante e suspender ferro.

Na madrugada do dia seguinte o brigue singrava veloz, fugia ao castigo, antes de lhe darem caça.

Voltemos a Carlos. Depois que deixou D. Carlota, proseguiu na vida a que a fatalidade o levára.

(Continua)

66 Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS FINO DE ALMEIDA

CAPITULO XII

Corsario e pirata

O escravo que gritara levantou-se e chamou mais dois, que ficavam numa cabana proxima; á luz de um archote viram dois homens no pateo: correram para elles, mas um caiu fulminado com um tiro.

A este tempo já as labaredas saíam assustadoras das cabanas que ficavam do lado do sul! Os engenhos pareciam uma carterá; os escravos correram de tropel para junto do proprietario, que amavam como pae.

Manuel José Fernandes acordou aos gritos dos fugitivos, ao estrondo dos tiros de fuzil! Ao ver o clarão do incendio, tremeu pela esposa e pelo filho. Despertou ambos; correu ao local do perigo na occasião que os pretos,

RECLAMES E ANNUNCIOS

JOÃO RODRIGUES BRAGA
SUCCESSOR
17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA
2 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de panos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.
Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.
Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

50 • RUA DE FERREIRA BORGES • 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

- Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.
- Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.
- Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.
- Faqueiros:** Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.
- Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.
- Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se em pregam em construcções hydraulicas.
- Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.
- Tintas para pinturas:** Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.
- Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.
- Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.
- Electricidade e optica:** Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os maisapparehos concernentes.
Pastilhas electro-chimicas, a 50 réis }
Brilhante Belge, a 160 réis. } indispensaveis em todas as casas

NOVO DEPOSITO DAS MACHINAS DE COSTURA



INGER

ESTABELECIMENTO

DE

FAZENDAS BRANCAS

DE

MANUEL CARVALHO

29 — Largo do Principe D. Carlos — 31

Encontra o publico o que ha de melhor em fazendas brancas e um completo sortido das recentes novidades para a estação de verão e que esta casa vende por preços baratissimos.

As verdadeiras machinas de costura para costureiras, alfaiates e sapateiros, vendem-se no novo deposito em condições, sem duvida, mais vantajosas do que em qualquer outra casa de Coimbra, Porto, ou Lisboa, apresentando sempre ao comprador um sortido de todos os modelos que a mesma Companhia fabrica.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes. A dinheiro, com grandes descontos.

ENSINO GRATIS, no deposito ou em casa do comprador.

Na mesma casa executa-se com a maxima perfeição qualquer concerto em machinas de costura, seja qual fór o auctor, tendo para isso officina montada.

Ao comprador de cada machina será offerecido, como brinde, um objecto de valor. Dão-se catalogos illustrados, gratis.

Vende-se oleo, agulhas, carros d'algodão, torçoes e peças soltas para todas as machinas.

29 — Largo do Principe D. Carlos — 31

PROPRIEDADE

48 Vende-se uma que se compõe de terra de sementeira, oliveiras e mais arvores de fructo, com duas casas de habitação e dois poços de agua, junto á igreja de S. Martinho do Bispo. Tem serventia obrigada pelo adro da igreja, assim como tambem tem serventias de carro, etc.

Trata-se com Fortunato Secco, do Almegue, morador á Guarda Ingleza.

CORREARIA CENTRAL

DE

Adriano Francisco Dias

9—Rua de Ferreira Borges—15

COIMBRA

Distinctivo da casa Jockey com um cavallo á mão.

O proprietario da Correaria Central que durante trinta e quatro annos teve o seu estabelecimento na rua do Visconde da Luz, 105 a 111, o qual trespassou por successos imprevistos, teve de se estabelecer novamente, e tem hoje um grande sortido de tudo quanto diz respeito ao seu antigo commercio e industria.

Encontram-se magnificos selins e apparehos á Relvas e á Campina, cadeirinhas para senhoras andarem a cavallo, cabeçadas, freios briddões, lóros, estribos, escovas, camurças, esponjas e todos os mais utensilios necessarios para limpeza de cavallos e carros, lanternas para carros, e pingalins.

Grande sortido em malas e todos os mais utensilios para viagem.

Espingardas para caçadores, cintos, colletes, cartuchos, e todos os precisos aos amadores de caça e pesca.

Gaiolas para canarios e brinquedos para creança.

Tudo vende por preços baratissimos.

Vende um phaeton em bom uso que serve para um e dois cavallos, dois pares de arreios de parelha, um com ferragem amarella e outro branca, um arreo de ferragem amarella para um só cavallo, tudo em bom uso e por preços convidativos.

Tambem executa na sua officina bons arreios para parelha ou para um cavallo; assim como se encarrega de estofar Coupés, Landaus e Caleches, para o que tem um empregado habilitadissimo, não havendo em Coimbra competidor neste genero.

COMPANHIA AUXILIAR

Esta companhia muda o seu escriptorio do Arco do Bispo n.º 2 para o largo de S. João n.º 6, donde continua com as mesmas operações, e em casa muito mais apropriada para o seu myster.

Em razão de construir uma nova armação, vende por preço muito em conta a que tem na referida casa do Arco do Bispo, e tambem sobloca a dita casa até á terminação do arrendamento que é pelo S. Miguel do corrente anno.

A armação serve para mercearia, fazendas brancas, ou quinquilherias. Coimbra, 11 de março de 1896.

O caixaero da companhia

João Favas.

VENDA DE CASAS

Vendem-se umas, na rua dos Militares, n.ºs 11 a 13, com loja e tres andares. E' livre de onus.

Quem a pretender pôde procurar na mesma casa, onde se fará o contracto.

QUEIJO DA SERRA

Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa, das melhores queijeiras do concelho d'Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

PAPELARIA CENTRAL

2—Rua do Visconde da Luz—6

LAMPREIAS

Vendem-se guisadas e de esca-beche, por preços commodos.
Hotel Comercio — Coimbra.

AGUAS MINERO-MEDICINAES SULPHUREAS

DE

ENTRE-OS-RIOS

Estas aguas conhecidas e receiptadas desde 1531, são applicadas Internamente para as molestias do estomago, hexigirins, e muito especialmente para todos os orgãos respiratorios; Externamente em lavatorios e banhos nos herpes.

Vendem-se em garrafas de 1/4 de litro.

Deposito em Coimbra

DROGARIA DE JOSÉ FIGUEIREDO & C.ª

Montarroyo 25 a 33

PREVENÇÃO

Na padaria ao arco d'Almedina, vende-se, e manda-se a casa dos freguezes, o seu pão fino da melhor qualidade, geralmente a 25 réis cada 2 pães.

LIVROS DE MISSA — NEVES IRMÃOS

JULIANO A. D'ALMEIDA & C.ª

20—Rua de Sargento Mór—24

COIMBRA

13 N'este antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes, com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem tem lãsiuhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento vendem-se magnificas armações para guarda-soes, o que ha de mais moderno.

VINHO SEM COMPETENCIA

EM PREÇO E QUALIDADE

44 Vinho da Beira novidade de 1894

a 90 réis o litro

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado — garrafa 100 réis o litro.

Quem comprar de 20 litros para cima

tem 10 q/º de abatimento.

Taberna á Se Velha junto ao arco

da rua da Ilha.

5 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER.**

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**

COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

N'este deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR — Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração — Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiro

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

	Com estampilha	Som estampilha
Anno	25700	Anno 25400
Semestre	15350	Semestre 15200
Trimestre	680	Trimestre 600

ANNUNCIOS: — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS: — Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Impresso na Typographia Operaria — Coimbra